

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA

UMA RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO: O CASO WOLFRAN
METZLER (INTEGRALISMO, PRP E IGREJA CATÓLICA,
1932-1957)

VERIDIANA MARIA TONINI
MESTRANDA

ASTOR ANTÔNIO DIEHL
ORIENTADOR

PASSO FUNDO, MARÇO DE 2003

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender algumas questões pertinentes às relações de poder que se desencadearam em algumas regiões de colonização alemã e italiana do Rio Grande do Sul entre integralismo, Igreja Católica, Partido de Representação Popular e imigrantes. Para isso centra-se na figura de Wolfram Metzler, político atuante no estado, militante integralista/perrepista de grande respaldo entre os imigrantes e membros do clero. Através dessa figura política é possível constatar que ocorreram intensas relações de membros do clero com a política, uma teia de conflitos que se entrelaçaram no período 1932-1957 em meio à sociedade rio-grandense. Percebe-se ainda, que a Igreja utilizou muitos mecanismos junto aos imigrantes e, sobretudo, a juventude e a imprensa na luta por espaços políticos. Em diferentes períodos, essa instituição teve posicionamentos diferentes em relação à política, mas, mesmo que em teoria, não pudesse se envolver, verifica-se que muitos membros do clero posicionaram-se claramente por um partido, e na sua maioria por partidos de direita, até mesmo pelos totalitários.

INTRODUÇÃO

Questões políticas continuam sendo objeto de grandes discussões, sobretudo quando se referem ao envolvimento da Igreja Católica com partidos de características totalitárias ou simpáticos a essas. Neste estudo, tratamos do envolvimento dessa instituição com membros do integralismo e do Partido de Representação Popular e de sua atuação junto aos imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul.

Buscamos compreender como se davam as relações de poder entre membros integralistas e perrepistas tomando a figura de Wolfram Metzler, importante membro, militante e líder da AIB e também do PRP junto aos imigrantes e a membros do clero. A atuação política de Metzler suscitou muitos questionamentos referentes à atuação da Ação Integralista Brasileira, do Partido de Representação Popular e do clero junto aos imigrantes. Por sua liderança, por engajar-se politicamente, como vereador, deputado estadual, deputado federal, candidato a governador do estado e presidente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, em projetos como a defesa da escola particular, a reforma agrária e a defesa aos imigrantes, seus feitos são relevantes no contexto conturbado das décadas de 1930, 1940, 1950, merecendo uma análise mais atenta.

Ao propor um trabalho em âmbito regional sobre integralismo, PRP, Igreja Católica e imigrantes alemães e italianos, ressaltamos a importância deste tipo de estudo porque abre novas perspectivas no que se refere ao resgate de peculiaridades regionais, rompendo com o absoluto, isto é, de tomar o todo, o nacional, apenas como verdade e regra. Será que, de norte a sul do estado, as relações entre o integralismo, PRP, imigrantes e Igreja foram idênticas? Podemos dizer que há uma homogeneidade em relação às ações dos políticos perrepistas e membros da Igreja no estado? Temos clareza de que não é possível generalizar tal procedimento; por isso, salientamos, com convicção, que estudos regionais contribuem para desmistificar as explicações totalizantes.

O corte cronológico tem como eixo central as décadas de 1930, 1940, 1950, mas buscamos uma base de sustentação na República Velha, já que, nesse período, significativas mudanças ocorreram na política, no social, no econômico e também no religioso. Tal delimitação transcende em alguns momentos esse corte cronológico, permeando as décadas de 1960, 1970 e 1980 para, assim, ser possível uma reflexão mais ampla.

Partindo de alguns pressupostos da República Velha, poderíamos dizer que, nas décadas de 1920 e 1930, uma gama de acontecimentos demonstrou a constante luta da Igreja em retomar seu prestígio e sua ação em meio à sociedade. Em nível nacional, no ano de 1922 ocorreu a fundação do Centro D. Vital, ligado à revista *A Ordem*, que proporcionou uma renovação espiritual: “O movimento que se organiza em torno do Centro D. Vital busca um fortalecimento da igreja e uma maior liberdade perante o Estado, almejada desde o Império.”¹

Nesse período, a Igreja também buscou um espaço político fortificando sua ação em meio aos imigrantes. Ressalta-se a criação, em 1932, da Liga Eleitoral Católica (LEC), que funcionaria como coordenadora das forças eleitorais para a escolha de candidatos que defendessem os interesses da Igreja. A LEC passaria a ter um papel de mecanismo suprapartidário, amparada pela ajuda da Ação Católica, que se destacava no trabalho com leigos e buscava levar a mensagem da Igreja ao campo do social.²

A partir de 1934 também aconteceu a expansão dos Círculos Operários, ficando explícito o posicionamento da Igreja como sendo a instituição que melhor garantiria o funcionamento social, político e econômico.³

No que tange ao Rio Grande do Sul, há um ingrediente a mais para levantarmos questões em relação à ação da Igreja, que foi a simpatia de membros do clero e do arcebispo dom João Becker pelo fascismo italiano. E no século XIX, o estado sulino recebeu um grande número de imigrantes italianos e alemães, contribuindo, assim, para uma estruturação social calcada na propriedade familiar e nos princípios religiosos.⁴ Cabe

¹ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e nação*. São Paulo: Ática, 1990, p. 27.

² GERTZ, René E. Integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 232.

³ BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1984. v. 11. p. 318.

⁴ BEOZZO, op. cit., p. 275.

salientar que, em âmbito nacional e no Rio Grande do Sul, a Igreja Católica era uma instituição enfraquecida até os anos finais do regime imperial, com precárias condições de atendimento, nenhum seminário no estado e nenhuma ação missionária organizada.⁵

Diante das precárias condições em que se encontrava, do não-atendimento dos interesses do bem-estar e de melhorias para a população, a Igreja tomou como sua a tarefa de motivar o Estado na solução dos problemas sociais.⁶ Para conquistar mais espaço, aproximou-se do positivismo procurando uma política de conciliação.⁷ No contexto rio-grandense, o catolicismo e o positivismo aproximaram-se, ambos temerosos do crescimento da esquerda. “Diante deste contexto, obviamente a igreja combate os movimentos de esquerda e fica ao lado de seu inimigo de ontem – o positivismo, com suas práticas autoritárias e conservadoras.”⁸

Nas primeiras décadas do século XX, a Igreja intensificou suas ações junto à sociedade, buscando assegurar um maior controle e fortalecer-se, e um dos meios utilizados para isso foi através da expansão educacional. Por outro lado, o ameaçador comunismo era o inimigo a ser combatido, para o que medidas teriam de ser tomadas. Para defender os princípios católicos e anti-revolucionários e alertar sobre o perigo das doutrinas naturalistas e materialistas, investiu-se na imprensa e em associações católicas, como a revista *A Ordem*, a fundação do Centro D. Vital e da Confederação Católica, que mais tarde se tornaria a Ação Católica Brasileira.⁹

Diante disso, fica claro que a Igreja adotava estratégias envolvendo a família e instituições educacionais e, no Rio Grande do Sul, também estratégias políticas, como o apoio ao Estado positivista para conquistar seu espaço. Astor Antonio Diehl destaca que a Igreja buscou, na sociedade rio-grandense, manter-se no poder com uma estratégia que se assentava no tripé: combate ao materialismo através da *boa imprensa*, organização de associações de senhoras, de estudantes e aproximação com o operariado pela organização dos Círculos Operários.¹⁰ Portanto, houve intenso interesse da Igreja em redimensionar seu

⁵ GIOLLO, Jaime. *Estado, Igreja e educação no RS da Primeira República*. Tese (Doutorado) - Feusp, São Paulo, 1997. p. 211.

⁶ DIEHL, Astor Antônio. *Os círculos operários: um projeto sociopolítico da Igreja Católica no RS. 1932-1964*. Porto Alegre: Edipucrs, 1990. p. 16.

⁷ Idem, p. 23.

⁸ GIOLLO, op. cit., p. 277.

⁹ DIEHL, op. cit., p. 29.

¹⁰ Idem, p. 26.

papel junto à sociedade e, especialmente, entre os jovens, pois considerava-se representante da vontade de todos, além de almejar reconquistar sua hegemonia.

Os integralistas, ao apresentarem em sua doutrina o lema “Deus, Pátria, Família”, atraíram fortemente a Igreja, que, com sua tradição conservadora, via com bons olhos os regimes totalitários, pois estes, segundo sua concepção, eram os únicos capazes de lutar contra o *perigo vermelho*.¹¹ Por isso, muitos bispos católicos e arcebispos de vários estados do Brasil, como Francisco, arcebispo metropolitano de Cuiabá; José, bispo de Bragança; Luís, bispo de Uberaba; José, bispo de Niterói, e muitos outros, manifestaram-se a favor do integralismo e conclamavam os fiéis a que, num momento tão gravíssimo que a sociedade atravessava, apoiassem e defendessem os fundamentos morais da pátria brasileira pregados pela AIB. “A igreja recebia em seu seio, como filhos bem-vindos os camisas verdes pelo trabalho que estão realizando e por estar de acordo com a doutrina católica.”¹²

Há, portanto, evidências claras de que a Igreja Católica se envolveu com o integralismo e com o PRP, principalmente nas regiões do Rio Grande do Sul onde a imigração foi intensa. Os jovens eram constantemente chamados a fazer parte do movimento e a lutar pela construção de um novo país. A AIB colocou a educação da juventude como um dos objetivos primordiais de sua atuação na sociedade brasileira, como o fizera a Igreja. Na década de 1940, contudo, o posicionamento da Igreja tomou um rumo diferente, pois, no contexto da Segunda Guerra Mundial, não mais cabia apoio explícito a partidos com tendências totalitárias, apesar de, mesmo no pós-45, alguns membros do clero permanecerem como simpatizantes dos ideais integralistas, integrados agora no PRP.

Segundo Artur Isaia, a Igreja Católica mostrou-se simpática à Itália fascista, o que é possível perceber nos pronunciamentos oficiais da arquidiocese¹³ e também em várias revistas católicas e jornais.¹⁴ Em âmbito externo, em 1929, o fascismo conseguiu substancial apoio da Igreja, com a assinatura do Tratado do Latrão. Esse apoio não ficou restrito à Itália, pois as comunidades italianas no exterior iriam servir para a divulgação do regime e, ainda, dispor da máquina administrativa da Igreja espalhada pelo mundo (escolas,

¹¹ Expressão utilizada por vários autores para se referir ao regime implantado na URSS. RODEGHERO, Carla Simone, em *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e igreja católica no RS. 1945-1964*. Passo Fundo: Ediupe, 1998, aborda de forma clara tal questão.

¹² *Jornal União*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1937.

¹³ ISAIA, Artur C. *Catolicismo e autoritarismo no RS*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998. p. 192.

¹⁴ *Unitas; Estrela do Sul*, Porto Alegre, 1932-1938.

jornais, revistas, paróquias).¹⁵ Loraine Giron enfatiza que a propaganda fascista passou a contar não só com o importante jornal *Il Giornale Dell Agricoltore*, mas também com o jornal *O Bandeirante*, do grupo integralista, e do *Stafetta Riograndense*, mantido pela congregação dos capuchinhos.¹⁶

Por sua vez, João Fábio Bertonha discute a questão da expansão do fascismo na América Latina, salientando que a tendência fascista a partir de 1932-1933 abriu um novo canal pelo qual a influência italiana podia ser transmitida. No caso brasileiro, foi explorada através da AIB.¹⁷

Cabe aqui ressaltar a preocupação de René Gertz em relação à maior adesão dos imigrantes ao integralismo. O autor esclarece que, nas regiões coloniais, realmente é possível perceber uma maior concentração de adeptos integralistas, mas o fator étnico apenas não justificaria tal adesão, sendo necessário analisar os fatores sociopolíticos.¹⁸

É possível ressaltar que, na década de 1930, o Brasil encontrava-se inserido num contexto peculiar. Na década anterior, haviam ocorrido rebeliões tenentistas e ocorrera a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB); o modernismo ganhara expressão com a Semana da Arte Moderna e um grande número de intelectuais brasileiros havia ingressado no catolicismo.¹⁹ Daniel Pecaute destaca que os intelectuais no país mostravam-se preocupados com o problema da identidade nacional e das instituições; em sua grande maioria, rejeitavam a democracia e, a partir de 1915, aderiram a um movimento global em defesa do nacionalismo, ressurgimento católico e impulso antiliberal.

Com o modernismo, teve início a exaltação da pátria brasileira por meio de um forte nacionalismo. A corrente verde-amarela – emanção direitista do modernismo – cercou-se de pensadores como Plínio Salgado, que, mais tarde, seria o fundador do integralismo²⁰ e seria o chefe nacional.

O integralismo surgiu como movimento em 1932, mantendo quadros regulares de militantes e uma ideologia própria, suprimindo, de certa forma, as necessidades daquele

¹⁵ GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littório*. O fascismo no RS. Porto Alegre: Parlandas, 1994. p. 72 e 74.

¹⁶ Idem, p. 63.

¹⁷ BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 69.

¹⁸ GERTZ, René E. Integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 232.

¹⁹ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

²⁰ Idem, p. 36.

período.²¹ Nesse período de exaltação do Brasil às suas riquezas e de repulsa ao que vinha de fora do país, buscava-se divulgar tal sentimento e, para isso, a revista *Brasiléia* teve fundamental importância. O periódico reafirmava em seu programa que era necessário manter a religião católica, nacionalizar o Brasil, sustentar a ordem constitucional republicana. Percebemos, dessa forma, que, mais tarde, tudo isso seria adaptado ao programa do integralismo.²²

Em 1930, aconteceu a revolução, que, segundo Lúcia Oliveira, “teria cumprido uma importante etapa na reestruturação do Estado Nacional Brasileiro, na medida em que abriu um espaço para um projeto político e alocou às elites um papel central no encaminhamento de um programa de ação”.²³ Para Oscar Lustosa, entretanto, a Revolução de 30 não cumprira alguns objetivos propostos, desencadeando, assim, a decepção com a liberal democracia.²⁴

Já, para Héglio Trindade, o contexto da década de 1920 – período pós-Primeira Guerra – provocara uma transformação em relação à industrialização da economia, com o crescimento das camadas médias urbanas e uma mutação ideológica entre as elites intelectuais;²⁵ portanto, o clima pós-revolução de 1930 criara condições favoráveis ao surgimento do integralismo.²⁶

Para Nilson Martins, as décadas de 1920-1930 são polêmicas não só pela presença de debates ideológicos e, sim, pelos antagonismos ideológicos, dando início, no cenário brasileiro, à idade dos partidos e do faccionismo.²⁷ O contexto temporal possui amplo significado, pois foi em 1932 que um grupo de intelectuais, sob a liderança de Plínio

²¹ BICCA, Luis E. *Para uma crítica da ideologia integralista*. Dissertação (Mestrado) - PUC, Rio de Janeiro, 1978. p. 27.

²² MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Ed. Universidade de São Paulo, 1978. p. 75.

²³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Coord.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Brasília: INL. p. 37.

²⁴ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Igreja e o integralismo no Brasil 1932/1939. *Revista de História*, São Paulo, out./dez. 1976. p. 505.

²⁵ TRINDADE, Héglio. *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Ufrgs, 1974.

²⁶ TRINDADE, Héglio. A ação integralista brasileira. *Dados*, ano VIII, n. 1, 1971. p. 606.

²⁷ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

Salgado, fundou a Sociedade de Estudos Políticos. E seria desse centro de reflexão que nasceria o Manifesto Integralista e a Ação Integralista Brasileira.²⁸

O movimento integralista mantinha um discurso de cunho fortemente nacionalista, antiliberalista, ferozmente anticomunista, anti-semita, propulsor dos valores autoritários e de grande simpatia pelo fascismo europeu e espiritualista. Exaltava o catolicismo, a moral, a família e a religião, com grande destaque para o lema “Deus, Pátria e Família”. Salienta-se que o integralismo não era uma cópia do fascismo italiano. Héglio Trindade, ao se referir ao integralismo como o primeiro movimento de massa do Brasil, enfatiza que é preciso ter claro que não foi exclusivamente um mimetismo ideológico, pois não basta perceber só a ideologia, mas, sim, devem-se avaliar as condições históricas internas e externas que se configuraram na emergência da AIB.²⁹

Muitos iriam aderir a essa ideologia, que surgia com inovadoras propostas: “Era preciso erguer a bandeira do movimento e lutar sem limites para que tal ideologia alcançasse o Brasil de Norte a Sul. No Sul, o terreno era propício, muitos núcleos italianos e japoneses aderem em massa ao movimento.”³⁰

O integralismo, entretanto, também conquistou muitos inimigos, entre eles os comunistas, que ferozmente combatiam o movimento e tudo o que com ele se relacionasse. Com o advento do Estado Novo, os partidos passaram a ser combatidos e, sobretudo, o integralismo, após tentativa de golpe em 1938. Em nível regional, Fausto Irschilinger³¹ ressalta que o Estado Novo estava diretamente relacionado à derrocada dos camisas-verdes e que a relação amistosa que, de certa forma, existira entre o integralismo e o governo Vargas foi interrompida em 1938. Mesmo a Itália, que anteriormente mostrara simpatia e se relacionara relativamente bem com o integralismo, mudou sua posição, cortando até mesmo a ajuda financeira. Os integralistas foram, então, desestimulados a lutar contra Vargas. A mudança de posicionamento, segundo João Fábio Bertonha, pode ter explicação na

²⁸ TRINDADE, Héglio. *Integralismo* – o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Ufrgs, 1974.

²⁹ TRINDADE, Héglio. Integralismo: teoria e práxis nos anos 30. In: FAUSTO, Boris (Org.). *O Brasil republicano, sociedade política*. São Paulo: Difel, 1983. p. 335.

³⁰ União Nacional dos Estudantes. *Quinta coluna e integralismo*. 2. ed. CPDOC (Este artigo não está com os dados completos – Arquivo particular de Astor Antônio Diehl).

³¹ IRSCHILINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul 1932-1938*. Passo Fundo: Ediupf, 2001.

simpatia que Vargas mostrara por Roma e também porque ele era mais aceito entre o governo italiano do que Plínio Salgado.³²

Com justificativa da importância do estudo da década de 1930, podemos acrescentar que o período posterior também tem relevante significado porque foi o período do renascimento dos ideais integralistas sob a sigla de PRP e, ainda, da grande atuação política de Metzler.

As décadas de 1940 e 1950 revestem-se de uma crucial importância e merecem uma ampla atenção já que foi o período de grande atuação de ex-integralistas na política rio-grandense sob a sigla do PRP. Este trabalho dá ênfase a essas décadas porque o político perrepista aqui em estudo destacou-se como deputado estadual, deputado federal e candidato a governador do estado, projetando seu partido em meio aos imigrantes, com projetos educacionais na defesa da escola particular, projeto de reforma agrária e pela defesa do idioma alemão, além de ter sido presidente do Instituto de Imigração e Colonização. Depois de extinta a AIB no contexto do Estado Novo, Wolfram Metzler iria responder a processo sob a acusação de difundir ideais totalitários (nazi-fascistas). Com isso, ocorreram muitos conflitos, já que possuía grande respaldo na sociedade rio-grandense por ser médico e sócio da Tipografia do Centro, juntamente com a Cúria Metropolitana de Porto Alegre, além de atuar em meio aos imigrantes, especialmente entre alemães. Diante disso, é possível afirmar que, nas décadas de 1940 e 1950, as relações políticas que se estabeleceram entre políticos perrepistas, membros do clero e sociedade foram conturbadas, permeadas por conflitos constantes, ou seja, verdadeiras relações de amor e ódio.

As décadas delimitadas são importantes também para se entender a grande rivalidade política existente entre os partidos já que, pós-Estado Novo, voltavam à ativa com pretensões de conseguir um espaço significativo. Nessas décadas conchavos e acordos foram firmados mesmo entre partidos sem afinidades ideológicas para garantir interesses particulares. Assim, torna-se interessante levantar algumas questões pertinentes à atuação do PRP no município de Guaporé, onde se apresentou uma acirrada disputa partidária e onde membros do clero envolveram-se ativamente em questões políticas.

³² BERTONHA, op. cit., p. 369.

Gilberto Calil escreve que o integralismo articulou-se em 1945 no processo da redemocracia brasileira, mas, apesar de intensa movimentação, o movimento encontrou alguns empecilhos em vista do contexto da época: “Desta forma o estudo da sua conversão ao regime democrático após sete anos de ilegalidade, consolidada com a formação do Partido de Representação Popular deve levar em conta a existência de imagens negativas que colocavam grande parcela da opinião pública contra o reaparecimento do integralismo.”³³

Propomo-nos abarcar questões referentes ao posicionamento de membros do clero em relação ao integralismo e ao PRP no estado e à forma como se davam as ações e relações de membros integralistas e perrepistas com a Igreja junto aos imigrantes. O objetivo é enfatizar as relações de Metzler com a Igreja católica e suas articulações políticas no contexto da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra. Outra questão que o trabalho procura contemplar é a postura assumida pelo político Wolfram Metzler diante dos imigrantes e seu papel no cenário político rio-grandense, sobretudo no que se refere a seus projetos quando candidato a deputado estadual, deputado federal, a governador e presidente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (Inic). Diante de sua intensa receptividade nos municípios gaúchos, pretendemos esclarecer o porquê de seu prestígio e quais eram as formas de sua atuação.

Ao nos determos na figura de Metzler direcionando o enfoque aos seus projetos, também procuramos contemplar como os ideais perrepistas teriam chegado ao município de Guaporé e o que teria levado os guaporenses a votar nele quando candidato a deputado estadual e federal. Outra questão a ser levantada é como se desencadeavam as relações perrepistas com os demais partidos e em meio ao clero nesse município, já que evidências existem de que foi palco de conturbadas relações entre os vários partidos e o clero.

Sabemos que, após a implantação da ditadura no Brasil, em 1964, os partidos perderam força, mas, com a abertura política na década de 1980, ressurgiram e procuraram mostrar que a democracia triunfara. Então, ex-integralistas empreenderam intensas discussões para que o integralismo ressurgisse com força e entusiasmo, nos moldes da década de 1930. Esse fato instiga reflexões, pois parece ser contraditório fazer ressurgir um

³³ CALIL, Gilberto Grassi *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Ufrgs, 2000. p. 85.

partido de ideais totalitários num período em que se desejava ver emperrada a tão sonhada democracia.

Através da figura de Metzler procuramos compreender a atuação, primeiramente, do movimento integralista e, após, do Partido de Representação Popular, percebendo a maneira com que esses ideais se perpetuaram na sociedade. É nosso objetivo perguntar sobre a postura assumida pela Igreja Católica no Rio Grande do Sul, nas regiões de colonização alemã e italiana, em relação a um movimento de cunho fascista, já que a instituição ganhara força na atuação política da década de 1930 à de 1950. Buscamos uma compreensão referente à sua estratégia de mobilização diante do integralismo e do PRP, pois sabemos que almejava conquistar um maior espaço de atuação perdido desde de 1891, reivindicando participação política e, ainda, combatendo o temido comunismo. Segundo colocações da Igreja, o Estado não atendia de forma substancial às questões sociais, razão pela qual cabia a ela um maior empenho para que mudanças acontecessem.

Em virtude do significativo número de católicos imigrantes no Rio Grande do Sul, torna-se crucial um questionamento sobre o seu posicionamento diante de um movimento de cunho fortemente espiritualista, nacionalista, anticomunista, antiliberalista, anti-semita e propulsor da exaltação de valores autoritários e, ainda, que demonstrava grande simpatia pelo fascismo europeu. Na obra *Catolicismo e autoritarismo no RS*, Artur C. Isaia confirma tal simpatia ao analisar os inúmeros pronunciamentos de dom João Becker em prol da Itália fascista, mostrando-a como exemplo de ordenação política, capaz de reformar a moral na sociedade e de defender as tradições cristãs.³⁴

É possível perceber que tanto a Igreja quanto a AIB e o PRP, no Rio Grande do Sul, adotaram inúmeros mecanismos, como líderes, símbolos e escolas, para melhor legitimar sua força como grupos de pressão, organizando-se politicamente em âmbito regional. Aproximaram-se por causa de alguns princípios, pois dificilmente a Igreja iria contrapor-se a uma doutrina que exaltava Cristo, que buscava harmonia social, combatia o *terrível* comunismo, o liberalismo, e, ainda, propunha a moral como base da sociedade, tudo isso fundamentado na ordem. Isso não significa dizer que a Igreja se aproximasse e concordasse plenamente com essa doutrina, pois muitos foram os membros do catolicismo que combateram tais idéias, defendendo a não-participação da instituição na política. Entre os

³⁴ ISAIA, op. cit., p. 192.

imigrantes, esses ideais também sofreram resistência por vários fatores, entre os quais a forte atuação da política tradicional local.³⁵

José Oscar Beozzo enfatiza a questão da relação Igreja/integralismo quando ressalta que, do ponto ideológico, se houve “namoro” da Igreja com a AIB, nunca houve dúvida sobre sua radical rejeição ao socialismo, que aparece em quase todos os documentos sob o nome de “comunismo”. Em 1937, quando se tornaram visíveis os rumos que o país tomava, a Igreja voltou-se para o Estado, emprestou-lhe seu apoio, posicionou-se pela manutenção da ordem e combateu o comunismo.³⁶

Diante do tema proposto, acreditamos que estudos políticos são pertinentes e merecem ênfase.³⁷ Jacques Julliard escreve que, hoje em dia, dissipou-se a ilusão de que se pode fazer desaparecer o universo político, colocando em seu lugar aquilo que ele esconderia. Contrapondo-se a essa idéia, acredita que estamos no começo de uma história que se esforça no sentido de relacionar fragmentos de explicação no interior de uma interpretação.³⁸ Também ressalta a valorização do político e a sua busca de espaço.

Ressaltamos que são relevantes novos estudos envolvendo a política para, assim, dar à história novas abordagens, novos rumos, que não sejam mais os grandes acontecimentos enclausurados em si mesmos. Loiva Félix ressalta que, na década de 1980, a renovação na história política ganhou fôlego e a história política tradicional gradativamente sofreu um abandono. Enquanto ciência ou enquanto disciplina, a história passou a questionar-se e a se reexanar nesse contexto: “É dentro desta perspectiva que se insere a retomada dos estudos da dimensão do político na história, ou melhor, a possibilidade de produzir-se uma história política com status equivalente a outras dimensões do fazer humano como o econômico, o social, o cultural, o religioso.”³⁹

Constatamos em jornais, como *A Offensiva*, a preocupação de fiéis e até de membros da Igreja em defenderem e esclarecerem o que pregava o integralismo em seu programa, salientando a importância de entender que este teria um conteúdo que condizia com os princípios da Igreja.

³⁵ Não é nossa pretensão neste trabalho abordar a resistência que o integralismo sofreu.

³⁶ BEOZZO, op. cit., p. 321.

³⁷ JULLIARD, Jacques. A política. In: *Histórias – novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 181-193.

³⁸ Idem, p. 182-184.

³⁹ FÉLIX, Loiva O. História política hoje: novas abordagens. *Revista Catarinense de História*, n. 5, 1998. p. 53-54.

A Igreja Católica é uma instituição fundamental na vida brasileira e rio-grandense. Beozzo afirma que pouco espaço há nos livros de história para a questão dessa instituição e seu posicionamento na República.⁴⁰ Nesse sentido, é importante pesquisar as ligações da Igreja com a sociedade e com o movimento anteriormente citado, já que, segundo Carla Brandalise, o movimento integralista encontrou significativa receptividade nas zonas de imigração alemã e italiana em relação ao conjunto do estado.⁴¹ Ainda segundo Beozzo, o Rio Grande do Sul ocupou lugar de destaque no período aqui abordado, diferenciando-se do restante do Brasil em virtude do exercício hegemônico da Igreja sobre a sociedade civil.⁴² Isaia também afirma que poucas publicações existem sobre o posicionamento do catolicismo rio-grandense em relação às transformações sociopolíticas ocorridas a partir de 1930.⁴³

Ainda, da década de 1970, Hélio Trindade enfatiza a necessidade de se estudar as relações da AIB com o catolicismo. Oscar Lustosa, igualmente, posiciona-se ressaltando a importância de se estudar o integralismo e seu envolvimento com a hierarquia católica. Frente a isso, buscamos suprir lacunas referentes às relações da AIB e do PRP com a Igreja no estado, no caso específico nas regiões de colonização alemã e italiana, compreendendo as relações de *amor e ódio*, de fascínio e ressentimentos entre membros do clero, da AIB e do PRP.

Praticamente nada se escreveu sobre o papel político de Wolfram Metzler em sua atuação em nível estadual, nacional e até mesmo internacional. A trajetória dessa figura política chama atenção em vários momentos e desencadeia um desejo de entender por que sua imagem teria merecido grandes elogios e, ao mesmo tempo, críticas ferrenhas. Por que teria sido consagrado por alguns como “deus”, exaltado como “apóstolo” e, por outros, tachado de nazista, de ditador?

Metodologicamente, utilizamos ampla documentação pela possibilidade de acesso ao arquivo particular da filha de Metzler. Esses documentos permitiram verificar as relações que esse defensor de ideais integralistas e perrepistas mantinha com políticos, imigrantes e alguns membros do clero. A principal fonte utilizada no desenvolvimento da pesquisa

⁴⁰ BEOZZO, op. cit., p. 274.

⁴¹ BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do integralismo no RS*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Ufrgs, Porto Alegre, 1992. p. 217.

⁴² BEOZZO, op. cit., p. 275.

⁴³ ISAIA, op. cit., p. 18.

foram os jornais *A Nação*, *Estrela do Sul*, *Diário de Notícias*, o projeto de reforma agrária de Metzler, o processo para a perda da nacionalidade, correspondências suas no período da prisão; outras fontes também contribuíram significativamente, como folhetos, panfletos, boletins, cartas. Através dessas cartas, discursos, jornais e obras, foi possível avaliar como Metzler disseminou sua ideologia no meio colonial e também nos centros urbanos.

Os documentos localizados foram fundamentais para entendermos a teia de relações que se formou entre Igreja, imigrantes e o nosso personagem – seu projeto de reforma agrária, processo de perda da nacionalidade e jornais, principalmente *A Nação*, do qual era gerente e sócio. Por ser acionista na Tipografia do Centro e estar envolvido diretamente com a imprensa e com membros do clero, conseguimos rico material, especialmente jornais.

No Centro de Documentação da AIB/PRP encontramos amplo acervo, recentemente doado pela família Metzler, o que nos proporcionou acesso a várias fontes, que abrangem desde panfletos, programas políticos de Metzler, até fotos, recortes de vários jornais do estado e do país. Os depoimentos produzidos pelo Programa de História Oral do CD-AIB/PRP foram utilizados para melhor entendermos a atuação dos partidários do integralismo e do PRP no contexto das décadas de 1930, 1940, 1950.

Utilizamos também importantes revistas do período, principalmente *Unitas*, *Anauê*, *Vozes*, *Panorama*, *Estudos*, *Do Globo*, para elucidar questões como o ideais integralistas/perrepistas e o pensamento católico diante de tais ideais. Ainda, a fonte oral contribuiu significativamente para elucidar as muitas lacunas com que nos deparamos no momento da pesquisa, fornecendo-nos informações de relevada importância para a conclusão do trabalho.

Com esses questionamentos e objetivos, dividimos o presente trabalho em três capítulos. No primeiro, procuramos entender o posicionamento de membros da Igreja Católica nas regiões coloniais, partindo de seu significativo poder em meio aos fiéis, sua busca constante em conseguir cada vez mais católicos para integrarem a Ação Católica, sua preocupação constante em mostrar-se neutra em relação à política, já que ficava explícito em seus discursos que se considerava a única capaz de propagar a verdade, a única que sustentava todo o edifício da moral, do indivíduo e do Estado.⁴⁴ Nesta primeira parte,

⁴⁴ Vigésima terceira carta pastoral. *Unitas*. Porto Alegre, ano XX, n. 11, nov. 1933. p. 370.

objetivamos levantar questionamentos considerados fundamentais para entender o relacionamento de membros integralistas e perrepistas e simpatizantes, que atuavam com grande destaque no meio colonial, com membros da Igreja Católica. A partir da família Metzler de Novo Hamburgo, podemos levantar as seguintes questões: a Igreja Católica aceitava em seu seio, em suas atividades, militantes ou simpatizantes integralistas? De que forma se dava a relação imigrantes/Igreja, integralistas e perrepistas?

No segundo capítulo do trabalho, enfatizamos a expansão dos ideais integralistas, perrepistas e católicos através da atuação de Wolfram Metzler e de membros do clero na Tipografia do Centro. Procuramos compreender seu procedimento na política estadual e federal, priorizando sua atuação quanto ao projeto de reforma agrária, seu programa quanto à questão educacional e também suas ações como presidente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização. Buscamos conhecer a conduta da Igreja frente a tais propostas integralistas/perrepistas e seu envolvimento com Metzler. Priorizamos também os conflitos que surgiram e que atingiram Metzler no contexto da Segunda Guerra Mundial. Pretendemos entender as relações de amor e ódio mantidas entre o defensor dos ideais integralistas/perrepistas e membros do clero.

No último capítulo, a ênfase recai sobre a receptividade que Metzler teve em alguns municípios do estado quando de suas candidaturas, pois surpreende a expressiva votação em alguns municípios de não-imigração alemã. O foco central está em entender a sua atuação em diversas regiões, mesmo que não tenha atuado diretamente, e a importância de sua imagem na propagação dos ideais integralistas/perrepistas.

Buscamos compreender a atuação do PRP no município de Guaporé, onde Wolfram recebeu expressiva votação quando candidato a deputado federal. Entender as relações políticas neste município torna-se relevante por ter se destacado em nível estadual por seus conflitos políticos acirrados. Também uma grande liderança, semelhante a Wolfram, destacou-se em Guaporé, expandindo significativamente a atuação do PRP. Procuramos explorar tal conflito e perceber a atuação de membros do clero em meio a isso.

Contemplamos também algo interessante que ocorreu no início da década de 1980, que foi o renascer dos ideais integralistas. Antigos membros do integralismo e do PRP e até mesmo meros simpatizantes buscaram articular-se em volta dos velhos ideais para que ressurgissem com força, como nas décadas de 1930, 1940. É curioso que a imagem de

Metzler, na época, tenha sido resgatada para dar vida a esse objetivo. Em Porto Alegre, projetos tramitaram na Assembléia com pretensões de homenagear Metzler com nomes de ruas. Percebe-se que, em âmbito nacional, há a pretensão de fazer ressurgir o movimento integralista, calcado nos mesmos princípios da década de 1930. Diante disso, entendemos que a abertura política, a redemocratização do país na década de 1980 traz consigo o ressurgimento de partidos com os mesmos ideais e características autoritárias da década de 1930.

1 IGREJA CATÓLICA E INTEGRALISMO NAS REGIÕES DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ E ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL

Ao buscarmos uma compreensão das relações da Igreja Católica com o integralismo na região de colonização alemã e italiana do Rio Grande do Sul, percebemos que essas relações são complexas porque em cada região há peculiaridades, ou seja, mesmo que a instituição se destacasse fortemente nessas regiões e tivesse absoluta hegemonia sobre a sociedade civil,⁴⁵ isso não pode ser tomado como um todo único e homogêneo.⁴⁶

Com a assinatura do Tratado de Latrão, na chamada *Questão Romana*, a Igreja proporcionou substancial apoio ao fascismo não apenas restrito à Itália, mas também expandindo para comunidades no exterior, como no Rio Grande do Sul, onde os imigrantes italianos se estabeleceram com pretensões de obterem melhores condições de vida. Através dessas comunidades que se formavam, a instituição buscava divulgar o regime.⁴⁷ Giron relata que a Igreja Católica desempenhou um papel crucial na expansão das idéias fascistas em todas as regiões onde viviam os italianos no exterior.⁴⁸

Carla Brandalise registra que, em 1929, o Estado fascista e a Igreja chegaram a um acordo e, com a pacificação, a separação Igreja/Estado deixou de existir, abrindo caminho para a cooperação. Ao ceder significativamente para a Igreja, o Estado fascista tinha

⁴⁵ BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1984. v. 11. p. 275.

⁴⁶ BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 354.

⁴⁷ GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littório*. O fascismo no RS. Porto Alegre: Parlandas, 1994. p. 72.

⁴⁸ Idem, p. 75.

objetivos claros: sendo agora parte integrante do governo, a Igreja possuía tarefas a executar, das quais uma era auxiliar na propagação do fascismo pelo mundo.⁴⁹

Segue a autora escrevendo que a forte expansão do integralismo no Rio Grande do Sul ocorreu a partir da zona urbana, mas logo chegou aos pequenos agricultores e, nas zonas rurais, a sua difusão dependeu, sobretudo da influência do clero. Podemos destacar a ordem dos Capuchinhos, os quais, além de se destacarem por desenvolver um trabalho junto aos filhos dos pequenos agricultores, possuíam um importante órgão de formação pública, o *Stafetta Riograndense*.⁵⁰

A autora também ressalta que a ordem dos Capuchinhos recebeu apoio e incentivo do arcebispo de Porto Alegre dom João Becker, já que estava a ele submetida desde 1926. O arcebispo não só mostrava simpatia ao Estado fascista italiano como recomendava a colaboração de todos na campanha para arrecadar fundos pró-governo italiano para compras de terras no Brasil.⁵¹

No contexto rio-grandense, Loraine Giron destaca particularidades da região colonial italiana, como a de que alguns valores culturais podem ter contribuído, juntamente com o poderoso papel da Igreja, para a expansão das idéias fascistas.⁵²

João Fábio Bertonha escreve que é preciso ter cuidado ao determinar em que grau os italianos do Rio Grande do Sul foram atingidos pela propaganda fascista. O autor faz críticas a Giron por não ter conseguido fornecer uma explicação razoável para a relação entre a burguesia regional-fascista, classes médias e os integralistas. Mostra a forte penetração do fascismo italiano entre a burguesia regional, formada por industriais, comerciantes e profissionais liberais. Já as classes médias, que seriam compostas por pequenos industriais, comerciantes e artesãos, teriam se tornado integralistas; quanto aos operários, não estariam em nenhum dos movimentos.⁵³

Em São Paulo identificou-se na burguesia e nas classes médias o grande público fascista. Continuando, Bertonha salienta que existem vários problemas na análise de Giron,

⁴⁹ BRANDALISE, Carla. *O fascismo na periferia latino-americana: o paradoxo da implantação do integralismo no RS*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Ufrgs, Porto Alegre, 1992. p. 256.

⁵⁰ Idem, p. 254.

⁵¹ Idem, p. 255.

⁵² GIRON, op. cit., p. 15.

⁵³ BERTONHA, op. cit., p. 220.

a qual não faria uma definição clara entre *burguesia regional* e *classes médias* e, ainda, explica o fato de a burguesia regional aderir ao fascismo de um enfoque rigidamente marxista. Ao reduzir as explicações a uma ótica econômica, a autora considera a ação fascista como algo não relacionado à luta social da região, o que é possível contestar, visto que, mesmo que a matriz fascista viesse da realidade italiana, no contexto local, ela tomava novas formas. Bertonha identifica indícios de colaboração entre integralistas e fascistas no estado sulino, o que prova que não havia uma rígida divisão como propõe Loraine Giron.⁵⁴

Se a elite italiana local se manteve relativamente afastada da AIB, isso não ocorreu por não simpatizar com a ideologia do movimento, mas, sim, para não comprometer sua relação com a elite tradicional gaúcha.⁵⁵ Segundo Carla Brandalise, os segmentos médios no Rio Grande do Sul entraram para o movimento integralista ou foram simpatizantes desse porque perceberam que assim poderiam atuar na política estadual, até então reservada aos partidos regionais tradicionais. Além disso, o integralismo ganhara força nas regiões coloniais em razão do contexto étnico-cultural, visto que a propaganda fazia uma associação direta entre os objetivos da AIB e os movimentos nazi-fascistas europeus. Nas áreas rurais de colonização italiana, além do forte vínculo emocional relacionado à pátria de origem, um fator crucial explica a posição favorável em relação ao integralismo: a atuação marcante do clero. “Em consonância com a orientação internacional pró-fascismo do Vaticano, a Igreja local apoiou o movimento integralista como se este fosse o fascismo brasileiro. Assim, promoveu entre os produtores rurais ampla campanha de adesão à AIB.”⁵⁶

A quase-ausência de antifascistas na região colonial italiana e a poderosa ação da Igreja podem ter contribuído para o crescimento do integralismo no Rio Grande do Sul. Os italianos deram forte apoio ao integralismo por verem nele a expressão de um regime – o fascista italiano –, que, de certa forma, parecia promissor. A Igreja assim também pensava e apoiava a difusão tanto do fascismo como do integralismo.⁵⁷

À medida que a AIB começou a disputar espaço nessas regiões, o partido hegemônico no período – Partido Republicano Liberal – utilizou-se de vários meios,

⁵⁴ Idem, p. 221.

⁵⁵ Idem, p. 222.

⁵⁶ BRANDALISE, op. cit., p. 162.

⁵⁷ BERTONHA, op. cit., p. 228.

inclusive de forte repressão, para impedir a ascensão do integralismo. Pode-se, portanto, dizer que o PRL dificultou significativamente a atuação do movimento integralista no estado.⁵⁸

Gertz ressalta que o integralismo realmente teve maior sucesso no Rio Grande do Sul nas regiões coloniais, contudo o fator étnico não foi decisivo. Alerta que é preciso perceber que, nessas regiões, havia uma sociedade mais complexa, com interesses sociopolíticos mais diversificados.⁵⁹ Assim, além da condição étnica, existem as questões conjunturais do meio, portanto, que teriam levado à adesão dos imigrantes ao integralismo.

Como uma dessas influências, o clero local nessas regiões contribuiu significativamente para manifestações de simpatia ao fascismo e ao integralismo na década de 1930: “Somando-se à posição da Igreja e à sua decisiva contribuição na divulgação do fascismo e do Integralismo, o pequeno agricultor rural visualizava na AIB uma participação que até então não lhe haviam solicitado.”⁶⁰

Bertonha salienta que a área de colonização italiana no estado gaúcho era uma região especial, onde os colonos vênéticos e de outras regiões do norte da Itália, de forte tradição católica, puderam se estabelecer de forma livre e estável e manter suas tradições religiosas. Nessa região, portanto, o clero detinha forte influência sobre a coletividade italiana.⁶¹

Buscando expandir suas idéias no meio colonial, a Igreja não mediu esforços. Cabe salientar que, em âmbito nacional, e especialmente no Rio Grande do Sul, a Igreja Católica era uma instituição fraca até os anos finais do regime imperial.⁶² No início do século XX, entretanto, congregações religiosas européias chegaram ao estado, dando início à expansão de um número significativo de escolas ginasiais, seminários e conventos nas regiões coloniais, especialmente no meio urbano.⁶³ Pode-se, então, dizer que, no setor educacional,

⁵⁸ BRANDALISE, op. cit., p. 163.

⁵⁹ GERTZ, René E. Integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. RS: imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 232.

⁶⁰ BRANDALISE, Carla, op. cit., p. 165.

⁶¹ BERTONHA, João Fábio, op. cit., p. 226.

⁶² GIOLO, Jaime. *Estado, Igreja e educação no RS da Primeira República*. Tese (Doutorado) - Feusp, São Paulo, 1997. p. 211.

⁶³ BRANDALISE, Carla, op. cit., p. 248.

a Igreja conseguiu expandir-se e o acesso à educação, que anteriormente se restringia à elite, na década de 1930 passou também a atingir as classes médias e populares.

Nas zonas de colonização alemã e italiana, a Igreja montou uma rede de escolas paroquiais de ensino primário, mas sua atuação realmente foi direcionada para o ensino secundário.⁶⁴

Diante disso, é pertinente considerar que “as instituições formais de poder não são as detentoras reais do poder nas áreas coloniais e, sim, o que consideramos como instituições informais, sobretudo a Igreja e esta atuando também através do professor paroquial e das diversas associações”.⁶⁵

A Igreja Católica tinha aceitação nas regiões coloniais e perpassava a idéia nas escolas e sociedade do estado de que era fundamental a todos os rio-grandenses. De 1912 a 1946, a Igreja tentou de todas as formas impor-se à sociedade não somente como instituição funcional à vida nacional, mas também através da seriedade de seus membros.⁶⁶ Nesse período, dom João Becker desenvolveu atividades como arcebispo de Porto Alegre e, em inúmeros pronunciamentos oficiais, exaltou o regime fascista, considerando que servia de exemplo de ordenação política por ser capaz de reformar a moral na sociedade e de defender as tradições cristãs.⁶⁷

Sabe-se que foram muitos os membros da Igreja que simpatizaram com o fascismo, o nazismo e o integralismo. Segundo depoimento do padre Ernesto Mânica, por nós entrevistado:

A Igreja não podia envolver-se na política, pois sua função era apenas orientar os fiéis. Mas era preciso reconhecer que o movimento integralista tinha um grande líder e católico – Plínio Salgado. O Integralismo possuía grandes idéias, juntamente com Mussolini que também era um grande homem, grande católico que conseguiu resolver a Questão Romana e implantar a religião nas escolas. Infelizmente distanciaram-se um pouco de suas pregações com o decorrer do tempo.⁶⁸

⁶⁴ BEOZZO, José Oscar, op. cit., p. 293.

⁶⁵ FÉLIX, Loiva O. A sistemática da distribuição do poder regional no RS na Primeira República. *Revista Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 32, n. 146, mar./abr. 1996. p. 98.

⁶⁶ ISAIA, Artur C., op. cit., p. 48.

⁶⁷ Idem, p. 192.

⁶⁸ MÂNICA, Ernesto. Entrevista concedida a Veridiana M. Tonini. Bento Gonçalves, 12 set. 2001.

O arcebispo dom João Becker salientava que o Rio Grande do Sul fazia honra à Itália católica, pois a ideologia do povo da região colonial conservava-se fiel às tradições religiosas.⁶⁹

Nesta investigação, a pesquisa em várias fontes possibilitou-nos observar que muitos membros da Igreja tinham para com o fascismo, o nazismo e o integralismo um "olhar de admiração". Certamente, muitos resistiram e lutaram contra tais movimentos, mas não é nossa pretensão abordar a questão da resistência, e, sim, elucidar que alguns membros do clero atuaram ao lado dos integralistas; outros foram simpatizantes desse movimento e colaboraram na expansão de seus ideais.

Igreja Católica

relações de poder nas regiões coloniais através da Ação Católica e da Liga Eleitoral Católica

A AC desenvolveu-se com grande êxito nas regiões coloniais, conquistando muitos adeptos para colocar em prática seus objetivos. A organização tinha como finalidade defender os princípios religiosos e morais junto aos fiéis, o que seria possível com a participação dos seculares católicos na ação social; pode-se dizer, então, que era uma associação de seculares que buscavam implantar princípios cristãos na sociedade.⁷⁰

De forma enfática, várias cartas pastorais de dom João Becker salientavam a necessidade de intensificar a atuação da AC mesmo que sua propagação já fosse satisfatoriamente eficiente em vários lugares. Era necessário fortalecer cada vez mais as suas atividades e o número de seus integrantes, sobretudo em meio aos operários e aos jovens, para que o clero não se sentisse só no combate aos "propagandistas do mal".⁷¹

Então, para ganhar a luta, os católicos deveriam inscrever-se na AC e estar preparados para combater *os inimigos da Igreja*. Era preciso intensificar as atividades dessa organização, estabelecendo novos núcleos em todas as paróquias, fortalecendo os princípios da *única e verdadeira religião capaz de propostas sólidas – a católica*. A AC apresentava-se, assim, como auxiliar da Igreja não só na educação cristã dos fiéis seculares, mas de toda

⁶⁹ *Unitas*, Porto Alegre, v. 21, ano XIX, n. 1-2, jan./fev. 1935. p. 68.

⁷⁰ Vigésima quarta carta pastoral. *Unitas*, p. 314.

⁷¹ *Idem*, p. 314.

sociedade. Nas universidades, nas escolas públicas secundárias, nos colégios, nas casas de educação, deveria estar presente de forma firme, pois em “meio à juventude o fervor das paixões era maior”.⁷²

O apelo aos jovens para que integrassem a AC era constante e a Igreja deixava transparecer o grande temor que tinha em relação aos possíveis desvios, especialmente dos jovens, que eram movidos por paixões juvenis e, assim, podiam servir facilmente de alvo para os perigos temidos pela Igreja.

A Acção Catholica, collaboradora do apostolado hierarchico da Igreja, não deve e não há de escolher e tão pouco tem restricto o campo de ação para o exercicio de sua actividade. Onde houver apostolado, ahi deve ella estar tambem, não sómente para reparar os estragos que o inimigo nos houver causado, mas tambem para “diffundir a conquista do reino de Christo, ampliar os seus confins, consolidar a posição, argumentar os subditos fiéis e enriquecer o patrimonio com progresso sem limite”.⁷³

Diante da necessidade de fortalecer seu poder e de, assim, manter um maior controle sobre a população nas regiões coloniais, a Igreja buscava atrair cada vez mais fiéis, que deveriam propagar a doutrina cristã em todo o estado, sobretudo em locais que ainda não tinham recebido uma atenção significativa. Procurava-se, contudo, demonstrar que a AC não fazia política no sentido estrito da palavra, pois a “Igreja buscava manter-se afastada dos partidos políticos, mas nada impedia aos católicos de pertencerem a organizações de caráter político quando tivesse em seu programa, princípios cristãos”.⁷⁴

Um aspecto interessante a ser observado em várias das revistas *Unitas* é a preocupação constante que a Igreja tinha de enfatizar o não-interesse político em sua doutrina, que tanto a LEC como a Ação Católica não possuíam vínculos partidários e que seu objetivo era congregar todos os católicos em torno de seu “programa altamente patriótico na busca de reivindicações a todos os brasileiros, esta de verdadeira liberdade de consciência em busca da perfeita integridade cristã”.⁷⁵

Propagava-se que a Ação Católica estava acima e fora das competições de partidos e que suas atividades eram direcionadas a formar bons católicos e, conseqüentemente, bons

⁷² Idem, p. 319.

⁷³ Vigésima sexta carta pastoral. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXII, n. 9-10, set./out. 1936. p. 492-493.

⁷⁴ Vigésima quarta carta pastoral. *Unitas*, Porto Alegre, ano XXI, n. 8-9, ago./set. 1935. p. 224.

⁷⁵ *Unitas*, Porto Alegre, ano XIX, n. 12, dez. 1932. p. 464.

cidadãos. Assim, estariam aptos e conscientes para “usar da política”.⁷⁶ Em certas circunstâncias, todavia, percebia-se um paradoxo em suas abordagens: “Si as questões políticas envolverem também interesses religiosos e morais, a Ação Católica deverá intervir diretamente encaminhando para os interesses superiores das almas e da Igreja as forças todas dos católicos, e isto, pairando sobre as vistas particulares, com uma ação disciplinada.”⁷⁷

Constantes eram as falas que buscavam exaltar e esclarecer a neutralidade política da Igreja, que, contudo, transparecia explicitamente em diferentes posicionamentos.

Em 1932, foi criada a Liga Eleitoral Católica, que funcionaria como coordenadora das forças eleitorais para a escolha de candidatos na defesa dos interesses da Igreja.⁷⁸ Diante da grande preocupação de defender as reivindicações na Constituição de 1934, a Igreja exerceu um significativo poder junto à LEC, embora enfatizasse que seu objetivo não era participar da política como um partido organizado. Defendia que se fazia necessária a participação dos católicos na vida política do país com o propósito de colaborar e fiscalizar os projetos e leis que poderiam atentar contra as tradições do país; assim, a Igreja poderia proporcionar “um verdadeiro equilíbrio”, afastando os perigos que pareciam assolar a humanidade. Através da LEC, os católicos recebiam orientações e esclarecimentos sobre “não prestigiarem com seu voto candidatos infensos à Igreja e contrários às reivindicações dos católicos brasileiros”.⁷⁹ Assim, seria possível desenvolver um trabalho para um “Brasil melhor”.⁸⁰

É possível perceber que tanto a AC quanto a LEC conseguiram impor-se no cenário brasileiro, principalmente no Rio Grande do Sul, alcançando um considerável controle sobre os católicos e conquistando, assim, suas pretensões. Sobre isso, Antão de Mendonça escreve que a LEC foi a medida mais acertada do Episcopado nesses últimos anos. Na Assembléia Constituinte, por exemplo, já era possível contar com um grande número de católicos. Tais avanços aparecem também com a criação da Ação Universitária Católica, da

⁷⁶ Idem, p. 496.

⁷⁷ Idem, p. 496.

⁷⁸ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. A Igreja e o integralismo no Brasil 1932/1939. *Revista de História*, São Paulo, v. 54, n. 108, out./dez. 1976. p. 512.

⁷⁹ Vigésima quarta carta pastoral. *Unitas*, p. 250.

⁸⁰ *Vozes*, Rio de Janeiro, ano XXVII, v. 1, jul./dez. 1933. p. 20. Biblioteca PUC, Porto Alegre.

União dos Moços Católicos, da Associação dos Professores Católicos e de outras organizações.⁸¹

Diante das orientações propostas pela Igreja, de suas preocupações na conduta do povo, como deveria ser desenvolvido o trabalho do clero junto aos católicos, especialmente nas zonas rurais? Nessas regiões, cabia ao sacerdote não apenas promover as letras, ciências, artes e servir de guia espiritual, “mas também orientar os agricultores nos seus trabalhos e negócios”.⁸²

O poder de penetração da Igreja no estado sulino, sobretudo nas zonas rurais, é explícito, levando-nos a acreditar que, mesmo com o término da República Velha em 1930, no que se refere às articulações, às cooptações e aos discursos, prosseguiu muito presente dentro da instituição.

Igreja, integralismo e a disputa por espaços políticos na década de 1930

Segundo Lustosa, a AIB propagou-se celeremente nos meios católicos, atingindo várias regiões do Brasil e deixando realmente hesitantes muitos membros da hierarquia católica.⁸³ Para a Igreja, o integralismo assemelhava-se aos poços artesianos, que “nascem no mesmo lençol oculto no seio da terra, sobe irresistível, em altos jatos do subsolo em todos os estados do Brasil”.⁸⁴ Tentando mostrar que o integralismo poderia trazer felicidade ao país se o teor de seu programa fosse bom, salientava o exemplo da Itália, com Mussolini, e de Hitler, na Alemanha, esse como o grande salvador da pátria.

⁸¹ *Vozes*, Rio de Janeiro, ano XXVII, v. 1, jan./jul. 1934. p. 4.

⁸² Vigésima quarta carta pastoral. *Unitas*, p. 325.

⁸³ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo, op. cit., p. 513.

⁸⁴ *Unitas*, Porto Alegre, ano XX, n. 11, nov. 1933. p. 440.

Para ter êxito, entretanto, o movimento integralista teria de ter por fundamentos a brasilidade e a catolicidade, o que, conforme que foi possível conhecer dos escritos integralistas, era suficiente para não duvidar das suas boas intenções. Sendo o Estado brasileiro integral ou não, deveria combater os males e solucionar os problemas vitais da nação, orientar o povo com um sistema espiritualista e possuir diretrizes claras e seguras.⁸⁵ “Se o Estado integral brasileiro moldar sua lei básica e suas instituições públicas nos princípios cristãos, poderá ter um futuro abençoado e feliz. Meditem, pois, os seus organizadores estas verdades que são genuinamente brasileiras e católicas e significam em resumo: brasilidade e catolicidade.”⁸⁶

Dos estados do centro do país, através da imprensa, a Igreja também manifestava sua posição em relação ao integralismo, salientando que essa era uma revolução social cristã:

Se nós analysarmos essencia philosophica, moral, veremos que ella é em parte estatica e em parte dinamica. A parte estatica é puramente philosophica, é uma concepção e tem como pedra angular – Deus. A parte dinamica é moral, visa dirigir a alma humana segundo aquella concepção e tem como pedra angular - a revolução interior. Esta revolução interior é pivot do Integralismo. E ella, como teremos ocasião de ver, que o destino de todos os nacionalismos actuaes. Essa revolução interior, também a sonhou Berdiarff, que disse: Deve produzir-se no mundo uma grande revolução (ou reacção)... contra o domínio da vida social exterior e a vida política exterior, em nome de uma transição à vida interior e espiritual, não sómente pessoal, mas também super-pessoal, em nome da essencia e da finalidade da vida. Elle comprehendeu que o mundo só se salvará com uma verdadeira revolução do espírito que já se vae processando inconscientemente, predispondo o ambiente para o advento de homens necessários para dirigil-a e controlal-a (sic). E podemos dizer sem vaidade que a nossa pátria foi a primeira a encontrar esse homem.⁸⁷

Em várias cartas pastorais, a Igreja apresentou a sua doutrina. No Rio Grande do Sul, dom João Becker falava sobre o integralismo esclarecendo a nova doutrina e argumentando que o Estado totalitário em vários países ganhava cada vez mais espaço, o que também estava acontecendo no Brasil através do integralismo.⁸⁸ O arcebispo tecia críticas às oligarquias políticas que durante quarenta anos haviam governado o país em

⁸⁵ Idem, p. 440.

⁸⁶ Idem, p. 442.

⁸⁷ *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 2, nov. 1935. p. 419. Biblioteca PUC, Porto Alegre.

⁸⁸ *Unitas*, Porto Alegre, ano XX, n. 10, out. 1933. p. 223.

detrimento de partidos com princípios democráticos. Os partidos, apoiados na máquina eleitoral, manipulavam os Estados tendo como meta apenas interesses individuais: “Por isso, como nos países europeus, no Brasil desvirtuou-se o fim dos partidos porque estes não apoiavam o governo e sim os guerreavam.”⁸⁹

As manifestações de simpatia pelo integralismo apareciam constantemente na imprensa católica, como nos seguintes periódicos: revistas *A Ordem* e *Vozes*, *Cartas Pastorais* de dom João Becker, revista *Unitas* e jornal *Estrela do Sul*.

Parece, entretanto, que de dentro da Igreja críticas também partiam ao integralismo, por esse não admitir a base fascista de seus princípios. Dalmo Belfort de Matos, da Congregação de Santa Cecília, ex-representante dos bacharelados junto à AUC do Centro de Estudos Tristão da Atahide e da Associação Jornalística Católica, salientava a respeito desse aspecto:

O chefe integralista amalgamou essas doutrinas com as tiradas de um nacionalismo e um respeito supersticioso à "realidade brasileira", herdada de Alberto Torres.

Os princípios norteadores de sua actividade são fórmulas imprecisas. "Affirmar o indivíduo, a família, a Nação", como na conferencia de Jabotocabal; "ser pelo Brasil unido, pela família e prosperidade", como diz o manifesto de Outubro, querer um "homem integral" – é indicar o arcabouço de um Estado, do qual só se conhecem as vigas mestras.

O Estado só se poderia conceber de tal forma totalitário, enorme, único, senhor de seus movimentos, no gozo de uma soberania irrestrita, se elle fosse o último fim de nossa existência.⁹⁰

O autor chega à conclusão de que havia nas orientações fascistas uma unidade substancial visto que o fascismo não seria propriamente uma filosofia, mas um governo de fato.⁹¹ Para o autor, Mussolini estaria influenciado pelas teorias evolucionistas de Hegel, Spengler e de Nietzsche, as quais tinham deixado marcas no regime italiano.⁹²

A crítica que Matos fazia ao integralismo era justamente pela não-percepção dos princípios fascistas. Segundo o autor, Hegel emprestara ao regime fascista o conceito *fascio*, uma junção de idéias contraditórias, como individualismo, coletivismo, democracia, autoritarismo, e uma demonstração de superioridade do Estado italiano em relação às

⁸⁹ Vigésima terceira carta pastoral. *Unitas*, Porto Alegre, ano XX, n. 11, nov. 1933. p. 439.

⁹⁰ *A Ordem*, Rio de Janeiro, ano XVI, v. 2, jul. 1936. p. 91. Biblioteca PUC, Porto Alegre.

⁹¹ *Idem*, p. 87.

⁹² *Idem*, p. 87.

concepções liberais e comunistas. Plínio Salgado também buscara base nas concepções hegelianas para desenvolver seu livro *Quarta humanidade*. Em Spengler, o fascismo buscara as concepções dos ciclos culturais, demonstrando a falência da liberal-democracia. Já, de Nietzsche, utilizara o grande entusiasmo pela juventude, pelo dinamismo e pela guerra, que purifica valores. O objetivo aqui não é aprofundar o conceito de fascismo, mas mostrar que o integralismo, mesmo com intensa divulgação e propaganda nas regiões coloniais em busca de militantes e simpatizantes, encontrou grande resistência.

A Igreja e a Constituição de 1934

A Igreja buscava integrar o pensamento católico na corrente das idéias políticas, empreendendo grande campanha para recuperar o terreno perdido desde 1891, com a lei de separação entre Igreja e Estado.⁹³ Muitos foram os momentos em que o envolvimento da instituição com questões políticas e sociais apareceu claramente, revelando o que pensava sobre a questão: Fica, pois, assentado que a separação absoluta e completa entre a Igreja e o Estado, sobre ser absurda em teoria, é impraticável na realidade. A intervenção da Igreja na vida social e política dentro dos limites de sua atividade espiritual, é inevitável como imposta pela própria natureza das cousas e leva em seu seio incalculáveis vantagens e benefícios para a vida dos povos.⁹⁴

Era com esse discurso, de sua natural intervenção no que era de interesse dos homens, que a Igreja cada vez mais ganhou força e expandiu seu domínio nas regiões coloniais. Em toda a Arquidiocese de Porto Alegre, os vigários, capelães e sacerdotes buscavam esclarecer os fiéis sobre a necessidade e o dever de rezarem pelo Brasil, entre outros motivos, pela feliz elaboração de leis que respeitassem o nome e a autoridade de Deus, a família, a formação da mocidade, a paz social. Portanto, de forma engajada, a

⁹³ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix; Universidade de São Paulo, 1978. p. 164.

⁹⁴ *Unitas*, Porto Alegre, ano XIX, n. 8-9, ago./set. 1932. p. 334.

Igreja incentivava cruzadas especiais em asilos, em comunidades religiosas para que, unidos, os fiéis orassem pela Igreja e pela pátria.⁹⁵

Um dos momentos em que é possível perceber o envolvimento da Igreja com questões políticas é quando ocorreu uma "briga acirrada" para que o governo atendesse às suas reivindicações na Constituição de 1934: ensino religioso facultativo nos colégios públicos, assistência ao Exército e reconhecimento civil do casamento religioso. Tais reivindicações sempre eram justificadas para o benefício da imensa maioria do povo.

Semanalmente, no jornal *Estrela do Sul*, padres mostravam grande preocupação em alertar os fiéis sobre a importância de a Igreja ser atendida na nova Constituição. Vejamos um texto ilustrativo do que afirmamos veiculado nesse periódico:

Catholicos apostos!
Não durmamos, não assistamos,
bestificados, a uma constituição
anti-religiosa, anti-social e
anti-brasileira! Não cruzemos os braços,
mas, sim, vamos para a praça, para a
tribuna, para o jornal, a expor nossas
idéias catholicas!
Catholicos para a lucta, todos, sem excepção!
reclamemos os nossos direitos!⁹⁶

O povo, portanto, era chamado a refletir ao dar seu voto a algum candidato, pois os partidos podiam apresentar seus homens, mas, acima da política, estava a religião.⁹⁷ No mesmo jornal, apelava-se para que jornais católicos circulassem diariamente no idioma nacional, com o que a Igreja estaria colaborando no combate aos “perigos” evitando grandes “catástrofes”: “Ah! E os ímpios não arranjam milhões para envenenar a sociedade cristã? E os católicos não poderiam sacrificar um pouco de sua fortuna para salvarem um tesouro inestimável da fé da nação brasileira.”⁹⁸

O intenso interesse da Igreja em redimensionar seu papel junto à sociedade é visível, pois se considerava representante da maioria dos brasileiros, já que a religião

⁹⁵ *Unitas*, Porto Alegre, ano XIX, n. 3-4-5, mar./abr./maio 1932. p. 138.

⁹⁶ *Estrela do Sul*, Porto Alegre, ano X, n. 11, mar. 1932. p. 4.

⁹⁷ *Estrela do Sul*, Porto Alegre, ano X, n. 13, mar. 1932.

⁹⁸ *Estrela do Sul*, Porto Alegre, ano X, n. 19, maio 1932.

católica era soberana no país. Com grande atuação, buscou junto aos fiéis reconquistar sua hegemonia.

Isaia reforça a idéia de que, com as reivindicações católicas reconhecidas na Constituição de 1934, a Igreja aproximou-se do Estado.⁹⁹ De certa forma, a LEC cumprira seu papel e fazia-se necessária uma nova organização, capaz de enfrentar o temido mal: a bolchevização.¹⁰⁰ Junto a isso, no contexto gaúcho, a década de 1930 marcava um período de crise econômica e, em nível nacional, a fundação da Aliança Nacional Libertadora acelerou a formação de uma organização preocupada com a questão social, de combate ao comunismo, de sensibilização da sociedade, com o objetivo de recristianização.¹⁰¹ Nesse momento peculiar, a Ação Brasileira de Renovação Social surgiu objetivando alcançar tais fins. Com sua fundação em 1935, o movimento colocar-se-ia como grande defensor da Constituição Federal e das instituições nacionais.¹⁰²

Frente a isso, podemos salientar que a Igreja se engajava em vários movimentos na década de 1930, visando apresentar-se como a instituição essencial para combater os males que afligiam a sociedade e a única apta a orientar o caminho “ideal” aos homens. Nota-se que apresentava abertamente seu principal objetivo: combater o ameaçador comunismo para, assim, preservar os *crístãos* do imoral, do perverso, proteger do “perigo vermelho”. Conforme dom João Becker: Somente a Igreja, no meio da cegueira universal, não se deixou iludir e nem se restringiu a deplorar as manifestações patológicas externas da civilização. No terreno social, as grandes massas operárias foram submetidas a uma miséria imerecida donde surgiu a revolta tão cheia de perigos organizada pelo socialismo e pelo comunismo.”¹⁰³

Em sua obra *O diabo é vermelho – imaginário anticomunista e a Igreja Católica no RS 1945-1964*, Carla Simone Rodeghero relata que o diabo assumia certas funções, dependendo da época, e que o comunismo era o inimigo a ser combatido. Tal combate era

⁹⁹ ISAIA, op. cit., p. 135.

¹⁰⁰ Idem, p. 135.

¹⁰¹ ISAIA, op. cit., p. 135 e 137.

¹⁰² ISAIA, op. cit., p. 137.

¹⁰³ BECKER, D. João. *A religião e a prática em face das ideologias modernas*: XXVIII carta pastoral. Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa, 1939. p. 67.

necessário porque o ateísmo e o materialismo desintegravam as conquistas da civilização cristã, entre elas a família, a propriedade privada e a pátria.¹⁰⁴ Aliás, não só a Igreja Católica, mas várias outras instituições e grupos combatiam o comunismo visto que, diante do temido mal, todos os esforços eram necessários e, até mesmo, permitia-se o apoio do integralismo.¹⁰⁵

Os jovens e a Igreja Católica

A presença da Igreja Católica em meio aos imigrantes foi salientada anteriormente e parece ter sido significativa. Cabe agora fazer algumas reflexões pertinentes ao comportamento dos jovens frente às propostas da instituição, que buscava atraí-los para o seu seio. Que relações se estabeleceram no decorrer da década de 1930 entre juventude e Igreja?

A Arquidiocese de Porto Alegre, em constantes pronunciamentos, exaltou os filhos da “nobre Itália” e seus descendentes, que teriam contribuído para a construção do Rio Grande do Sul, juntamente com o culto da religião católica. Dom Sebastião Leme, cardeal do Rio de Janeiro, salientou que se tornava necessária cada vez mais a boa orientação da infância e da juventude, referindo-se às instituições católicas de ensino, pois os jovens, ao saírem delas, iriam se deparar com inúmeros perigos, erros e contradições.¹⁰⁶

Numa circular expedida, o arcebispo expunha que os tempos haviam mudado, não mais havendo bons costumes, fidelidade e obediência à Igreja. Aos professores católicos, então, era atribuída a missão de “dar Jesus C. à infância e à juventude”.¹⁰⁷ Por isso, caravanas percorriam diversas regiões do Rio Grande do Sul para divulgar a LEC e a AC, reunindo homens, mulheres e jovens, movidos pelo desejo de se juntarem à Igreja no combate aos males temidos por esta e na defesa de suas reivindicações. “Em Cartas

¹⁰⁴ RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no RS. 1945-1964*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

¹⁰⁵ Para um melhor entendimento da questão da nacionalização no período do Estado Novo, ver obra *A lei do silêncio*, de Cláudia Sganzerla, e também IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: o integralismo do Norte do RS 1932/1938*. Passo Fundo: Ediupf, 2001.

¹⁰⁶ Exhortação oportuníssima. Circular baixada por .emcia.revna. Dom Sebastião Leme. Arcebispo do Rio de Janeiro, *Unitas*, ano XIX, n. 3-4-5, mar./abr./maio 1932. p. 160.

¹⁰⁷ Idem, p. 160.

Pastorais de D. João Becker, enfatiza-se a família como algo supremo. Esta é anterior ao Estado e existe por si própria.”¹⁰⁸ A Igreja perpassava em várias manifestações que Estado, família e Igreja seriam os instrutores da juventude. Sob seu controle, os jovens seriam sempre “bons e leais membros da ‘tribu’, particularmente, bons pais e boas mães de família”.¹⁰⁹

À família incumbiria o dever e assistia o direito natural de educar os filhos, e ao Estado competiria auxiliar e ministrar o ensino. Aplausos eram dados ao projeto de lei de março de 1933, ressaltando-se a Constituição germânica, que também no seu artigo 120 priorizava a educação como primeiro dever e direito natural dos pais, sob a vigilância da sociedade política. A Igreja, entretanto, atribuía-se a missão de conscientizar os pais na educação dos filhos, pois nenhum decreto poderia impor um regime escolar contrário à consciência dos jovens e da lei natural. Assim, reafirmava seu importante papel nessa questão, buscando espaço junto ao Estado: “Incumbe ao Estado proteger o direito da infância e da juventude quando lhes viesse a faltar física ou moralmente a ação dos pais, por defeito, incapacidade ou indignidade, visto que o seu direito de educação não é absoluto ou despótico mas depende da lei natural ou divina e, por isso, é sujeito à autoridade e juízo da Igreja.”¹¹⁰

A Igreja sustentava que realmente era direito e dever do Estado zelar, juntamente com a família, pela educação dos jovens, mas em harmonia com as normas da fé para que, assim, a educação estivesse imbuída de moral e religião. Enfatizava constantemente que a educação precisava ser moral e religiosa, mantendo princípios firmes na conduta da juventude.

Em várias cartas pastorais de dom João Becker no período que antecedeu a Constituição de 1934, sustentava-se o posicionamento de não ser possível um Estado ter prosperidade e segurança sem o auxílio da Igreja. Logo, na busca de assegurar seu poder e de fortificá-lo cada vez mais, a Igreja tomava como sua a tarefa de auxiliar não só nas questões relacionadas à política, mas também de atuar em meio aos operários e, especialmente, aos jovens.

¹⁰⁸ Vigésima terceira carta pastoral sobre o Novo Estado brasileiro. *Unitas*, p. 360.

¹⁰⁹ *Unitas*, ano XX, n. 11, nov. 1933. p. 361.

¹¹⁰ *Idem*, p. 365.

Salientava-se, sobretudo, uma grande preocupação quanto à educação sexual desses jovens. Ao visar a uma conduta centrada nos princípios cristãos, a Igreja, obviamente, citava a Rússia Soviética como exemplo de má conduta para a juventude. A preocupação era: como instruir a juventude em meio a tantos perigos? Sobre sexualidade, por exemplo, como educar? Segundo a Igreja, isso deveria ser feito pelos pais e pelos que haviam recebido de Deus a missão educadora. Era preciso tomar todas as precauções conhecidas da educação cristã tradicional.¹¹¹ A Igreja reforçava seu pensamento:

Era absolutamente necessário empregar, na educação da juventude, o método até agora seguido pela Igreja e por varões santos, recomendado pelo santo padre nas letras encíclicas. Da educação cristã da juventude, em 31 de dezembro de 1929. É necessário que em primeiro lugar, se cuide da perfeita, firme e nunca interrompida instrução religiosa de ambos os sexos; que é preciso excitar na juventude a estima, o desejo e amor da virtude da castidade; que é necessário sobremaneira, recomendar-lhe que persevere na oração.¹¹²

A Igreja propagava a idéia de que era preciso proteger a juventude das leituras perigosas, dos espetáculos obscenos, enfim, de tudo que a desviasse do caminho pregado pela instituição. Por isso, posicionava-se contra qualquer escrito público que se referisse à educação sexual dos jovens, colocando-se como mestra e guia na escola das virtudes e dos bons costumes.¹¹³

Não permitindo a educação sexual nas escolas, a Igreja tomava para si também essa tarefa, buscando cada vez mais se aproximar dos jovens e obtendo um significativo apoio desses nos movimentos da década de 1930: “Busca-se ensinar à juventude sua verdadeira missão sobre a terra, chamando-a a uma obra de espiritualização crescente e de libertação progressiva das más inclinações.”¹¹⁴

Quanto à questão sexual, a Igreja deixava claro que competia à família, como uma instituição fundamental, exercer o papel de guia, completando o trabalho na educação dos jovens, mostrando-lhe os inimigos “curiosidade, sensualidade, petulancia e a inodestia e, sobretudo as más leituras e os cinemas frívolos”.¹¹⁵ Por essa razão, condenava a educação sexual nas escolas, posicionando-se totalmente contra esse tipo de instrução para os jovens

¹¹¹ Idem, p. 429.

¹¹² Idem, p. 430.

¹¹³ Idem, p. 431.

¹¹⁴ Idem, p. 434.

¹¹⁵ Idem, p. 435.

e a favor de exercícios e ginástica, que não prejudicavam o pudor e eram um ótimo meio para conseguir desenvolver uma alma sã.

Nesse sentido, apareciam com freqüência, textos na revista *Unitas* mostrando a Igreja como organizadora da sociedade humana e reforçando o crucial papel da juventude. A Igreja entendia que a Constituição de 1934 incluía princípios de grande importância social e política, os quais certamente contribuiriam para a formação sólida da juventude.¹¹⁶ Ressaltava-se que a AC deveria, em primeiro lugar, desempenhar seu crucial papel em relação à formação religiosa, moral e social dos jovens, pois “se os espíritos juvenis estão mais prontos a aprender e a assimilar as doces verdades da fé, estão, de outro lado, demasiadamente expostos aos erros que, por toda a parte, serpenteiam e mais inclinados às fáceis dúvidas, e por fim à perda da própria fé”.¹¹⁷

A Igreja, assim, dirigia sua atenção aos jovens, em especial aos estudantes, para que fossem bem instruídos já que, segundo seus discursos, “o futuro se acha nas mãos dos jovens, principalmente dos estudiosos”.¹¹⁸ Via que a juventude podia servir como instrumento na obtenção de suas pretensões, especialmente em restituir-lhe o poder perdido. Ao focar os jovens estudantes como o eixo para conduzir seus trabalhos, a Igreja buscava bons condutores, ou melhor, soldados para a atuação da AC. Ao acolher em seu seio a mocidade, além de conseguir expandir a AC, de obter grande número de adeptos e defensores do catolicismo, a instituição afastava os jovens do “perigo vermelho”; apresentava-se como a transformadora e a salvadora desses jovens, capaz de conduzi-los pelos *caminhos mais certos*.

Vários meios foram utilizados pela Igreja no estado para despertar a atenção dos jovens. Numa das Semanas de Cultura que ocorreu em abril de 1935 conduziram os trabalhos intelectuais católicos tratando de temas referentes à cultura contemporânea. Discorreu-se sobre a história antiga, os egípcios, romanos e gregos, como grandes idealizadores e construtores, mas que apenas buscavam prosperidade no que se referia à questão material, pois era deplorável a sua cultura espiritual e moral.¹¹⁹ A Igreja chamava a atenção para a cultura contemporânea, pois nesta também se fazia sentir o desequilíbrio: a

¹¹⁶ Quarta Carta Pastoral. O futuro da nação brasileira. *Unitas*, ano XXI, n. 8-9, ago./set. 1934. p. 249.

¹¹⁷ Idem, p. 317.

¹¹⁸ Idem, p. 319.

¹¹⁹ *Unitas*, Porto Alegre, ano XXI, n. 9-10, ago./set. 1935. p. 115.

parte material triunfava sobre a espiritual.¹²⁰ Por isso, salientava-se a sua fundamental missão na conduta do homem: “A Igreja deu sempre à cultura humana o seu sentido verdadeiro e sua exata interpretação. Por isso civilizou e continua a civilizar os povos, mostrando-lhes, com o facho luminoso da verdade, o caminho que devem seguir”.¹²¹

Buscava-se intensamente fortalecer a AC apresentando suas propostas, que consistiam em levar Deus aos homens e os homens a Deus, sem distinção de classe ou de partido.¹²² A AC expandia-se, sobretudo, em meio aos universitários, sendo possível perceber que realmente conseguiu no meio acadêmico um grande número de simpatizantes.

O Rio Grande do Sul não podia esquivar-se da importante tarefa de propagar a cultura cristã no Brasil. Pela índole do seu povo e, segundo a Igreja, pela “boa orientação dos dirigentes e pelos valores morais e científicos dos seus intelectuais”,¹²³ seria fácil conduzir a nação ao caminho mais adequado: a cultura cristã.

A Igreja, por mais que pregasse em seus discursos a igualdade de todas as classes, a aproximação com os humildes, os operários, tinha uma doutrina fechada e elitista. Em vários momentos, apesar de seu esforço em agremiar a juventude, seu controle deixou transparecer uma estrutura linear, de muitas promessas e poucas realizações práticas. Na busca de sua hegemonia, de poder, demonstrava grande apreço pelos jovens universitários, jovens políticos, jovens admiradores do catolicismo, como os mais preparados, tanto para conduzir os fiéis como para governar instituições e, até mesmo, o próprio país.

E aqueles jovens que pouco acesso tinham ao meio intelectual ocupavam o mesmo espaço no seio da Igreja? Nos constantes apelos, a Igreja dirigia-se com maior ênfase à mocidade, que merecia uma atenção especial. Se conseguisse atingir a juventude, a Igreja sabia que estaria conquistando um número significativo de pessoas; logo, investir nela significava ter boa sustentação, um aliado forte e de peso à instituição. Tendo a juventude como aliada, quem não conseguiria bater de frente “com movimentos políticos contrários às propostas católicas”?

Os jovens, portanto, eram chamados a integrar tanto os movimentos promovidos pela Igreja como os dos integralistas na década de 1930; por isso, é importante conhecer

¹²⁰ Idem, p. 116.

¹²¹ Idem, p. 117.

¹²² Idem, p. 123.

¹²³ Idem, p. 123.

como ambos procediam nesse processo de cooptação. Ao fundamentar seu papel como crucial na sociedade rio-grandense, a Igreja empenhava-se na expansão de seus ideais, e uma das formas utilizadas para isso foi através da juventude, da integração de jovens, de discursos nas universidades, em escolas, através do ensino religioso e, sobretudo, da criação de novas circunscrições eclesiásticas.

Com a fundação da Ação Brasileira de Renovação Social, associação que visava combater o desenvolvimento de idéias extremistas e auxiliar na conquista dos princípios cristãos na solução de problemas sociais,¹²⁴ aspirava-se dar prosseguimento ao desejado controle social. Essa associação foi mais uma forma de expandir o domínio da Igreja.

Em alguns momentos, buscava-se demonstrar ao Brasil, e também ao Rio Grande do Sul, que ‘a questão não era uma simples questão de estômago’, como haviam afirmado Marx e Engels,¹²⁵ segundo o entendimento de membros do clero, era preciso encontrar soluções equilibradas e justas. Obviamente, tal equilíbrio seria possível se todos seguissem e conduzissem suas vidas segundo a doutrina cristã. Diante da turbulenta fase em que os homens se encontravam, a Igreja apresentava soluções para a busca da *ordem social do Brasil*,¹²⁶ preconizando, entre muitos programas, o da nova associação criada por vários ilustres membros, entre eles Ernani Fiori, Damásio Rocha, ex-integralistas. Conclamava os intelectuais católicos dizendo que seu papel era primordial no combate a movimentos que deturpassem a ordem. Assim, poderiam colaborar para solucionar a crise política, porque o espiritual necessitava se sobrepor ao político para que se mantivesse a ordem no social.¹²⁷

Ao objetivar a participação dos jovens em vários movimentos, a Igreja alertava sobre os cuidados com aqueles que não reconheciam o cristianismo. Para que os jovens, principalmente os intelectuais católicos, conseguissem desempenhar sua missão na sociedade, era preciso que se preparassem desde os bancos acadêmicos.¹²⁸ Nesse sentido, exaltava-se a associação fundada na Suíça em 1921, a *Pax Romana* –, cujo fim era promover a união dos estudantes universitários de todo o mundo.¹²⁹

¹²⁴ Idem, p. 202.

¹²⁵ Idem, p. 202.

¹²⁶ Idem, p. 204-205.

¹²⁷ Vigésima quinta carta pastoral. *Unitas*, ano XXII, n. 9-10, set./out. 1935. p. 418.

¹²⁸ Idem, p. 419.

¹²⁹ Idem, p. 419.

Pretendia-se incluir a *Pax Romana* no processo da Ação Brasileira de Renovação Social, já que esse movimento era formador da elite interna e poderia contribuir para a renovação do mundo. Esclarecia-se: “Os quatorze anos de existencia da Pax Romana demonstraram, suficientemente, que esta não tende a uniformisar o movimento universitário católico, mas, ao contrário, deseja, vivamente, que as organizações de todos os países conservem seu carater particular.”¹³⁰

A Igreja preocupava-se com a conduta dos jovens, buscando aproximá-los e integrá-los, e destinava-lhes um papel crucial na conduta da sociedade. A instituição não se cansava de lembrar constantemente a relevante missão dos estudantes católicos perante a sociedade e de salientar que a universidade católica era uma espécie de alto-falante dos ensinamentos pontifícios.¹³¹ Por meio da *Pax Romana*, a Igreja acreditava ser possível formar bons cidadãos e, através do contato com estudantes de diversos países, desenvolver-se uma compreensão mais justa de pátria, abrindo-se a possibilidade de melhor conhecimento dos valores espirituais. Nesse sentido, chamava a atenção da juventude universitária para que cuidasse da questão moral e religiosa dentro das universidades.¹³²

Chama a atenção o papel que a Igreja destinou aos jovens estudantes de medicina, as quais se apelava para que ingressassem nas fileiras da AC, pois era preciso que se considerassem sacerdotes leigos a serviço da Igreja. Sua missão era aprender a freqüentar as casas dos pobres, pois eram necessários sacrifícios das diferentes classes sociais. Clamava-se pela *boa formação da AC*, uma formação religiosa e moral, do que provinha a necessidade de organizações universitárias especializadas.¹³³ Percebe-se nessas falas um certo elitismo na formação dos movimentos católicos na década de 1930. Na formação da AC, por exemplo, era grande a preocupação em relação aos membros que dela fizessem parte: era preciso que fossem jovens *capazes e preparados*. Portanto, aos jovens universitários estava reservado um papel de suma importância.

A Igreja reafirmava a sua crucial missão em meio à sociedade e, para alcançar seu objetivo, solicitava ajuda: “Não resta dúvida, os intelectuais bem orientados podem prestar

¹³⁰ Idem, p. 420.

¹³¹ Idem, p. 421.

¹³² Idem, p. 421.

¹³³ Idem, p. 423.

grande auxílio na renovação social.”¹³⁴ Propagava-se que as reuniões da AC alcançariam maior sucesso se acontecessem em separado, ou seja, “jovens, estudantes, homens ou senhoras católicas, operárias, advogados, médicos... a fim de se tratarem argumentos especializados que, relacionando-se com a Igreja e o Apostolado da AC, muito iriam contribuir para cada categoria ou classe”.¹³⁵

Exaltava-se que o lugar realmente propício para fortalecer a credibilidade da Igreja e expandir seus movimentos eram os colégios, pois os jovens, no momento mais crítico da sua vida, estariam cercados pelas virtudes do catolicismo. Ao fazerem parte das associações, afastavam-se, portanto, dos graves perigos do meio social.¹³⁶ Aproximando-se dos jovens, a Igreja também objetivava que esses suprissem, de certa forma, uma necessidade por ela sentida desde as primeiras décadas do século XX: a falta de sacerdotes no Rio Grande do Sul. Para preencher essa lacuna, incentivava-se a juventude a ingressar nos seminários. Em vários momentos, percebe-se um esforço incansável da instituição em melhorar as condições estruturais dos seminários, solicitando ajuda financeira para a construção de casas ou a ampliação das já existentes.

Além das escolas, outro meio onde a Igreja se infiltrava e buscava cativar os jovens eram as universidades, pois, segundo suas declarações, os universitários podiam contribuir muito para a realização de uma sociedade cristã: “Estes universitários não somente oferecem sólidas esperanças de um futuro melhor, mas já atualmente, podem prestar serviços eficazes à igreja e à pátria.”¹³⁷

Na década de 1930, a Igreja intensificou sua ação em meio aos rio-grandenses na busca de recursos para a construção da catedral de Porto Alegre, um projeto iniciado ainda na década de 1920, que mobilizou vários setores da sociedade, inclusive a juventude. O movimento para concretizar tal projeto foi intenso e atingiu todos os municípios gaúchos, incluindo o evento a *Semana da Catedral*, com o fim de reunir recursos. Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre, pronunciava-se a respeito constantemente, clamando por ajuda e apresentando tal projeto como fundamental e necessário ao estado. Vejamos uma dessas passagens:

¹³⁴ Idem, p. 425.

¹³⁵ *Unitas*, Porto Alegre, ano XXII, n. 9-10, set./out. 1936. p. 56.

¹³⁶ Idem, p. 57.

¹³⁷ *Unitas*, Imperativas da atualidade. Porto Alegre, ano XXVI, jul./ago. 1937. p. 302.

Não há coração de gaúcho nem sensibilidade brasileira que se possa mostrar indiferente ao imenso testemunho de fé que é uma catedral, erguida em pleno século do domínio do número, num pujante movimento em que a humanidade se vê envolvida nas chamas de querosene, do mais rude e brutal hedonismo.

Dentro da cerração que é a fase atual da anarquia do ocidente, a catedral de porto Alegre é um farol.¹³⁸

Os apelos para conseguir auxílio eram realizados de várias formas: por meio da imprensa, nas missas, nas universidades, nos colégios. Muitos padres percorriam as cidades do estado e o interior apresentando a necessidade de todos contribuírem com a Igreja, pois assim, “estariam contribuindo para o crescimento da fé”. Os apelos não eram só em favor da construção da catedral, mas também de seminários, tudo justificado em nome da fé.¹³⁹

Ideais integralistas e Igreja afinidades hierárquicas

Entendemos que é interessante fazer uma comparação entre a hierarquia católica e a hierarquia integralista/perrepista nesse contexto visto que existem pontos em comum entre a hierarquização proposta pelos integralistas/perrepistas e a da Igreja. Para Héglio Trindade:

A estrutura da A.I.B, desde o chefe até os militantes de base, forma uma organização burocrática e totalitária. A burocracia da organização manifesta-se através de um complexo de órgãos, funções, papéis, comportamentos previstos minuciosamente pelos estatutos, resoluções do chefe e rituais; o caráter totalitário, por sua vez, através das relações rígidas entre os órgãos de enquadramento disciplinado dos militantes (a partir das organizações da juventude até a milícia) e da submissão autoritária e fidelidade aos superiores hierárquicos.¹⁴⁰

¹³⁸ Vigésima sexta carta pastoral. O clero católico. *Unitas*, ano XXII, n. 9-10, set./out. 1936. p. 466.

¹³⁹ *Idem*, p. 147.

¹⁴⁰ TRINDADE, Héglio. *Integralismo – o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1974. p. 169-170.

Plínio Salgado apresentou-se como o grande idealizador da ideologia integralista na década de 1930 e também no PRP, nas décadas de 1940 e 1950, como chefe capaz de comandar toda a estrutura de base. Com pregações de salvação nacional, o integralismo e o PRP exaltavam a figura do chefe e reproduziam valores patriarcais – *a grande valorização do chefe da família*. Diziam então: “A hierarquia começa pela família: o papel do homem como chefe da unidade familiar, além de valorizar o membro integralista em seu próprio lar, projetava para a comunidade a sua importância como uma autoridade respeitada.”¹⁴¹

Fundamentado na disciplina, na ordem, na estrutura vertical e rígida, o integralismo, estrategicamente, cooptou grande número de adeptos, inclusive padres e muitos simpatizantes da hierarquia católica, os quais pareciam sentir-se atraídos em muitos pontos defendidos pelo movimento, especialmente pela rígida hierarquia. Nesse sentido, é possível verificar a admiração pela organização vertical em alguns artigos de jornais católicos, que sugeriam que se colocasse em prática dentro da Ação Católica a valorização e a obediência aos chefes da Igreja, com o que se acreditava que tudo funcionaria de forma organizada. Inicialmente, os retratos dos grandes chefes hierárquicos e leigos não deveriam faltar nunca numa sala de A.C [...]. O padre deve construir algo de empolgante para todo o sócio da A.C. Deve ter, neste assunto, certo (fanatismo), a metade pelo menos do fanatismo (fascista). A técnica de possuir o (homem), o homem-chefe, o homem que encarna uma idéia, é de alguma forma do próprio plano de Cristo.¹⁴²

Numa extensa reportagem no jornal a Nação, procurava-se argumentar que a hierarquia é necessária, ou melhor, é a *coluna vertebral*¹⁴³ de uma organização. Ressaltava-se que era preciso impressionar os jovens logo que ingressassem na AC, pois, se eles visualizassem uma hierarquia, logo compreenderiam que é uma “célula, dum organização formidável, superior a quantas mais”.¹⁴⁴ Conforme vimos, impressiona a pretensão de tornar a AC uma organização centrada nos ideais fascistas, os quais serviam de modelo para a obtenção de uma ótima organização. Consolidava-se, assim, uma hierarquia católica com figuras como chefes e símbolos, muito parecida com a organização hierárquica do

¹⁴¹ CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do integralismo em Ijuí*. Dissertação (Mestrado em História) - Ufrgs, Porto Alegre, 1994. p. 108.

¹⁴² E. C. Ação Católica – como formar o sentido da organização. *A Nação*, 10 mar. 1940, p. 19. Arquivo Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

¹⁴³ Idem, p. 19. Expressão usada pelo colunista do artigo assinado por E. C.

¹⁴⁴ E. C. Ação Católica. *A Nação*, 25 fev. 1940 (complemento domingo).

integralismo. Os jovens, ao ingressarem na AC, de imediato teriam de ter uma *boa impressão* e receber um *banho de organização*.

A Igreja deixava transparecer sua admiração e simpatia pela hierarquização nos moldes fascistas e integralistas. Além da visível exaltação e valorização da conduta centrada na ordem através de indivíduos, estes como figuras simbólicas de poder, aparece outro ponto em comum entre Igreja e integralismo: a supervalorização da família, a figura do homem como mantenedor da organização e da conduta dos bons princípios dos jovens e de toda a sociedade. A admiração e simpatia pelos ideais integralistas são perceptíveis em vários momentos e foram registradas na imprensa. No centenário da encíclica *Rerum Novarum*, uma importante figura integralista, Dario de Bittencourt, foi convidada pelo padre Inácio Vale S. J. para fazer uma homenagem, o qual exaltou o papa Leão XIII e as instituições cristãs.¹⁴⁵ Houve, portanto, momentos de ligações, de afinidade e simpatia entre Igreja e integralismo, mesmo que algumas vezes conflitos estivessem presentes e fossem marcantes.

Torna-se pertinente também abordar outro momento em que essas relações aparecem. Na missa de sétimo dia de Wolfram Metzler, o arcebispo metropolitano de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, proferiu a oração fúnebre dizendo que “[...] por conhecer de perto e de longa data a alma do falecido, assim podia depor em seu favor”,¹⁴⁶ e aprimorou-se Wolfram deveria ser seguido como exemplo na vida pública e também na particular. O arcebispo levou pessoalmente consolo à família em Novo Hamburgo e foi o celebrante e orador da missa de sétimo dia de Metzler.

A defesa da boa imprensa

Outro ponto em que Igreja e integralistas compartilhavam idéias era a defesa e incentivo à boa imprensa. No final da década de 1930 e início do decênio de 1940, intensa foi a propaganda para fomentar a expansão da imprensa católica. Jornais católicos como *A Nação* e *Estrela do Sul*, em seus artigos, traziam apelos constantes à valorização da

¹⁴⁵VALE, Inácio S. J. A encíclica *Rerum Novarum* e a Legislação Trabalhista. *A Nação*, Porto Alegre, ano III, n. 645, 1º maio 1941. p. 5.

¹⁴⁶ S. Excia. Rvma. D. Vicente Scherer celebrou missa de sétimo dia de Wolfram Metzler. *A Nação*, Porto Alegre, ano 87, n. 16087, 30 out. 1957.

imprensa católica, com o que católicos estariam contribuindo para salvação dos homens. A Igreja acreditava que, através da boa imprensa, poder-se-ia “conseguir a força moral, a ordem, a tranqüilidade e a paz na sociedade”.¹⁴⁷

Argumentava-se, então, que ler jornais católicos era dever de todos os católicos. Com a finalidade de expandir sua atuação, realizaram-se até mesmo semanas da imprensa, congressos, numa ampla discussão não só em nível regional, mas também nacional e internacional. Sobre o assunto, impressionam o apelo e as constantes e extensas reportagens em defesa da difusão dos jornais católicos.

[...] a imprensa assume duas formas, apenas: a maquiavélica – menti, menti que sempre algo fica; ou a que se baseia no princípio evangélico: Na 1ª cabem quase todos os jornais, cabem os artigos insidiosos, destruidores dos grandes princípios da disciplina inteligente, da ordem orientada, do amor ao bem, ao lar organizado, do matrimônio – sacramento, da obediência consciente à autoridade legítima. Até quando nós cathólicos admitimos a imprensa até a pornographica adversa? Até quando nós, enriquecemos a imprensa liberal?.¹⁴⁸

Procuravam-se, portanto, de todas as formas, argumentos que apresentassem a imprensa católica como a única portadora de verdadeiras informações e bons princípios. Dessa forma, atribuía-se menor importância aos demais jornais do estado.

Em alguns anúncios, os jornais católicos *Estrela do Sul* e *A Nação* indicavam o jornal *O Diário* como sugestão de leitura: “É o jornal cotidiano que proporciona informações completas e leitura útil e amena.”¹⁴⁹ Indicava-se também a leitura de livros que veiculassem conteúdo dentro dos ditames da Igreja. É preciso ressaltar que esse jornal era dirigido por Dâmaso Rocha, ex-membro integralista que trabalhara como redator no jornal *A Nação* e que rompera relações na Tipografia do Centro, importante estabelecimento que tinha como sócios a Cúria Metropolitana de Porto Alegre e a família Metzler. O conflito ocorreu por Metzler não ter concordado com a postura de Rocha diante do conflito mundial e, principalmente, pelo seu posicionamento sobre “injuriosa procedência quanto aos descendentes alemães”.¹⁵⁰ Quanto aos livros indicados no jornal, fazem parte da Companhia Metzler Limitada.

¹⁴⁷ Bilhete da Redação. *A Nação*. Porto Alegre, ano III, 18 jul. 1939. p. 4.

¹⁴⁸ Os catholicos e a imprensa. *Estrela do Sul*, Porto Alegre, ano XVII, n. 1, jan. 1939. p. 4.

¹⁴⁹ Bons livros do Centro. *Estrela do Sul*, Porto Alegre, ano XVII, n. 3, jan. 1939.

¹⁵⁰ Processo de perda da nacionalidade de Wolfram Metzler, 25 mar. 1944. Arquivo particular de Maria Ehrentudes Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

Ao propagarem a *boa imprensa*, integralistas e Igreja uniam-se para realmente incentivar os jornais católicos no combate ao liberalismo, à maçonaria e, sobretudo, ao comunismo.

Ao relatarmos questões pertinentes à atuação da Igreja na sociedade rio-grandense e, especialmente, os mecanismos de que lançou mão para conseguir maior atuação, pretendemos demonstrar que houve relações e ações compartilhadas entre membros do clero e integralistas e perreperistas. Buscamos, através de Wolfram Metzler, perceber tais vínculos e ações já que ele foi sócio da Cúria Metropolitana de Porto Alegre na Tipografia do Centro, onde era editado um dos principais jornais católicos do estado do Rio Grande do Sul – *A Nação*.

Metzler

símbolo do catolicismo e do integralismo nas regiões coloniais

Para uma melhor compreensão do trabalho proposto neste capítulo, é de suma importância abordar alguns dados biográficos de Wolfram Metzler.

Wolfram Metzler nasceu em Porto Alegre no dia 15 de setembro de 1903, sendo filho de Hugo Metzler, imigrante alemão que se tornou sócio na Tipografia do Centro, editora de três jornais católicos.¹⁵¹ Formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, tendo viajado duas vezes à Europa, a primeira vez em 1927 e, depois, em 1931, para especializar-se em cirurgia e clínica médica na Alemanha, na Áustria e na França, onde fez estágio nas principais organizações hospitalares e institutos médicos. No Rio Grande do Sul, Metzler clinicou em Santo Cristo e, depois, em Novo Hamburgo.¹⁵² Em 1936, conduziu o jornal integralista alemão *Der Kampf* e, em 1939, tornou-se gerente do jornal católico *A Nação*.

Wolfram foi um dos fundadores e membro do movimento integralista no estado e, posteriormente, filiado ao Partido de Representação Popular. Foi vereador pela AIB em

¹⁵¹ Jornal de língua brasileira *A Epoca*; em italiano *Corriere Cattólico*; em alemão *Deutsches Volksblatt*. METZLER, Rudolf. Hugo Metzler Filho – vida dedicada a um trabalho nobre. Porto Alegre, 1968. Arquivo Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

¹⁵² Faleceu Wolfram Metzler. *A Hora*, Porto Alegre, n. 869, out. 1957. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis (filha de Wolfram Metzler).

Novo Hamburgo em 1936, deputado estadual de 1947 a 1951 pelo PRP; pelo mesmo partido elegeu-se como deputado federal de 1951 a 1954; em 1954, foi candidato a governador do estado, ainda pela legenda do PRP. Exerceu a função de diretor do jornal católico *A Nação*, o mais velho do estado. Em 1957, assumiu a direção do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (Inic), falecendo poucos dias depois de ter assumido o cargo. Nesse período também era líder do PRP.¹⁵³ Metzler foi preso em 1942, acusado de porte ilegal de arma e de ser ex-membro integralista, tendo sido identificado como simpatizante do nazismo; ficou cem dias preso na Colônia Penal Agrícola Daltro Filho. Em 1944, sofreu um processo de perda de nacionalidade brasileira.

Metzler viajou à Alemanha em 1927, com ajuda financeira de seu pai, para aperfeiçoar-se em medicina. Em 1931, já casado com Emilie, uma alemã que conhecera na Alemanha, retornou a esse país com sua esposa e a filha Rosvita a fim de visitar seu sogro – que também era médico numa pequena cidade, onde fica o Palácio de Verão dos reis de Wültenberg, do qual era médico. Fez estágio com o sogro, praticando uma medicina moderna, mas recusou seu convite para montar um hospital naquele país.¹⁵⁴

O jornal *NH* enfatiza que, mesmo se encontrando na Alemanha, Wolfram registrou sua filha que acabara de nascer no consulado brasileiro, pois pretendia exercer a profissão de médico no Brasil. Ao retornar em 1932 para Porto Alegre com a família, foi convidado por seu tio Leopoldo Petry, prefeito de Novo Hamburgo, para montar uma clínica na cidade.

É pertinente e interessante ressaltar que Wolfram estivera na Alemanha num período de intensa campanha de Hitler, quando o nacional-socialismo ganhava espaço e conquistava um contingente considerável de adeptos. Diante da campanha de reconstrução e avanço alemão, os ideais nazistas entusiasmavam milhões de pessoas; por isso, ao retornar ao Brasil, buscou aproximar-se do movimento político brasileiro que propagava ideais fascistas.

As organizações criadas pela Igreja ganharam espaço e se fortaleceram entre os imigrantes. Para expandir sua atuação, vários meios foram utilizados, como congressos regionais, incentivo aos trabalhos da AC e da LEC em todas as paróquias da arquidiocese;

¹⁵³ Homenagem Médico Brillhante, jornalista e político. *NH*, jun. 1977. p. 23.

¹⁵⁴ FEIJO, A lceu. Metzler, o único deputado federal de Novo Hamburgo. *NH*, especial, 27 dez. 1990. p. 20

realização de visitas em caravanas para o interior, compostas por sacerdotes e oradores leigos com o objetivo de propagar e defender os ideais católicos. Portanto, todos os meios possíveis deveriam ser empregados pelos vigários para esclarecer os fiéis sobre o dever dos católicos de se qualificarem para, assim, estarem aptos a defender a nova Constituinte, cujas bandeiras eram o ensino religioso facultativo nos colégios públicos, a assistência religiosa ao Exército e à Armada e o reconhecimento civil do casamento religioso.¹⁵⁵

Muitas caravanas partiam para as regiões de colonização italiana e alemã, mostrando suas propostas e apelando para que todos os verdadeiros católicos nelas ingressassem e formassem uma grande família. Chama atenção na divulgação da AC e da LEC nas regiões italiana e alemã quem eram os membros que faziam parte das caravanas. Na zona colonial italiana, eles visavam fundar a LEC em diversas localidades do interior e também instruir a população sobre os seus deveres cívicos naquele momento. Uma das caravanas foi chefiada pelo cônego Benjamim Carvalho de Aragão e dela faziam parte ainda Salomão Pires Abrahão, advogado no fórum da capital, o acadêmico Ernani Fiori e Ernesto Bompart, redator do *Stafetta Riograndense*.¹⁵⁶

Tem-se, portanto, numa caravana com fins de orientação a católicos, o redator do *Stafetta Riograndense*, jornal de cunho fascista, e Ernani Fiori, futuro integralista e destacado membro do meio universitário, defensor dos propósitos católicos e importante figura no combate ao comunismo.¹⁵⁷

Em 1934, Fiori, juntamente com outros companheiros, afastou-se da AIB em virtude de desavença por razões religiosas: eles não admitiam que pessoas de outras religiões ou seitas ingressassem no movimento, pois queriam que o integralismo fosse apenas vinculado ao catolicismo.¹⁵⁸ Contudo, mesmo que tenha rompido com a AIB, Fiori provavelmente não conseguiu romper imediatamente com sua concepção integralista. Diante disso, sua ação junto às caravanas com a finalidade de fortificar a AC e a LEC no meio católico torna-se questionável, visto que podia não propagar o integralismo, mas suas idéias e princípios estariam impregnados em seus discursos.

¹⁵⁵ *Unitas*, Porto Alegre, ano XIX, n. 12, dez. 1932. p. 464.

¹⁵⁶ *Idem*, p. 501-502.

¹⁵⁷ Ver mais sobre Fiori em BRANDALISE, op. cit., p. 153.

¹⁵⁸ BRANDALISE, Carla, op. cit., p. 153.

No que se refere à imprensa, João Fábio Bertonha afirma que parece óbvia a ligação do clero com o fascismo no Rio Grande do Sul. Há, inclusive, registros de jornais apoiando o fascismo, do que é exemplo o *Stafetta Riograndense*, de Garibaldi, que era dirigido pelos missionários italianos e muito popular entre os trabalhadores rurais.¹⁵⁹ De certa forma, fica claro que idéias e princípios fascistas e integralistas propagaram-se no meio católico não só através da propaganda pela imprensa, mas também de forma indireta, mesclando-se em discursos de membros que compunham as caravanas.

Na região de colonização alemã, o trabalho de caravanas também se desenvolvia com os mesmos fins que na italiana. O padre Jacob Seger, vigário de Arroio do Meio, conduziu uma caravana juntamente com Gastão Englert, Franz Metzler e Waldemar Moesch. Os componentes dessas excursões relatavam o entusiasmo observado por toda parte e afirmavam que os resultados haviam excedido as expectativas mais otimistas, em razão dos trabalhos dos vigários e da profunda religiosidade do bom “povo da colônia”.¹⁶⁰

Da caravana citada, destacamos Franz Metzler, irmão de Wolfram Metzler, médico de grande prestígio entre os agricultores do Rio Grande do Sul e militante integralista. Numa reportagem do jornal *NH* de Novo Hamburgo, Wolfram foi homenageado por ser considerado um “deus” entre os imigrantes.¹⁶¹ Recebeu várias homenagens pelo trabalho que desenvolvia junto àqueles, por ser um grande católico e político, especialmente intercedendo pelo meio rural. O jornal exaltava a figura de Wolfram Metzler: “O forasteiro que fora clinicar no interior do RS era muito mais que um jovem educado, que um bom médico, era um líder, despertando longe dos grandes centros.”¹⁶²

Wolfram Metzler viajou à Europa onde permaneceu algum tempo para ampliar seus conhecimentos e, em 1931, retornou ao Brasil com “novas idéias”.¹⁶³ Mesmo com um período curto de vida política, destacou-se como vereador em Novo Hamburgo, como deputado estadual, deputado federal e, em 1957, foi presidente do Instituto de Imigração e Colonização, onde permaneceu pouco tempo em consequência de sua morte prematura.

¹⁵⁹ BERTONHA, João Fábio, op. cit., p. 227.

¹⁶⁰ *Unitas*, Porto Alegre, ano XIX, n. 12, dez. 1932. p. 502.

¹⁶¹ FEIJO, Alceu. Um médico, visto como “deus” e que quase chegou a senador. *NH*, Novo Hamburgo, dez. 1990. p. 8. Arquivo CD -AIB/PRP, Porto Alegre .

¹⁶² *Idem*, p. 8.

¹⁶³ *Idem*, p. 8.

Em 1932, com as turbulências na vida política, Wolfram tomou contato com as idéias de Plínio Salgado, cuja ideologia era calcada no espiritualismo cristão. Percebeu, então, que as idéias do integralismo se afinavam com as idéias do partido do centro.¹⁶⁴

O prestígio de Wolfram Metzler teve início na década de 1930, quando começou a atuar na área da medicina e como político. É possível perceber que seu prestígio não ficou restrito a esse período, tendo se destacado na década de 1950, sobretudo pela sua atuação política e divulgação do catolicismo entre os imigrantes nas regiões cobníais. O jornal *NH* de Novo Hamburgo, numa homenagem em 1990, relatava que o Wolfram se tornara um grande líder nas regiões de colonização. Como exemplo, registrava que, em 1936, a AIB alistara 518 simpatizantes e a legenda recebera 518 votos, tendo sido eleito vereador naquele ano, com grande destaque sobretudo entre os alemães.

Extinta a AIB em 1938, Wolfram sofreu repressão da mesma forma que seus companheiros integralistas. Mais tarde ingressou no PRP e, em 1946, foi eleito deputado estadual. Metzler alcançou a segunda maior votação para a Assembléia, tendo sido o único candidato que obteve votação em todos os municípios gaúchos, elegendo, assim, mais três deputados.¹⁶⁵ No pós-38, com a política do Estado Novo e o contexto de conflitos internacionais, teve sua atuação política submetida a investigações. Conforme consta em relatório policial, Metzler declarou:

Em 1934 a convite do Padre Schimeller ingressou para a LEC, que em 1935, por insistência do senhor Nestor Pereira ingressou nas fileiras da AIB e que nesta exerceu funções de chefe do núcleo de NH, acumulada com a de governador da Segunda região. Juntamente com seus irmãos é acionista da Tipografia do Centro - exercendo cargo de diretor-gerente; que possuem 55 a 60% das ações da referida sociedade, sendo as restantes subscritas pela Cúria metropolitana; que da sociedade, faz parte o Jornal "A Nação" que, a parte intelectual, política e redatorial do jornal está afeta exclusivamente a Cúria.¹⁶⁶

Diante do exposto, podemos perceber que houve um jornal católico de grande expressão no estado, *A Nação*, e uma empresa, a Tipografia do Centro, vinculados a membros integralistas. Um conflito chama a atenção em relação a esse jornal católico,

¹⁶⁴ Idem, p. 9. No segundo capítulo, será abordada a atuação política de Metzler.

¹⁶⁵ Idem, p. 9.

¹⁶⁶ METZLER, Wolfram. *Pulverizando infâmias*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Tipografia do Centro, 1947. p. 7. Arquivo CD -AIB/PRP, Porto Alegre.

ocorrido entre Wolfram Metzler, Ernani Fiori, Damásio Rocha e seu irmão Franz Metzler. Wolfram posicionava-se contra o direcionamento político que estes estavam dando ao jornal *A Nação*, razão pela qual ordenava a mudança de diretores do jornal. Não abria mão de sua decisão, mesmo sabendo que as questões referentes à política eram organizadas pela Cúria, que também era sócia do jornal.¹⁶⁷

Em relação ao desentendimento de Wolfram com Ernani Fiori, julga-se que o problema vinha de longo tempo. Brandalise ressalta que Fiori, como secretário geral do movimento, rompeu com o integralismo por não se conformar com fatos que julgava estar ocorrendo dentro da AIB. A desavença principal entre ambos relacionava-se à questão religiosa: Fiori desejava um movimento apenas de cunho católico.¹⁶⁸

Em relação a Franz Metzler, Wolfram expunha numa carta sua preocupação com o trabalho *antinazista* do jornal *Deutsches Volksblatt*, conduzido por seu irmão. Acreditava que essa posição contrariava e prejudicava as finalidades do jornal, que eram a orientação católica, a dedicação à colônia, especialmente à alemã. Ressaltava: “O colono se interessa pelo tempo, pelas estradas, pela escola e assuntos religiosos, pelas dotações dos produtos, pelas leis novas, em suma, por tudo o que atinge diretamente. Depois deseja, porém, que a política internacional lhe seja apresentada com sentimento pró-alemão.”¹⁶⁹

Percebe-se a constante preocupação de Wolfram Metzler com a deturpação de sua imagem diante dos colonos se o jornal continuasse com as propagandas antinazistas e não trouxesse conteúdos mais direcionados à agricultura, à saúde, enfim, assuntos que realmente se faziam necessários “no momento para o colono”. Parece provável que o posicionamento de Franz preocupava Wolfram por não convergirem em suas opiniões, mas também por tal posicionamento acarretar prejuízos à imagem deste junto aos agricultores, além dos prejuízos financeiros para o jornal do qual era sócio.

Abordando a reação da população teuta no Sul do Brasil diante do nacional-socialismo, Gertz ressalta que foi enviado à Alemanha um relatório de personalidades antinazistas do Rio Grande do Sul, entre as quais constava o nome de Franz Metzler,

¹⁶⁷ Idem, p. 8.

¹⁶⁸ BRANDALISE, Carla, op. cit., p. 153.

¹⁶⁹ NH. Novo Hamburgo, nov. 1939. p. 8. Arquivo CD-AIB, Porto Alegre.

diretor do jornal *Deutsches Volksblatt*.¹⁷⁰ Wolfram salientava que até um professor teria dito em Porto Alegre: “Somos brasileiros e somos de todo coração e do íntimo da alma. Mas, como brasileiros somos amigos da pátria de nosso país e quando a Alemanha vibra nós vibramos juntos.”¹⁷¹

Wolfram concordava com tal discurso dizendo que também pensava assim e que havia outros brasileiros que não viam odiosamente o povo alemão; queriam, sim, que em breve a paz fosse logo alcançada.¹⁷² Citava várias opiniões de que tinha conhecimento para demonstrar que realmente suas colocações tinham amparo no meio colonial, inclusive de padres.

Mário F. de Medeiros, na revista *Panorama*, escreveu sobre a relação de Wolfram Metzler com o integralismo e o hitlerismo: “Homens como Wolfram Metzler, vem no hitlerismo, um dos maiores inimigos do movimento integralista, dentro da zona colonial, e que tudo acontece bem ao contrário do que espalham as agências telegráficas e jornais que nos combatem. O Integralismo não encontra nenhum apoio no hitlerismo. Pelo contrário, é combatido por elle.”¹⁷³

Buscava-se perpassar que o integralismo não tinha relação nenhuma com o nazismo; pelo contrário, apresentava-se Wolfram como o integralista que combatia as idéias nazistas. Entretanto, Gilberto Calil relata que muitos foram os jornais que identificaram o integralismo com o nazi-fascismo: “Ainda que os integralistas se preocupassem em negá-la, ela se repetia em constantes denúncias, consolidando um sentimento antiintegralista na opinião pública.”¹⁷⁴ O autor cita como exemplo o jornal *Diário de Notícias* de Porto Alegre, que em muitos momentos fez duras críticas ao movimento por identificá-lo com o nazi-fascismo e também por defender o autoritarismo. Quanto a Metzler, também foi identificado como simpatizante do nazismo não só pela imprensa, mas por seus companheiros deputados e no processo pela perda da nacionalidade em 1944.

¹⁷⁰ GERTZ, René E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 82-83.

¹⁷¹ METZLER, op. cit., p. 8.

¹⁷² METZLER, op. cit., p. 8.

¹⁷³ *Panorama*, São Paulo, ano I, n.7, jun. 1936.

¹⁷⁴ CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra*. A formação do PRP (1945-1950). Porto Alegre: Edipucrs, 2001. p. 89-90.

No processo de perda da nacionalidade, quando interrogado sobre o conflito europeu, Metzler respondeu que, por motivos afetivos, estava ligado à Alemanha, mas esclareceu ser antinazista pelo fato de ser católico, e, como se sabia, o representante máximo da Igreja Católica condenara o regime político alemão.¹⁷⁵ Em várias declarações e artigos, o posicionamento de Metzler denotara ser de grande simpatia à Alemanha, tanto que registrara filhos no consulado alemão. Considerava justas as aspirações do povo alemão no que se referia à obtenção de colônias porque conhecia o país e sabia que estava superpovoado. Em relação a Hitler, salientava com clareza que, se ele buscava benefícios ao povo, sua vitória deveria ser desejada.¹⁷⁶

Na Assembléia Legislativa, em 1947, Wolfram Metzler expôs para os deputados sua vida política, argumentando por que fora integralista e explicando seu posicionamento diante de vários acontecimentos. Deixava claro a seus companheiros que se tornara integralista porque na bandeira do movimento estava inscrito o corporativismo cristão. Durante algum tempo, fora leitor da revista cultural *Shönere Zukunft*, da Áustria, que propagava esse movimento. Metzler acreditava que a palavra “integralismo” indicava a completa integralização e o mais harmônico entrosamento de todos os elementos que compunham a nação brasileira.¹⁷⁷ No meio colonial alemão, para que o integralismo conseguisse se tornar realidade, Wolfram acreditava que era preciso divulgar seus ideais através da imprensa, permitindo que as pessoas entendessem o que pregava o movimento. Através do jornal integralista alemão *Der Kampf*, as idéias desse movimento chegaram às comunidades coloniais alemãs; assim, acreditava-se “que eles entendessem a doutrina, e de forma sincera e pertinaz integravam-se à Nação”.¹⁷⁸

Uma das formas de aproximação com os imigrantes certamente foi através da linguagem, dos jornais editados no idioma alemão. Mas, certamente, foi por Metzler ser médico que conseguiu maior projeção em meio a um estrato social que buscava integrar-se e conquistar espaço num meio político, pode-se dizer, de forte tradição oligárquica, onde a elite tradicional gaúcha mantinha o poder de forma hegemônica. Nesse, a figura de um *bom homem*, católico, interessado em questões relacionadas à saúde e, sobretudo, à agricultura,

¹⁷⁵ METZLER, op. cit., p. 7.

¹⁷⁶ Idem, p. 7.

¹⁷⁷ Idem, p. 8.

¹⁷⁸ Idem, p. 15.

sem dúvida, despertava uma certa simpatia. Mas onde aparece o Metzler político? Várias fontes indicam que a figura de Metzler está constantemente relacionada ao meio colonial e o enfoque maior sempre é direcionado para suas preocupações com a população das localidades do interior em relação à agricultura, à saúde e, em último lugar, a questões políticas.

Metzler, como *bom médico e católico*, aspirava, segundo seus discursos, a muito mais que ajudar os colonos; sua ação objetivava ter a sua volta a maioria dos agricultores. Nesse sentido, vários são os jornais que enfatizam as excelentes relações que mantinha com esses em várias regiões e também com o clero. Metzler fornecia orientações em relação à terra e buscava estar presente no meio dos agricultores, divulgando a imagem de bom católico.

Ressaltamos que o poder de Metzler nas regiões coloniais e junto à Igreja era significativo. Esse poder a que nos referimos não é o poder imposto de cima para baixo, pela repressão e, sim, aquele que produz discurso, que produz coisas, que induz ao prazer. Esse poder, escreve Michel Foucault, “deve ser considerado como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir”.¹⁷⁹ Não é um poder em termos jurídicos, nem em termos de aparelho do Estado.¹⁸⁰ Mas o que é poder? “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal constituída historicamente.”¹⁸¹

O poder assume diferentes formas, não ficando restrito apenas ao Estado; ele se expande pela sociedade, assumindo formas mais regionais.¹⁸² “O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é justamente esse aspecto que explica o fato de que tem como alvo o corpo humano não para suplicá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo.”¹⁸³

Metzler buscava manter um certo controle nas regiões coloniais, principalmente nas alemãs, e, através das concessões e do seu discurso, conseguia manter-se como um líder

¹⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. 8.

¹⁸⁰ Idem, p. 6.

¹⁸¹ Idem, p. X.

¹⁸² Idem, p. XII.

¹⁸³ Idem, p. XVI.

regional e firmar-se politicamente. Estando presente na vida social, conseguia ter um certo controle das atividades dos colonos, das suas ações, aproveitando-se também das potencialidades desses. Por essa razão, podemos afirmar que o poder abrange o econômico e o político: “Aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir a força política.”¹⁸⁴

Entendemos que o controle que Metzler conseguiu obter sobre a população das regiões coloniais deveu-se não só ao fato de ser considerado um *bom homem*, um *grande católico*, um *defensor da agricultura*, mas, sim, por utilizar eficazmente o poder e também porque o “controle sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” – “a medicina é uma estratégia biopolítica”.¹⁸⁵ Metzler, como médico, reforçou sua liderança também utilizando essa forma de controle e poder.

A forte atuação de Metzler é perceptível no meio colonial pelos relatos de sua morte, em 1957, quando homenagens lhe foram prestadas em todo o país. No Rio Grande do Sul, inaugurou-se em praça pública um busto de Metzler em Santo Cristo, lugar onde atuara como médico,¹⁸⁶ além de haver homenagens por padres, como um artigo no jornal *A Nação*, cujo título era o seguinte: “Wolfram e seus colonos.”¹⁸⁷ “Um leitor da cidade objetará talvez que os colonos de Wolfram eram somente os que pertenciam ao mesmo partido, que o elegeram e cujas reivindicações se esforçava para defender. Um homem rural haveria de rir se ouvisse tal objeção. Instintivamente, os agricultores sentiam que o seu Metzler queria o bem de todos e não somente dos correligionários”.¹⁸⁸

Em sessão plenária na Assembléia Legislativa, Alberto Holffmann, em 1976, pronunciou um discurso falando do grande homem que fora Metzler, de sua preocupação

¹⁸⁴ Idem, p. XVI.

¹⁸⁵ Idem, p. 80.

¹⁸⁶ *NH*, Novo Hamburgo, jul. 1973, p. 6. Arquivo CD-AIB, Porto Alegre.

¹⁸⁷ SCHMIEDER, Godofredo S.J. Wolfram Metzler e os colonos. *O Dia*, Porto Alegre, out. 1957, p. 1. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis.

¹⁸⁸ Idem, p. 1.

como médico e também como defensor dos colonos. Eis parte de sua fala: “Jornalista brilhante passou a desenvolver uma série de campanhas nos jornais com difusão no interior.”¹⁸⁹

Metzler, um integralista, perrepista e católico convicto, buscava apoio entre os agricultores, e tudo leva a crer que o tenha conseguido. Fundou uma escola de treinamento agrícola em Venâncio Aires, e a Assembléia Geral da União Popular elegeu-o como seu vice-presidente, integrando-se nos ideais católicos e em defesa da agricultura, segundo as tradições desta sociedade e as idéias de seu fundador, padre Teodoro Amstad, S.J.¹⁹⁰

O grande número de trabalhos desenvolvidos de forma cooperada por Metzler e muitos padres nas regiões coloniais leva a crer que o integralismo e o PRP conseguiram muitos adeptos explorando a figura de Metzler, já que este exercia grande liderança entre os agricultores e também a simpatia de membros do clero.

A imagem de Metzler expandiu-se por todo o estado, atingindo também as colônias de japoneses e italianos, ou seja, não se restringiu apenas à região de imigração alemã.¹⁹¹ Mesmo não sendo agrônomo, escreveu sobre agricultura com o objetivo de auxiliar os agricultores, lançando em 1956 a obra *Análise da terra – ao alcance de todos*. Mostrou-se engajado na luta para manter o homem na terra, acreditando que isso reverteria para o bem comum, “pois a sobrevivência da própria nação dependia do tratamento que lhe é dispensável”.¹⁹²

Wolfram Metzler edificou e moldou sua política muito mais sobre a agricultura do que sobre sua profissão como médico. Alertava nos seus discursos que, se nada fosse feito

¹⁸⁹ Várias homenagens foram prestadas a Metzler após sua morte, entre elas, em 1980, por alunos de uma escola do Novo Hamburgo, que fizeram histórias em quadrinhos enfatizando a figura “humanitária, católica e defensor dos colonos”.

¹⁹⁰ Ver SCHALLEMBERGER, Erneldo. *O associativismo cristão no sul do Brasil*. A contribuição da sociedade União Popular e da Liga das Uniões Coloniais para a organização e o desenvolvimento social sul-brasileiro. Tese (Doutorado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 2001, especialmente capítulo III, p. 305-338.

¹⁹¹ No CD-AIB encontra-se uma foto (grande) de Wolfram entre colonos japoneses em plantações de alface. Em relação aos italianos, é possível perceber no jornal *A Folha da Tarde*, de 11 ago. 1959, a solidariedade do governo de Caxias do Sul na homenagem de Wolfram. O chefe do Executivo de Caxias oficiou ao governador Leonel Brizola cumprimentos pela iniciativa de ser erguida uma herma à memória de Metzler. Considerou o gesto significativo porque “Wolfram dedicou praticamente toda sua vida ao estudo dos assuntos de interesse das diversas regiões coloniais”.

¹⁹² Arquivo CD-AIB/PRP. Porto Alegre. Textos de Wolfram Metzler onde fala da agricultura e da questão da terra – sem ano.

pela agricultura nas regiões coloniais, catástrofes aconteceriam. Ao direcionar textos para o povo da terra, especialmente em alemão, ele conseguiu aproximar-se dos colonos não como um político integralista/perrepista, mas como um cidadão que acreditava que a agricultura deveria ser defendida e estar no cerne das discussões. Ele construiu sua carreira política tomando como base os anseios, medos e angústias dos colonos. Poderíamos indagar: até onde iria a preocupação real de Metzler com os colonos? É possível separar interesses políticos do desejo verdadeiro de ajuda à população colonial?

Difícilmente ocorreria uma ruptura entre as pretensões de ajuda à agricultura, de assistência à saúde, e os seus interesses políticos nessas regiões. Parece difícil não tomarmos a figura de Metzler como um meio utilizado pelos integralistas e perrepistas para conseguirem simpatizantes e militantes no meio colonial. É interessante sua atuação no catolicismo, o trabalho feito em conjunto com padres, a sua preocupação com a agricultura e com a saúde dos imigrantes. Somado a isso havia a proposta glorificadora do integralismo, com a defesa de “Deus, da pátria e da família”.

No meio colonial era visível uma certa afinidade entre membros integralistas/perrepistas e membros do clero. Através da AC e da LEC, da imprensa e de colaboradores como Metzler, com força de liderança, os ideais integralistas/perrepistas conquistaram espaços; portanto, com frequência, ideais integralistas e católicos andavam juntos. Como não pensar em membros propagando o catolicismo e, ao mesmo tempo, clamando e apelando para o integralismo e para o PRP, já que estes defendiam em sua doutrina idéias que agradavam ao meio católico, como “Deus, pátria e família?” Observamos que o pensamento do arcebispo de Porto Alegre dom João Becker e de alguns padres, em vários momentos, assemelhava-se aos ideais defendidos por Metzler.

Artur César Isaia relata que dom João Becker inclinava-se pela preservação de uma base social de cunho agrário, com uma sociedade voltada a Deus e à fé, o que podia ser constatado no interior do Rio Grande do Sul, onde, segundo o arcebispo, o povo se mantinha fiel à Igreja. A vida rural era vista não só como ideal a ser preservado, mas, também, como alternativa para os desafortunados das cidades.¹⁹³

¹⁹³ ISAIA. Artur César. Catolicismo e desenvolvimento varguista: nexos do apoio da arquidiocese de POA ao estado brasileiro no período pós-30 – *Estudos ibero americanos*. Revista do departamento de História Pós-Graduação em História, PUCRS, v. 19, n. 2, p. 1-138, dez. 1993.

Dom João Becker salientava a supremacia da vida rural sobre a urbana, integrando o coro das vozes que, simpatizando claramente com a solução autoritária, há muito retratavam benignamente o campo. “Pensadores como Plínio Salgado, Alberto Torres, Oliveira Viana, Jackson de Figueiredo e Alceu A. Lima, vinham há algum tempo louvando a vida agrária.”¹⁹⁴ Ressaltamos que não podemos, certamente, tomar a Igreja como um todo homogêneo; por isso, referimo-nos aqui a membros que faziam parte desta e que simpatizavam com o integralismo e com o PRP. “Será bom salientar que vemos no Integralismo, não um movimento de exclusivo combate ao comunismo na relação de causa ou de efeito para com este, mas vemo-lo como um movimento positivo, que propõe construir uma sociedade nova. Na AIB qualquer católico pode ingressar.”¹⁹⁵

Em várias fontes encontra-se orientação positiva da Igreja quanto ao ingresso de católicos no movimento. Dom João Becker, por meio em *cartas pastorais*, também exaltava o movimento, apresentando as suas boas “idéias e intenções”.¹⁹⁶

Com o surgimento do Estado Novo, entretanto, esses religiosos tomaram posicionamentos e caminhos diferentes em relação à política anterior. Após 1937, muitos padres católicos, inclusive o arcebispo, mudaram seus posicionamentos em relação ao movimento: “O Brasil não pode ser rebocado pelo comunismo, nem pelo nazismo, nem pelo Integralismo”.¹⁹⁷ Então, diante dos conflitos mundiais, o apelo aos jovens era para integrarem a cruz de Cristo e não do “sigma”.¹⁹⁸ Além disso, na trigésima primeira carta pastoral de dom João Becker, expressava-se uma grande preocupação em relação às declarações de que, no Rio Grande do Sul e em todo o Brasil, somente existiam duas classes de cidadãos: os comunistas e os quinta-colunistas. Segundo o arcebispo, o pior era que as calúnias espalhavam-se não só no meio urbano, mas também nas zonas rurais, chegando aos agricultores, que “não têm suficiente formação política e social”.¹⁹⁹

A preocupação com a perda de controle nas regiões pela Igreja era clara, especialmente nas regiões de colonização. Frente a isso, a Igreja intensificou o ensino na

¹⁹⁴ Idem, p. 101.

¹⁹⁵ *Idade nova*, 5 nov. 1936. Arquivo particular de Emílio Kaminski – CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

¹⁹⁶ *Unitas*, Porto Alegre, jan./abr. 1933. p. 437. Arquivo Cúria Metropolitana.

¹⁹⁷ Trigésima primeira carta pastoral. *Unitas*, 1943. p. 117.

¹⁹⁸ Idem, p. 117.

¹⁹⁹ Idem, p. 200.

zona agrícola a fim de instruir “os agricultores sem formação”. Dom João Becker salientava que o trabalho desenvolvido pela Igreja em relação à educação era um complemento apenas “dos louváveis trabalhos proporcionados pelo Estado Novo ou Estado Nacional”.²⁰⁰

A Igreja pós-Estado Novo intensificou seu discurso favorável ao governo. Entretanto, não é possível generalizar tal procedimento porque as manifestações em diversas regiões do estado apresentaram peculiaridades, e aqui nos limitamos às regiões de imigração italiana e alemã. Abordamos, anteriormente, a grande liderança de Metzler, principalmente na colônia alemã, e seu trabalho conjunto com os membros católicos. Diante dessas peculiaridades regionais, verificamos que, apesar de Metzler sair de cena, seus ideais ficaram impregnados e sua imagem permaneceu presente junto aos colonos e também de um número significativo de padres. Tanto o é que, quando da sua morte, em 1957, muitos padres exaltaram-no como grande político, católico e humanitário.²⁰¹

Frente ao exposto, no próximo capítulo, relatamos os conflitos internos e as relações estabelecidos entre Metzler, integralistas, perrepistas e Igreja, priorizando um maior entendimento sobre a atuação de nosso personagem na política e junto ao clero.

²⁰⁰ Idem, p. 205.

²⁰¹ *A Nação*, Porto Alegre, ano 87, out. 1957. p. 1.

WOLFRAM METZLER E A IGREJA CATÓLICA

ARTICULAÇÕES POLÍTICAS NO ESTADO NO CONTEXTO DA GUERRA E PÓS-GUERRA

No *Anuário brasileiro de imigração e colonização*, obra aprovada pelo Instituto Nacional do Livro, que a distribuiu para as bibliotecas de todo território nacional, publicada pela Editora Anuário do Rio de Janeiro, com direção do integralista Luiz Compagnoni,¹ observamos a propagação da ideologia integralista juntamente com artigos de católicos, com propostas de *salvação da pátria*. Vários artigos dessa obra abordam assuntos relacionados à Igreja Católica, e outros fazem uma enfática defesa da reforma agrária, estes escritos por ex-membros integralistas e filiados agora ao PRP.

Na obra, Plínio Salgado justificava, num extenso texto, a reforma agrária: “Causa e fim da nova estrutura agrária, o homem terá de ser considerado de modo integral, como valor espiritual, por cujos direitos propugnam a doutrina social da Igreja Católica e do cristianismo em geral.”²⁰² Por sua vez, A. J. Renner escreveu texto em homenagem à passagem do Dia do Colono; Egon Renner deu seguimento às argumentações de defesa que Plínio Salgado iniciara sobre a reforma agrária; Menotti Del Picchia exaltou Portugal e expressou a gratidão que merecia este país; Ivo Compagnoni fez uma mescla dos ideais católicos e integralistas, registrando que “a caridade não tem fronteiras”²⁰³

¹ Com sucursais em São Paulo e Porto Alegre e agências em Passo Fundo e Caxias do Sul, v. 3, 1962-1963.

²⁰² Anuário Brasileiro de Imigração e Colonização. 1926/1963. 3. ed. Rio de Janeiro: Anuário. p. 40. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

²⁰³ Idem, p. 40.

Pretendemos, posteriormente, aprofundar questões pertinentes à reforma agrária, principalmente analisando o projeto do ex-integralista Wolfram Metzler, membro do PRP no estado do Rio Grande do Sul, porque consideramos ser de grande relevância tal tema para compreendermos algumas peculiaridades regionais no que se refere à atuação de políticos vinculados a um partido com ideais mais autoritários.

Quanto à Comissão Nacional Católica de Imigração, verificarmos que atuou desde 1947 no Brasil, juntamente com a Ação Social Arquidiocesana. O Secretariado Católico de Imigração, sob a presidência de Helder Câmara, foi extinto em 1952, sendo incorporado na CNCI.²⁰⁴ Essa organização propunha-se difundir a doutrina católica entre os imigrantes que chegavam ao país e, através das paróquias e dioceses, fornecia-lhes orientação e prestava-lhes alguns serviços. Entre os serviços prestados estavam o preparo de documentação, a recepção e colocação de imigrantes refugiados chegados ao Brasil através de organizações católicas internacionais; ainda, prestava serviço de assistência social aos indivíduos com problemas familiares, de saúde, de emprego e sobre questões financeiras.²⁰⁵

Primeiramente, é preciso enfatizar que Helder Câmara foi um simpatizante e militante integralista. Ao ter essa organização objetivo de prestar *socorro católico* para um significativo número de imigrantes que chegavam ao país, dividia os mesmos ideais defendidos nesse período por um destacado membro integralista no estado – Wolfram Metzler – e futuro presidente do Instituto de Imigração e Colonização.

No que se refere à CNCI, a Igreja empenhou-se em divulgar as pretensões desta organização, conclamando a todos para uma união com a finalidade de conseguir auxílio financeiro e outras formas de auxílio aos imigrantes. Em seus apelos dizia: “Famílias inteiras vivem na Europa e Extremo Oriente na miséria física e moral. A voz da Igreja, assim como vossas terras são grandes, assim vossos corações devem ser generosos e acolhedores para aqueles que desejam vir e achar um novo lar.”²⁰⁶

Com forte conotação apelativa de ser a instituição fundamental em meio aos imigrantes, a Igreja buscava auxiliá-los e, ao mesmo tempo, almejava ter ao seu lado os futuros fiéis que mal acabavam de chegar ao país.

²⁰⁴ A partir de agora usaremos CNCI abreviado para designar a Comissão Nacional de Imigração.

²⁰⁵ Idem, p. 40.

²⁰⁶ Idem, p. 40.

Até aqui, podemos levantar a hipótese de que existia, sim, uma união de propósitos da Igreja com perrepistas. Não é possível perceber distinções entre a doutrina católica ao perpetuar-se na sociedade e os ideais desencadeados pelos membros do PRP. Em vários momentos, propósitos católicos e integralistas/perrepistas convergiram. É possível perceber, e no decorrer do trabalho ficará claro, que, no que se refere à educação, à família, à imigração, à reforma agrária, ambos caracterizam-se pelos mesmos discursos e ações: deveria imperar o tradicional e a ordem. É preciso ressaltar que, ao nos referirmos à Igreja, estamos falando de alguns membros do clero, pois sua posição não era homogênea. A posição da Igreja teve ênfase diferente dependendo do contexto, mas predominou um certo autoritarismo, uma não-flexibilidade até a década de 1960.

Ex-membros integralistas, agora perrepistas, passaram a defender seus ideais com discursos sobre reforma agrária, apelos de salvação da pátria, da família e de valores cristãos. Faz-se necessário reafirmar que o *brasileiro* era distribuído às bibliotecas de todo país, tendo-se, assim, uma projeção dessas idéias em nível nacional nos vários artigos escritos por perrepistas e também por católicos. Ressaltamos aqui também a revista *Estudos*,²⁰⁷ que passou a circular na década de 1940 e editada por professores católicos do estado, que enfaticamente demonstravam simpatia por integralistas como Jackson de Figueiredo, Tristão de Atayde. O próprio secretário dessa revista, Luiz Compagnoni, era um ex-integralista e militante do PRP.

Projeto de Reforma Agrária de Metzler

Ao nos remetermos às discussões acerca dos ideais integralistas, salta-nos aos olhos um dos grandes propulsores e defensores desses ideais no Rio Grande do Sul, principalmente da reforma agrária – Wolfram Metzler.

²⁰⁷ *Revista Estudos* – Órgão da Associação dos Professores do RS – Orientação Armando Câmara, v. 1, n. 1, ano 1; redação de Mario F. de Medeiros; secretário Luiz Compagnoni. Porto Alegre: Editora Educacional Ltda, jun. 1940. Pela primeira vez é organizada uma revista desse porte, com quase uma centena de páginas e com formato moderno.

Metzler foi um articulador na defesa de um projeto de reforma agrária em nível nacional, o qual, após sua morte, foi aplicado na Bolívia.²⁰⁸ Cabe aqui entender os objetivos e os interesses de Metzler, compreendendo as articulações e cooptações havidas para desenvolver tal projeto, pois fica evidente que o defendeu como sendo seu objetivo primordial de político perrepista, médico e católico. Esse projeto, que tramitou no Congresso Nacional, rendeu-lhe muitas críticas e também elogios fervorosos, inclusive de padres.²⁰⁹

Ao iniciar um questionamento sobre a situação mundial, Wolfram mostrava-se preocupado com a bipolarização, justamente porque dois mundos se defrontavam: o ocidental capitalista, liberal, individualista, cristão, subdividido em inúmeros Estados autônomos, e o outro, o mundo comunista, “a mais pavorosa potência que jamais existiu”.²¹⁰ Diante dessas duas concepções ideológicas, Wolfram dizia que não haviam faltado tentativas de conciliação, porém essas teriam fracassado. Ressaltava que tanto o capitalismo como o socialismo eram concepções erradas. É possível, portanto, perceber que o encaminhamento que Wolfram dá as suas argumentações é de um ideal integralista.

A defesa do elemento *terra* é central em seus trabalhos: “A terra é símbolo da fertilidade, da reprodução e também do amor materno”.²¹¹ Para Wolfram, tanto o capitalismo como o socialismo haviam incorrido no erro de deixar a terra cair no esquecimento, não valorizando o papel fundamental que ela desempenha na vida econômica. Por conta disso, as conseqüências apareciam e assolavam a todos. Para Wolfram, os economistas falavam da terra, mas vagamente, negando-lhe qualquer tratamento específico. Diante disso, escrevia que se tornavam urgentes leis específicas para regular e disciplinar o uso da terra, e não apenas reconhecê-la como fonte de riqueza.

Para Metzler, terra, trabalho e capital seriam três elementos decisivos que regeriam a economia, a qual existiria para servir o homem, e não o contrário. Quando esses elementos não são conduzidos no sentido construtivo, desequilibra-se e destrói-se a

²⁰⁸ Várias fontes trazem a grande repercussão de seu projeto aplicado na Bolívia – *Jornal A Hora*, Porto Alegre, 21 out. 1957. Segundo depoimento de Maria Metzler, filha de Wolfram, o projeto foi roubado por um político e entregue ao governo boliviano como sendo de sua autoria.

²⁰⁹ Godofredo Schemieder, S.J. padre Raimundo Weizmann S.J., além de homenagens póstumas do governo da Bolívia. *Jornal do Dia*, 30 out. 1957; 22 out. 1957.

²¹⁰ Projeto de Reforma Agrária de Wolfram Metzler. Arquivo particular de Maria Metzler. Porto Alegre. p. 1.

²¹¹ Idem, p. 8.

economia de toda a nação.²¹² Prosseguia sua argumentação conceituando capital, trabalho e terra, demonstrando com um certo romantismo em sua fala a respeito da terra: “A Terra proporciona a quem trabalha uma renda, que não é fruto do trabalho.”²¹³ Defendia que, no momento em que o agricultor explorasse a terra, deveria entregar uma parte ao Estado em retribuição pelo serviço de segurança que este lhe prestava. Todavia, salientava que jamais o Estado poderia absorver a totalidade da renda fundiária porque, dessa forma, estaria anulando a propriedade particular. Sua proposta central nessa questão era: “Os impostos que gravam a Terra agrícola devem ficar vinculados à Renda Fundiária, ou seja, à força produtiva da Terra. O Estado deverá conhecê-la e levá-la em conta na fixação das taxas. Se não o fizer (e no Brasil nenhum dos Estado Federados o faz) estará cometendo injustiças, favorecendo uns e prejudicando os outros.”²¹⁴

Ressaltava que, com o desenvolvimento da técnica e o aproveitamento das forças naturais, seria possível obter grandes avanços. Demonstrava preocupar-se com o rumo que o progresso da indústria do supérfluo tomava: “Todo progresso de um país depende do excesso, que a totalidade dos cidadãos produz e da maneira como o aplicam.”²¹⁵ Para comprovar sua afirmação, citava como exemplo Portugal e Espanha, países que haviam acumulado muito ouro, mas que não haviam crescido internamente por não transformarem os excessos em capital, o que deveria ocorrer.

Para Wolfram, o Brasil caracterizava-se como um país subdesenvolvido, com uma população que crescia em ritmo acelerado, razão pela qual necessitava de investimentos em coisas sérias e honestas. A grande crítica era atribuída ao capital destinado à especulação, visto que os bancos emprestavam dinheiro a juros altíssimos e, no entanto, os que lá deixavam aplicado seu trabalho pouco recebiam – quem ganhava eram os especuladores. Segundo Wolfram, por sentir-se traído, o povo muitas vezes não aplicava seu dinheiro, gastando-o em futilidades. Assim, para pôr “ordem” na vida econômica, seria preciso embasar-se em conceitos firmes. Propunha a cooperação entre terra, trabalho e capital,

²¹² Idem, p. 4.

²¹³ Idem, p. 5.

²¹⁴ Idem, p. 5-6.

²¹⁵ Idem, p. 6.

pois, se houvesse equilíbrio, “o proprietário receberá a Renda Fundiária, o trabalhador o seu salário e o capital o seu juro. Tudo que receber demais, faltará aos outros”.²¹⁶

Wolfram centralizava a questão da terra como “o problema maior, vítima da exploração e do descaso”, chegando a compará-la à situação dos escravos nos séculos passados. Segundo o que pensava, a terra era entregue a maus agricultores, que a exploravam abusivamente, visando apenas ao rápido enriquecimento.²¹⁷ Atribuía a culpa pelo uso indevido da terra aos especuladores, que buscavam na terra apenas lucros, e por transformarem estes lucros em capital especulador, explorando os trabalhadores, a terra e os capitalistas honestos. Wolfram prosseguia numa apaixonante defesa da terra, ressaltando que todas as religiões primitivas sempre a haviam divinizado.

Ao se referir à problemática da terra, dizia que quase todas as guerras teriam como objetivo a distribuição mais justa, ou a conquista de novas áreas; assim, o primeiro ato seria desapropriar os latifúndios e distribuí-los entre os mais oprimidos. Wolfram salientava o que acontecera na Rússia em 1918, quando Kerensky convocara a Assembléia Constituinte, votara e aprovara uma lei desapropriando todos os latifúndios sem indenização. Essa assembléia fora dissolvida e a terra, nacionalizada.

Ao questionar a desapropriação dos latifundiários e a nacionalização das terras na Rússia, Wolfram demonstrava sua não-aceitação de tal atitude, porém não se referia à conquista de terras pela Alemanha, por exemplo, no final do século XIX, período chamado “imperialismo”. A Rússia era a única citada como exemplo a não ser seguido.

Reforçando sua crítica aos especuladores, Wolfram analisava também como esses agiam no espaço urbano, montando um verdadeiro monopólio; fazia-lhes ferrenhas críticas porque dominavam o espaço urbano, buscavam riqueza rápida e fácil; diante da não-percepção e não-ação do governo, agiam livremente, obtendo lucros exorbitantes. Wolfram repudiava o capitalista que obtinha lucros excessivos e por este conseguir empréstimos junto a estabelecimentos oficiais e raramente nos particulares; além disso, conseguiam crédito por meio de pessoas que tinham o poder de concedê-los. Chegava, então, à conclusão de que o pequeno agricultor que depositava no banco pouco ganhava; quem

²¹⁶ Idem, p. 8.

²¹⁷ Idem, p. 8.

realmente conseguia vantagens era o especulador, que levava o dinheiro dos depositantes e conquistava o monopólio do espaço urbano, comprando lotes e vendendo-os a esses.²¹⁸

Metzler ressaltava que o humilde operário ou empregado dificilmente conseguia empréstimos porque muitas exigências lhe eram feitas (certidões, atestados): “[...] finalmente, consegue o empréstimo, como um favor compromissado, politicamente, a votar em quem ele não queria. Eis a verdade.”²¹⁹

Wolfram engajava-se nesse projeto de reforma agrária por acreditar que o homem do campo estava empobrecendo em consequência da manipulação e do interesse de alguns. Ressaltava que as terras agrícolas sofriam a ação da agricultura de rapina; assim, mais e mais a renda fundiária decaía. Para ele, seria possível mudar esse quadro se as terras não estivessem nas mãos do capital especulador.

Não podemos esquecer que Wolfram se manifestava em vários momentos salientando em suas obras a preocupação com as *colônias alemãs*, que sofriam um lento e contínuo processo de degradação, de modo que a fuga para outros campos ou cidades era visível. “Diminuem as virtudes, e florescem os vícios, desde o alcoolismo até a prostituição. Em tais zonas todos os índices, seja o sanitário, o de alfabetização, o de natalidade, facilmente verificáveis mediante estatísticas, decaem rapidamente. Pior do que, também decaem rapidamente outros índices, não suscetíveis de serem apanhados estatisticamente, como seja o índice de moralidade pública.”²²⁰

Disso tudo Wolfram concluía que o capital especulador exercia um monopólio rígido sobre o espaço urbano, elevando a *valorização* a níveis altíssimos. Em razão da grande expectativa por lucros, Wolfram entendia que enormes áreas ficavam retidas, improdutivas, causando algo que considerava preocupante: formavam-se áreas desérticas em torno das cidades. O que destacava com ênfase e condenava era a conivência dos governantes e as facilidades de financiamento que os especuladores conseguiam. Assim, adquiriam poder e concentravam em suas mãos o monopólio do espaço urbano, ganhando com os aluguéis valores elevadíssimos.

²¹⁸ Idem, p. 13.

²¹⁹ Projeto de Reforma Agrária de Wolfram Metzler. p. 13 Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

²²⁰ METZLER, D. W. Rettenwir unsere kolonien – (Salvemos nossas colônias). *A Nação*, Porto Alegre, 1953. p. 4.

Argumentava que a agricultura estaria em péssimas condições por causa de vários fatores, especialmente por causa das secas e do êxodo rural — os agricultores, fugindo para as cidades, contribuía com os especuladores porque lá precisavam de terreno ou de casas para alugar.²²¹ Com tal projeto, parecia querer salvar a nação dos golpes de especuladores, que ganhavam consideráveis lucros, apresentando propostas de cunho integralista, pelas quais o governo restabeleceria a ordem material, moral e espiritual.

Como a terra servia de mercadoria, sendo tratada como mero capital, abusivamente explorada por negociatas com pretensões de monopólio, Wolfram acreditava que se iniciava o caos que então reinava na sociedade, porque a pretensão não era mais trabalhar e, sim, *viver de golpes*.²²² Acentuava sua crítica ao governo por este criar muitos institutos, legiões de assistência, órgãos controladores de preço, por tomar parte ativa em organizações internacionais, mas, segundo ele, nada disso adiantava. Afirmava que o único remédio eficaz seria encontrado na lei, jamais na assistência social.

Para ele, persistia uma confusão entre capital, trabalho e terra, criada pelo liberalismo econômico. A Constituição abrigava idéias acertadas, mas seria preciso que fossem aplicadas, o que não ocorria. Wolfram salientava que a “confusão entre terra e capital ainda é geral, embora já tenhamos leis bastante sábias, que poderiam produzir efeitos benéficos”.²²³

Wolfram escrevia que o liberalismo econômico deformara a mentalidade de todos, mas ele temia ainda mais o crescimento das *falsas teorias socializantes*. Qual era sua proposta então? Acreditava que existissem meios de neutralizar a ação do capital especulador e de romper com o monopólio tanto sobre as terras de uso agrícola como dos centros urbanos. Claro está na sua proposta que se deveria trilhar um novo rumo, que não passasse pelo capitalismo, muito menos pelo comunismo; era preciso encontrar outra saída, que, certamente, teria relação com a ideologia integralista.

Metzler faz uma interessante análise de dois autores: Henry George e Adolf Damascke. A teoria proposta pelo primeiro sugeria a confiscação de toda a *renda* da terra — o imposto único; o segundo, defensor intransigente da proposta privada, propunha medidas legislativas e executivas que visavam anular a especulação, recomendando pesada

²²¹ Projeto de Reforma Agrária, p. 18.

²²² Idem, p. 20.

²²³ Idem, p. 21.

tributação sobre a *renda social*.²²⁴ Segundo Wolfram, em vários países da Europa tais medidas haviam dado certo, dos quais se podia citar a Alemanha, onde havia a propriedade e o uso em comum das matas e das pastagens. Mas argumentava não ser possível aplicar tal medida no Brasil porque aqui a ocupação da terra se processara de maneira diferente.

Quanto à outra medida proposta por Damascke – a *enfiteuse*, que dizia ser o poder público o senhorio (de preferência o município) –, Wolfram acreditava ser possível sua aplicação em nosso meio, já que não era estranho a nossos hábitos.²²⁵ Ao concordar com as propostas de Damascke, deixava transparecer que, ao poder público, ao Estado, sobretudo do município, cabia o poder de controle de como proceder e determinar as leis que regem a terra, proposta pretendida e acentuada com ênfase pelo integralismo – o município com amplo poder.

Buscando no contexto europeu idéias e propostas para aplicar em solo brasileiro, Wolfram assumiu o princípio sugerido por Damascke:

Sujeitar a terra ao imposto calculado, rigidamente, sobre o valor venal. Cabe ao proprietário fixar o valor que pretende apurar, em caso de venda. Fixado em nível elevado, o imposto será elevado, fixado em nível baixo, o imposto será baixo, mas o proprietário deverá respeitar o preço fixado quando o caso da transmissão da propriedade surge, e acredita-se que o fundamental neste processo é separar o valor da terra, por exemplo, do valor do prédio.²²⁶

Para dar sustentação a sua defesa da terra, salientava: “A retenção do espaço, para provocar a valorização, é um abuso inominável, um crime horroroso, praticado contra as eternas leis morais.”²²⁷ Prosseguindo nessa ordem de idéias, ressaltava, com certo fervor, que a todos seria dado o direito de moradia, de ocupar um espaço, pois a terra “fora dada pelo criador, então seus benefícios são nossos, não se pode sonegar a quem sofre necessidade, quando nossas necessidades estão supridas”. Então, propunha com firmeza: tendo o real *valor venal*, o especulador entregaria a terra ou a tornaria produtiva.²²⁸

Para Metzler, o Estado teria um “poder tremendo”,²²⁹ que poderia destruir, mas também defender, não só as atividades econômicas como também a família. As críticas ao

²²⁴ Idem, p. 24.

²²⁵ Idem, p. 24.

²²⁶ Idem, p. 26.

²²⁷ Idem, p. 25.

²²⁸ Idem, p. 26.

²²⁹ Expressão de Wolfram Metzler no Projeto de Reforma Agrária. p. 27.

Estado atual são visíveis em seu projeto, pois, segundo ele, o Estado nada teria feito para combater os interesses do capital especulativo; criara impostos, mas estes não beneficiavam quem deveriam beneficiar. Metzler reafirmava as palavras de Malta Cardoso quando diz: “Esse poder econômico tremendo, qual seja o de taxar, envolve o poder de destruir. Taxando certamente pode o Estado defender as atividades econômicas nacionais, coibir o abuso das ocupações daninhas à felicidade de todos, e mesmo proteger a família.”²³⁰

Para Metzler, taxar, aumentar os impostos garantiria uma melhor distribuição da terra, combateria os lucros exorbitantes de alguns. Ele defendia seus ideais sugerindo que eram relevantes e cruciais para construção do novo; condenava os especuladores por comprarem a terra com o objetivo apenas de transformá-la em lotes e de vendê-la para obter de lucros e não para produzir. Com isso, buscava-se cada vez mais manter o monopólio e, assim, conseguir domínio absoluto da oferta. Intensificava suas críticas ao poder público por não diferenciar o proprietário especulador do proprietário agricultor, entendendo que era primordial *fazer justiça*, isto é, diferenciar as taxas entre o agricultor e o especulador. Novamente, citava como exemplo a Europa Central, onde muitos reformistas haviam lutado para instituir o imposto lançado sobre o *valor venal*, porém argumentava que o Brasil tinha uma legislação quase perfeita, apenas sendo necessário que saísse do papel. “O Brasil é o país que tem uma legislação quase perfeita – no papel. Temos as leis sociais mais perfeitas e mais avançadas do mundo –, no papel, fato confirmado em uma conferência internacional, onde obtivemos a primeira colocação, no que tange à perfeição das nossas leis sociais.”²³¹

Metzler reafirmava que, no Brasil, os impostos territoriais eram lançados com base no valor venal em todos os municípios, mas o grande problema é que não existiam critérios. Além disso, ressaltava que os valores venais eram arbitrados por funcionários subalternos, geralmente de poucas letras.²³²

Foi-nos possível perceber que, para Wolfram, o homem necessita de instrução, de escolaridade, para exercer cargos; além disso, reforçava seu pensamento em relação a um de seus principais objetivos como político: promover a educação, sobretudo nas regiões coloniais alemãs, para despertar esse povo de singela *superioridade*. Mostrava-se

²³⁰ Projeto, p. 27.

²³¹ Idem, p. 28.

²³² Projeto, p. 29.

preocupado com o colono sem instrução, “o pobre agricultor, que não soube falar direitinho, é expulso de sua terra pelo imposto enchortante vai para a favela ou para o interior inóspito e a prova insofismável, que estas coisas acontecem, está na faixa desértica, que circunda todas as nossas cidades – as grandes e as pequenas”.²³³

Metzler clamava por melhores condições ao pequeno agricultor, partindo do pressuposto de que era preciso instruí-lo quanto ao uso da terra e, aliado a isso, elaborar leis que distinguissem o pequeno do grande proprietário para, assim, fixar diferentes taxações. Dessa forma, a terra não seria mera mercadoria e estaria acessível a um maior número de indivíduos. Mas como seria possível taxar um valor justo? Segundo Wolfram, “conhecida a Renda Fundiária, bastaria multiplicá-la por 20 e teríamos o valor venal justo”.²³⁴ Aprovava o método de países mais desenvolvidos, onde a renda fundiária das terras agrícolas era conhecida através da classificação de solos, porém admitia ser impossível tal procedimento em nosso meio.

O segundo princípio proposto por ele para que realmente se impedissem as desigualdades na aquisição de terras era que “o imposto territorial será lançado na base do valor venal, fixado pelo proprietário, presumindo-se que o dinheiro investido na compra de terras proporciona uma rentabilidade 5% ao ano”.²³⁵ Mas ao dar esse direito ao proprietário, impunha-se a ele também um dever: de respeitar esse valor, livremente escolhido, em caso de transmissão da propriedade.

Depois de fixado o valor, se o proprietário vendesse suas terras a um valor acima daquele que fixara, o lucro beneficiaria não o antigo proprietário e, sim, o Estado. Nesse sentido, Metzler argumentava que, com os lucros obtidos, a coletividade sairia ganhando porque seriam investidos em escolas, em hospitais. Não se posicionava contra a obtenção do lucro, mas reforçava que o poder público teria o direito de limitá-lo. Entendia que o capital podia e deveria proporcionar lucro, “não permitindo nenhum lucro quanto à terra, arrecadando-o em proveito da coletividade”.²³⁶ Dessa forma, acreditava estar realmente fazendo algo acertado e que teria resultados positivos, possíveis de serem vistos logo que colocados em prática.

²³³ Projeto, p. 30.

²³⁴ Projeto, p. 30.

²³⁵ Projeto, p. 31.

²³⁶ Projeto, p. 33.

Destaca-se também que, a princípio, o comprador, ao inscrever seu terreno fixando o *valor venal* sobre o qual desejava pagar imposto territorial, poderia optar por colocar o mesmo preço pelo qual o adquirira, ou mesmo por preço inferior. Metzler apresentava uma série de justificativas para tentar mostrar que, se aplicada com seriedade, tal proposta não era absurda.

No terceiro princípio, o tabelamento dos aluguéis e arrendamentos, afirmava ser necessário que órgãos os controlassem, sugerindo que, não havendo esses, os municípios e Estados o fizessem. Com isso acreditava acabar com os desníveis existentes, que beneficiavam um pequeno grupo. Para os casos de arrendamento das terras para exploração agrícola, propunha um estudo especial, dependendo de cada região, com base na colheita verificada. Posicionava-se totalmente contra o arrendamento a curto prazo por acreditar ser a pior forma de ocupação da terra.

Metzler atribuía um papel fundamental aos municípios quando propunha que “poderiam comprar todas as terras disponíveis, entregando-as em regime de aforamento aos seus cidadãos, evidentemente, não visando a lucros, mas visando proporcionar espaço barato às classes menos aquinhoadas, onde estas podem construir o seu lar”.²³⁷ Dessa forma, justificava que os humildes não cairiam nas mãos de inescrupulosos, pois aplicariam seu dinheiro não em terrenos com valores altíssimos e, sim, na construção de suas casas. Da mesma forma que os municípios, Wolfram entendia que o Estado e a União poderiam fazer o mesmo – lotear terras agrícolas disponíveis, em regime de aforamento, com o que “teríamos garantido a integridade da União Agrícola”.²³⁸ Cabe salientar que essas terras não poderiam ser vendidas, apenas transmitidas aos herdeiros.

Metzler questionava o grande problema que o Paraná enfrentava, referente às negociatas de terras, na época em discussão na Câmara. O Estado e a União precisavam tomar medidas, como a de conceder terras aos agricultores em regime de aforamento, oferecendo, assim, oportunidades aos homens que tinham interesse em trabalhar com a terra. Em sua argumentação, deixava explícito que o poder público tinha o dever de transformar-se em instituição de caráter moral e social; se assim não se comprometesse e agisse, seria apenas uma instituição a serviço de negociatas.

²³⁷ Projeto, p. 42-43.

²³⁸ Projeto, p. 43.

Caberia aos poderes públicos – federais, estaduais, municipais e autárquicos – conceder terras do seu domínio em regime de aforamento para combater os vícios presentes fortemente no nosso meio nos últimos anos. No que se referia ao tamanho do lote concedido ao foreiro, não poderia ultrapassar suas necessidades; a divisão desses lotes também não poderia ser permitida, a não ser em casos especiais, para que não ocorressem desvios dos próprios traçados.

Algo que merece ser ressaltado e que perpassa nas entrelinhas dos ideais de Wolfram Metzler ao defender um projeto de reforma agrária é seu posicionamento de *separação* de classes, de grupos, de etnias. Ao escrever sobre as causas da migração de colonos descendentes de europeus para regiões onde não predominavam os mesmos povos, justificava a não-adaptação por causa do clima. Em seu projeto, argumentava que, ao migrar para as cidades, o homem do campo deparava-se com problemas de moradia; então, precisava, sem dúvida, de um espaço, mas esse não poderia ser “qualquer” espaço. Era preciso considerar o problema da vizinhança, pois entendia que o homem simples não se adaptaria próximo a pessoas abastadas, preferindo morar entre pessoas do seu nível.²³⁹

Ao propor que migrantes se estabelecessem em *guetos* homogêneos, Wolfram parecia reforçar a inferioridade de algumas classes, demonstrando que essas não conseguiriam se adaptar fora de seu *habitat*. Preocupa-nos tal separação, pois será que os homens, mesmo de diferentes níveis sociais, não conseguiriam socializar-se e estabelecer vínculos e relações? A separação não seria uma demonstração de inferioridade, com o que, realmente, se acarretaria a exclusão de classes?

Esse tipo de pensamento, de que *cada classe, grupo social ou etnia tem seu espaço*, não teria dado ao nosso estado o perfil que ainda hoje predomina nas regiões de colonização italiana e, sobretudo, alemã? Essa separação não teria contribuído para estruturar muitas cidades do Rio Grande do Sul sob um perfil de que a cada grupo ou etnia está destinado um espaço? Metzler justificava seu pensamento dizendo que assim pensava também a Associação Nacional Católica da Vida Rural: “É sumamente conveniente, mesmo necessário para o bom êxito de um programa de colonização, que seus membros

²³⁹ Projeto, p. 49.

sejam constituídos por um grupo homogêneo [...]. A unidade religiosa é de suma importância.”²⁴⁰

Metzler argumentava que a homogeneidade era fundamental e decisiva, podendo ocorrer por fatores profissionais, sociais, raciais, religiosos. Ao poder público destinava a tarefa de encarregar as associações de classe, sindicatos e outras entidades de fazerem a seleção dos futuros ocupantes dos lotes, principalmente quando se tratava de localizar agricultores em áreas rurais. Reforçava sua preocupação quanto à vizinhança e propunha que os contratos possibilitassem a troca de lotes entre os ocupantes da mesma área. Enfim, salientava que, mesmo parecendo que esses aspectos eram simples e secundários, mereciam atenção especial porque poderiam ser decisivos para o desenvolvimento.

Igreja Católica, integralistas e perrepistas a educação no Rio Grande do Sul

No início do século XX, o Rio Grande do Sul apresentava, entre outros problemas, o da educação. Muitas eram as regiões esquecidas pelos governantes, assim, com muito esforço, mesmo que em condições precárias, buscavam construir um ideal educacional. Não se pode esquecer, nesse contexto, do papel fundamental da Igreja Católica, que iniciava uma expansão no setor educacional: “Formam-se escolas em geral particulares, já que eram sequeiros pelos estudos aqueles primeiros que para aqui vieram e principalmente porque não havia nas regiões afastadas escolas do governo.”²⁴¹

Nas cidades concentrava-se o maior número de escolas, em sua maioria particulares. Mas a Igreja também procurou se fazer presente junto aos agricultores, consolidando, assim, seu poder não só através dos ensinamentos cristãos e do seu trabalho espiritual, mas pelo engajamento através da educação.

²⁴⁰ Idem, p. 2.

²⁴¹ TEMPEL, Friedrich. J. P. Esboço Histórico do Desenvolvimento da Assembléia Médica Rural no RS (Brasil). *Separata da Revista de Medicina do RS*, Porto Alegre: Livraria do Globo, n. 80, ano XIV, v. XIV, p. 136/155, nov./dez. 1957. p. 4. Arquivo CD -AIB/PRP. Em 1858, o município de São Leopoldo possuía três escolas públicas e 27 particulares, com ao todo 1 031 alunos matriculados.

Tempel ressalta que o padre, nas regiões coloniais, era o líder rural, pois em torno da igreja se formavam as comunidades, sendo aquela o lugar para onde convergiam todos os “esquecidos momentaneamente de dissidências políticas, econômicas”.²⁴² Segundo o autor, já o professor não possui essa liderança no interior porque normalmente é apenas um agricultor ou filho de agricultor. Assim, alguns membros do clero aparecem nas regiões coloniais como figuras centrais, desempenhando várias funções, inclusive a de educador. No Rio Grande do Sul, o prestígio atribuído ao clero é ressaltado em várias obras, atribuindo-se a ele um papel de grande peso na vida das comunidades por contar com melhor preparo intelectual.

Na obra *A vida espiritual nas colônias italianas do RS*, enfatiza-se que o clero, além de possuir melhor preparo intelectual, era o que reivindicava melhoramentos, orientava e estimulava, servindo, ainda, como moderador junto aos agricultores. Admitia-se que existiam em meio ao clero algumas exceções, ou seja, padres que não seguiam corretamente as normas da Igreja, deixando-se levar por alguns “maus exemplo do rebanho”.²⁴³

Sabe-se que muitos padres no estado, inclusive o arcebispo dom João Becker, foram simpáticos aos ideais nazi-fascistas e integralistas. Muitos, mesmo após a Segunda Guerra Mundial, permaneceram simpatizando com o autoritarismo, tanto com fascismo como com o integralismo, como foi possível perceber por figuras que prosseguiram com ideais integralistas, então engajadas no PRP, em especial Wolfram Metzler.

Na obra citada, atribui-se o bom desempenho do clero no estado ao fato de seus membros, com algumas exceções, serem oriundos da Itália.²⁴⁴ Ao atribuir um grande peso ao papel desempenhado pelo clero no estado, encobrem-se os que em muitos momentos se desviaram de seu verdadeiro papel, buscando tirar proveito em seu próprio benefício, tanto político como econômico em meio a imigrantes, que pouca instrução tinham.

Portanto, o que a Igreja fazia de positivo era amplamente divulgado, enaltecido; em oposição, tudo o que lhe causasse reflexões e questionamentos era ignorado. Pode-se dizer que “varria para debaixo do tapete” o que podia lhe causar constrangimento. Para que

²⁴² Idem, p. 7.

²⁴³ La Vita Spirituale Nelle colonie italiane dello stato. Dom José Barea, Tradução Mário Gardelin e Rovílio Costa. *A vida espiritual nas colônias italianas do RS*. Porto Alegre: Edições Est, 1995. p. 10.

²⁴⁴ Idem, p. 10.

mexer em resquícios do passado? Nesse sentido, em várias obras aparece o papel positivo do clero no estado, apresentando a importante atuação deste especialmente em meio aos imigrantes. Quanto a fatos que não condizem com a doutrina da Igreja, justifica-se que são “poucas as ovelhas negras em meio ao rebanho”.

É preciso enfatizar que, apesar da grande preocupação com a instrução dos imigrantes, a Igreja apresentava-se com um pensamento um tanto elitista: orientar, primeiramente, as elites e, só depois, os demais. Torna-se interessante considerar nesse sentido que convergiam tais pensamentos e idéias com as propostas de ex-membros integralistas engajados pós-1945 no PRP.

Wolfram Metzler, membro do PRP e candidato a deputado federal pelo Rio Grande do Sul em 1950, apresentou um programa que desperta alguns questionamentos, até porque nosso objetivo é perceber as relações da Igreja com ex-membros integralistas e perrepostas. Metzler aparece nesse programa como o reivindicador, o homem modelar, amigo, católico convicto, o grande defensor do patrimônio moral, especialmente dos descendentes dos colonos alemães do Sul.²⁴⁵ Quando candidato a deputado estadual, fez grande campanha em prol das escolas paroquiais e, quando eleito, apresentou um projeto de lei no setor educacional com o qual visava ao incentivo às escolas particulares no estado, suscitando “acalorados debates na Assembléia”.²⁴⁶

Quando candidato a deputado federal em 1950, Metzler deixava claro que sua proposta era o incentivo à escola particular porque, segundo suas colocações, o Estado não atendia de forma satisfatória as instituições. O jornal *A Nação* assim expunha a questão: “Todos os pais que tem consciência de sua responsabilidade na educação de seus filhos terão no Deputado Wolfram, se eleito, um defensor intransigente. Terão uma palavra na Câmara Federal contra o abusivo monopólio do Estado no setor educacional.”²⁴⁷

Chama a atenção nos discursos pronunciados por Wolfram a acirrada defesa das escolas paroquiais ao dizer que, tanto na Constituição federal como na estadual, a educação estava presente como direito de todos, porém ambas silenciavam quanto ao direito de quem

²⁴⁵ Transcrito de *A Nação*, Porto Alegre, 16 ago. 1950. Assis Machado apresenta Metzler como o reivindicador – Folheto sobre a candidatura de Wolfram Metzler a deputado federal. Arquivo CD-AIB/PRP Porto Alegre.

²⁴⁶ Folheto sobre a candidatura Wolfram Metzler a deputado federal, Comitê Pró-Candidatura – transcrito de *A Nação*, 18 ago. 1949. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

²⁴⁷ Idem.

deveria ministrar esta educação. Segundo suas colocações, os constituintes, tanto federais como estaduais, tinham preferência pelo ensino dado pelos poderes públicos.²⁴⁸

Metzler enfatizava em seu discurso que a Igreja católica e outras religiões cristãs reconheciam que os pais têm o direito legítimo de zelar pela educação dos filhos, a qual é dever imposto pela própria natureza.

A igreja evoca a si no cõnon 1.375, o direito de fundar e manter escolas em todos os graus, desde o ensino primário até o universitário. Proclama ainda o direito dos bispos fiscalizarem escolas particulares e públicas, visadas por católicos, no sentido de zelarem pela pureza das doutrinas ali lecionadas, bem como no sentido de evitar que nada seja ensinado que de qualquer forma fica os bons costumes e a religião.⁷⁵

Sustentava o pensamento de que seria direito legítimo da Igreja cuidar do ensino, decorrente de uma ordem divina, e acreditava que o Estado jamais poderia colocar empecilhos para o ensino particular, já que este fomenta o “bem comum. Teremos que fundar e manter escolas que salvaguardem o direito dos pais e das Igrejas Cristãs bem como o interesse do Estado”.⁷⁶

Metzler acreditava que o papel dos pais e da Igreja Católica era fundamental na questão da educação, já que se julgava democrata e membro de uma Igreja cristã, em especial da católica. Clamava que os pais não se submetessem nem aceitassem o ensino público da forma como era ministrado no estado. Transparece, pois, uma grande preocupação quanto a serem destinadas para as regiões coloniais, onde predominava o catolicismo, professoras não católicas. A questão era: como aceitar o ensino neutro ministrado nas escolas públicas? Fica explícito o desejo de conduzir o ensino nessas regiões segundo os ditames católicos, numa conduta centrada na ordem e na obediência.

Ao defender a educação como uma de suas propostas como deputado federal, Wolfram deixava entender sua insatisfação com o ensino público no estado por não atender às necessidades que se faziam presentes no interior. Argumentava que eram os pais e os sacerdotes que cumpriam o papel de educadores, porém, se o homem do interior igualmente

²⁴⁸ Trechos do discurso pronunciado pelo deputado na Assembléia do Estado em 1950, defendendo as escolas paroquiais. Folheto sobre a candidatura de Metzler a deputado federal, transcrito de *A Nação*, 10 out. 1949. p. 37. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

⁷⁵ Idem, p. 40.

⁷⁶ Idem, p. 42.

contribuía com o Estado no que se refere aos impostos, por que recebia em troca pouca atenção na questão educacional? Posicionava-se contrário à indicação de professores evangélicos, por exemplo, para ministrarem aulas aos católicos e vice-versa: “Está o Estado usurpando dos direitos dos pais e das igrejas e lhe competia sempre lembrar-se que ele no setor educacional está agindo por outorga e não por direito, pois este direito não lhe pertence.”⁷⁷

O “remédio” que Metzler oferecia para curar esse mal e conduzir a sociedade rio-grandense rumo a mudanças chamava-se “aula particular”, devidamente subvencionada pelo Estado. Mesmo recebendo duras críticas de seus colegas deputados, ele se mostrava convicto na defesa das escolas particulares, sobretudo nas regiões coloniais. Como deputado estadual, buscou colocar em prática seu ideal no campo educacional e, como deputado federal, quis dar seguimento a tal projeto. Uma de suas propostas em que se saiu vitorioso foi o estabelecimento de um subsídio ao professor primário particular.⁷⁸ Portanto, em âmbito estadual, sua meta principal era educação voltada ao particular; já, em âmbito nacional, colocava como objetivo número um a questão da reforma agrária.

Metzler demonstrava preocupação com as populações do interior pela sua pouca instrução e pelo crescente abandono do meio rural. Mas cabe uma indagação: se tais populações não eram atendidas pelo poder público na questão educacional, o ensino particular poderia atingi-las? O programa de Metzler de incentivo à escola particular não significava uma ajuda apenas a uma pequena parcela dos agricultores? Parece contraditório um incentivo tão promissor de escolas particulares para uma população desprovida de recursos no meio rural. Estaria ele preocupado em estar ao lado da instituição que há décadas buscava retomar seu prestígio e poder?

Um dos motivos para que Metzler voltasse à defesa da escola particular parece estar ligado à simpatia que tinha pela língua estrangeira. Segundo ele, “acontece que o país, com o tempo foi mais e mais nacionalizado, surgiram mais e mais escolas públicas com ensino

⁷⁷ Resposta a um aparte: O deputado Brito Velho. V. E. não está dizendo nada de novo. Folheto sobre a candidatura de Wolfram Metzler a deputado federal. Arquivo CD -AIB /PRP, Porto Alegre.

⁷⁸ W. Metzler, o médico, o parlamentar, o homem público. Discurso de Luis Compagnoni exaltando a personalidade do presidente do PRP gaúcho. Arquivo particular de Maria Metzler, Porto Alegre.

exclusivamente em língua pátria e em consequência os netos e bisnetos não mais tinham condições de ler em língua estrangeira”.⁷⁹

Com a política de nacionalização do Estado Novo, as escolas públicas ganharam destaque, possível de ser percebido pelo número considerável de construções nesse período e pela proibição de idiomas estrangeiros. É possível verificar em vários discursos de Metzler seu ressentimento pela crescente degradação e abandono da língua alemã. Ao impulsionar e apoiar a escola particular, ele reativava, de certa forma, uma luta contra a perda gradativa da *identificação do povo alemão com sua pátria-mãe*, para o que o primeiro passo seria a preservação do idioma alemão. Outro motivo seria por entender que se fazia necessário formar homens empenhados no crescimento intelectual para melhor conduzirem uma sociedade.

René Gertz, ao afirmar que o germanismo propagou-se muito mais em meio às elites urbanas de origem alemã, ressalta que, nas cidades, as famílias faziam questão que seus filhos aprendessem e soubessem a língua germânica, “uma língua a mais – uma vantagem a mais na luta pela vida! É por motivos de ordem prática que a gente faz questão de ser poliglota; e interesses comerciais e sentimentos nacionais fundem-se em estranha ideologia”.⁸⁰

O jornal *A Nação*, do qual Wolfram era gerente e sócio, juntamente com a Cúria Metropolitana de Porto Alegre, tornou-se um veículo de transmissão e divulgação de algumas de suas idéias e também da Igreja, uma das quais era a defesa da educação no interior do estado através do incentivo às escolas particulares. No mesmo jornal, observamos um confronto na questão referente à educação: de um lado, o ideal católico de Wolfram na defesa da escola particular; de outro, uma ampla divulgação da escola pública, que dava sinais de crescimento pós-1930. O mesmo ocorria no jornal *Estrela do Sul*.⁸¹ Nesse sentido, vários artigos chamam a atenção pela enorme divulgação do governo sobre o grande número de escolas construídas com o objetivo de difundir o ensino, especialmente nas regiões coloniais.

⁷⁹ METZLER, Hedwig. A família Hugo Metzler no Brasil. *A Nação*, Porto Alegre, 1972. p. 12.

⁸⁰ GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1991. p. 44.

⁸¹ *Estrela do Sul*, importante jornal católico do Rio Grande do Sul, que no ano de 1939 teve como redator o monsenhor Nicolau Marx e como gerente Franz Metzler. Em 1941, o jornal passa a ter como gerente o ex-integralista e membro do PRP Nestor Pereira. Jornal de significativa circulação não só em Porto Alegre, mas nas regiões de colonização do estado.

Por acto de 6 de jan de 1939, criou-se mais uns 50 grupos escolares no interior do Estado e 36 escolas isoladas, procurando atender em 1º lugar as zonas com população de origem estrangeira. Além disso, vão ser installados mais 18 grupos escolares e 77 escolas isoladas no interior. Na capital foram criados 12 grupos reunindo escolas isoladas ou reunidas nos pontos mais convenientes. Além disso, vae ser gasta a verba de 500 contos de reis na aquisição e distribuição de material escolar.⁸²

Observamos que, nas décadas de 1930, 1940 e 1950, houve um acirramento na defesa pela educação e tornou-se explícito o confronto antagônico escola particular *versus* escola pública. Num artigo do jornal *Estrela do Sul* de março de 1939, foram feitas críticas à Igreja, argumentando ter ela erguido templos, escolas, seminários, ginásios, dirigidos por sacerdotes no Rio Grande do Sul, mas se esquecido de se perguntar sobre quem poderia frequentá-los – “geralmente são as elites”.

Ao reivindicar junto ao Estado, especialmente através do jornal *A Nação*, sobre a questão educacional no interior, a Igreja enaltecia seus feitos e se propunha a concretizar suas pretensões. Nesse sentido, a Arquidiocese de Porto Alegre investia na construção de escolas normais rurais, por meio das quais se formavam professores que iriam atender às zonas rurais. Salientava-se a importância desse tipo de investimento e do crucial papel da Igreja dizendo: “Ninguém melhor do que o sacerdote conhece e sente a influência profunda e decisiva que o professor exerce sobre os alunos. Nada mais importante por isso, do que a formação adequada de professores dignos e virtuosos, imbuídos de genuíno amor a Deus e à Pátria.”⁸³

Para a Igreja, era preciso ter um amplo controle na formação desses jovens que se tornariam professores, para que estivessem aptos a suprir as necessidades das escolas, tanto paroquiais como as do Estado. Ressaltava-se que tal formação era relevante já que, para a Igreja, os agricultores precisavam ser assistidos, especialmente na questão educacional. Essas escolas visavam à formação de professores particulares para atender às comunidades católicas do interior. Citava-se, então, como exemplo a Escola Estrela da Manhã, iniciativa da Arquidiocese de Porto Alegre, administrada por padres e irmãs. Localizada na cidade de Estrela, a escola destinava-se a formar professores primários para atender à gama de escolas

⁸² *Estrela do Sul*, Porto Alegre, ano XVIII, n. 2, 12 jan. 1939. p. 1. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁸³ NEIS, Leopoldo. O que houve de novo. *A Nação*, Porto Alegre, ano III, n. 645, 4 nov. 1941. p. 7. Arquivo de Hipólito José da Costa.

dos municípios do interior, principalmente das comunidades católicas. Era uma obra “que merece todos os cuidados da Arquidiocese porque é a formação de professores adequados para as comunidades do interior – pequenas comunidades dos agricultores, um assunto de muita importância na continuação da formação religiosa e intelectual dos futuros agricultores”.⁸⁴

Tais construções eram realizadas com auxílio dos governos federal, estadual, pelo empenho de representantes da Assembléia e da Câmara Federal, e, ainda, com verbas obtidas através de festas e doações da população. A Igreja alardeava que o seu propósito seria “dar formação religiosa e intelectual aos futuros agricultores. A colônia era ainda um reservatório de virtudes e bons costumes, mas com o tempo também os agricultores simples e bons deixam-se influenciar pelo progresso fictício e o luxo das cidades sem que sua formação social e moral acompanhasse aquele progresso material, e outras idéias avançadas”.⁸⁵

Nesse sentido, procurava-se através de novos professores, instruídos pela Igreja, mantidos pelas comunidades e subvencionados pelo governo estadual, garantir a instrução católica, manter o agricultor no campo, fornecendo-lhe uma visão linear dos fatos, para que, assim, a colônia continuasse sendo o “reservatório de virtudes morais e patrióticas”. Esse modelo era ideal para a Igreja continuar mantendo seu poder junto aos fiéis nessas localidades; esse “reservatório” lhe dava mais força para realmente se consolidar no estado, não só perante as populações rurais, mas, também diante dos governos, das demais instituições e religiões. A Igreja propagava, através da educação, não uma radical mudança na vida dos agricultores, mas a permanência, o tradicional. Por outro lado, nesse período também ocorreu um significativo engajamento na educação pública. No primeiro relatório apresentado ao Executivo estadual pelo secretário de Educação, relatava-se que, num período de dois anos de atividade, haviam sido construídas escolas em várias cidades do estado, distribuídas por diferentes regiões.

Tabela 1 - Distribuição no Rio Grande do Sul em 1938

Alvenaria com residência

⁸⁴ HEINEN, Armino. Escola normal rural “Estrela da Manhã”. *A Nação*, Porto Alegre, ano 87, n. 16 093, 11 dez. 1957. p. 2. Arquivo de Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

⁸⁵ Idem, p. 2.

São Borja - 2

São Francisco de Assis - 1

Santa Vitória do Palmar - 1

Alvenaria sem residência			
Porto Alegre	1	Caçapava	1
Viamão	1	Uruguaiana	1
Cachoeira	1	Tupanciretã	1
São Gabriel	1	Santa Cruz	1
Rio Pardo	1	Cruz Alta	1
Júlio de Castilhos	1	Piratini	1
Pinheiro Machado	1	São Lourenço	1
Encruzilhada	1	São Vicente	1
Taquari	1	Santo Ângelo	1
Madeira			
Cruz Alta	1	Júlio de Castilhos	1
Tupaciretã	1	Santa Rosa	1
Ijuí	1	Jaguari	1
Itaqui	1	Caí	1
Garibaldi	1	Gravataí	1
Getúlio Vargas	1	Alfredo Chaves	1
Passo Fundo	1	Tapes	1
São Leopoldo	2	Livramento	1
Candelária	1	São Francisco de Paula	1
Osório	1	Taquara	2
Soledade	1	Dom Pedrito	1
Alegrete	1	Vacaria	1
São Luiz	1	Lagoa Vermelha	1
Santa Maria	2	Palmeira das Missões	1
Pelotas	1	Montenegro	1

Jaguarão	1	Novo Hamburgo	1
Farroupilha	1	Boa Vista do Erechim	1
Caxias do Sul	1	São Jerônimo	1
Prata	1	Camaquã	1
Quaraí	1	Santiago	1
Guaporé	1	Iraí	1

Fonte: Arquivo de Hipólito José da Costa, jornal *A Nação*, Porto Alegre.

A Igreja possuía amplo interesse em expandir escolas particulares, mas o que chama atenção no jornal *A Nação* é a intensa defesa de membros perrepistas que partilhavam o mesmo ideal. Em vários artigos, aparecem elogios a essas escolas como sendo as únicas capazes de suprir os interesses das populações. Anteriormente, abordamos a defesa engajada de Metzler em seu programa político no que se referia à educação através das escolas particulares. Agora, é possível destacar outro perrepista e ex-integralista, Ivo Compagnoni, que justificava ser o estado do Rio Grande do Sul um dos mais alfabetizados do Brasil por causa do ensino particular e, sobretudo, do ensino mantido pelas ordens e congregações religiosas católicas.⁸⁶

Tem-se, portanto, através do jornal *A Nação*, uma disputa clara entre os defensores da escola pública e os da escola particular. Feitas essas colocações, podemos perceber que um ponto em comum nas idéias e objetivos compartilhados no estado pela Igreja Católica e pelo PRP eram as escolas particulares. Parece que o ideal de Wolfram Metzler e de outros perrepistas era incentivar a implantação de escolas particulares, e a Igreja, por ser favorável a essa proposta, colaborava para realizar tal projeto, especialmente através da imprensa. Segundo entendemos, o ideal de incentivo às escolas particulares no estado foi atingido, pois verificamos um crescimento significativo de escolas, sobretudo no interior.

Na defesa pela educação, o jornal *A Nação* promoveu uma campanha semanal para incentivá-la, alertando para o estágio rudimentar em que se encontravam os agricultores. Defendia-se a idéia de que o professor deveria chegar até esses e que deveria ser mais do

⁸⁶ *A Nação*, Porto Alegre, ano 87, n. 16 085, 16 out. 1957. p. 3. Luis Compagnoni faz discurso oficial por ser ex-aluno lassalista em homenagem ao jubileu de ouro dos irmãos lassalistas em meio às autoridades e o arcebispo, Arquivo de Hipólito da Costa.

que alfabetizador, ou seja, que pudesse transmitir idéias novas sobre o ruralismo. Demonstrava-se, portanto, ser o problema da educação rural o mais grave e urgente dos problemas no momento. A solução seria colocar nessas regiões professores “que lhe dêem, com a educação cívica e cristã, a consciência dos seus problemas: uma consciência sanitária na vida do lar, e uma consciência agronômica na vida do trabalho”.⁸⁷

Ao propor uma educação rural com grande conotação e apelo para atingir as populações do interior, esquecia-se, entretanto, de que nesse período não só o meio rural sofria com problemas educacionais, mas também os centros urbanos, que gradativamente cresciam e apresentavam sérios problemas. Mas parece que o público-alvo que se buscava atingir eram os agricultores; por sua vez, as cidades aparecem como o *meio mais civilizado*, não precisando, assim, de tanto investimento quanto o rural.

Relações de Wolfram com a Igreja na década de 1940

Durante o Estado Novo e especialmente depois de sua prisão, Wolfram destacou-se pela forte conotação política, mas diferenciada, de certa forma, da atuação anterior. Seus discursos revestiram-se de uma certa moderação em alguns aspectos; em outros, defendia acirradamente os propósitos do PRP não só em âmbito estadual, mas no nacional.

Buscar uma compreensão dos vínculos de integralistas e perrepistas com a Igreja Católica através de uma figura apenas pode parecer um tanto superficial, mas pretendemos, no decorrer do trabalho, deixar explícita a *teia* de relações que se estabelecem entre indivíduos, instituições, políticos, enfim, com toda uma sociedade. Ao abarcar as relações dos ideais integralistas e da Igreja Católica no contexto da década de 1940, torna-se

⁸⁷ VARGAS, José Fiarho. Aspectos da educação rural no Rio Grande do Sul. *A Nação*, ano III, n. 475, 11 out. 1940. p. 4. Arquivo de Hipólito da Costa, Porto Alegre.

primordial um questionamento sobre como aconteceram os conflitos e as relações de Metzler na Tipografia do Centro com colegas, padres e seu irmão Franz.

No contexto da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, o jornal alemão *Deutsches Volksblatt* foi substituído pelo jornal *A Nação*, que se destinava ao homem da colônia, especialmente a alemães e católicos, cuja orientação era a católica.⁸⁸

Franz Metzler, desde que seu pai, Hugo Metzler, falecera, em 1929, esteve à frente da Tipografia do Centro. No decorrer da década de 1930 e no jornal alemão *Deutsches Volksblatt*, desencadeara um trabalho antinazista, o que provocou conflitos dentro da empresa, especialmente com seu irmão Wolfram. Numa carta que Franz recebeu de um amigo, constata-se que realmente seus ideais antinazistas sofreram duros combates por imigrantes alemães e seus colegas de trabalho.

Exmo. Snr. Dr. Franz Metzler, vossa explícita carta de 19 me encheu de verdadeira satisfação, uma vez que desta, mais que das anteriores cartas, posso deduzir que estais satisfeito e que vossa família se encontra bem. Estais contente por terdes fugido deste meio, que não compreendeu o vosso idealismo, porque em verdade não o quis compreender, do meio daqueles queridos amigos e parentes, para os quais ainda hoje, Hitler ainda é mais importante que Cristo.⁸⁹

Diante disso, evidencia-se que, no meio colonial e, especialmente, entre amigos e parentes, diga-se Wolfram, os ideais antinazistas não eram bem recebidos. Nesse confronto de idéias, Franz saiu de cena, cortando vínculos com a tipografia e com o irmão.

Em setembro de 1939, Wolfram escreveu uma carta a seu irmão, na qual demonstrava seu total descontentamento com a sua postura antinazista.⁹⁰ Mesmo trabalhando lado a lado na empresa, na qual Franz era gerente do jornal católico *Estrela do Sul*, Wolfram deixava transparecer que não queria manter contato com o irmão para resolver o conflito que se estabelecera; então, comunicavam-se apenas por carta.

Wolfram afirmava, com convicção, que, além dos grandes prejuízos financeiros que o jornal vinha sofrendo devido à orientação que o irmão lhe imprimia, o mais grave era o

⁸⁸ METZLER, Hedwig. *A família Hugo Metzler no Brasil*. p. 12. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁸⁹ Tradução carta dirigida por João Grimeisen ao Dr. Franz Metzler. Hamburgo Velho, 5 jan. 1943. Brasil/RS.

⁹⁰ Processo de perda da nacionalidade de Wolfram Metzler (26/8/42). Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis.

desprezo geral a que ficavam sujeitos. Enfatizava que eram fracas e escassas as notícias veiculadas no jornal à medida que o irmão ressaltava a propaganda antialemana explicitamente.⁹¹ Wolfram classificava os artigos de Franz como pobres em objetividade e dizia que aos indignos da pátria faziam-se necessários castigos.

Wolfram expunha no processo de perda da nacionalidade brasileira que não aceitara tanto Ernani Fiori como Damaso Rocha e, sobretudo, Franz, seu irmão, porque não concordava em lançar ao ódio público todos os indivíduos de origem alemã, com o que estaria ofendendo ao seu próprio pai. Nas suas argumentações, procurava enfatizar que seu maior atrito com o irmão tinha fundo econômico por causa dos prejuízos causados ao jornal, mas seu rancor evidenciava-se na carta porque Franz mostrava-se nitidamente antinazista no jornal alemão *Deutsches Volksblatt*. Wolfram pretendia demonstrar a seu irmão que estava ao lado dos imigrantes descendentes de alemães, acusando-o de ser um fanático na defesa de suas idéias. E reforçava seu pensamento dizendo:

Um imigrante, que porém, menospreza a sua pátria em país estrangeiro, nunca é digno de compaixão, é um indigno, e merece o seu castigo. O que diríamos de um brasileiro que por motivos políticos tivesse que refugiar-se em Montevideu, e que lá compilasse, agora, em um jornal, tudo aquilo que degradasse o Brasil aos olhos dos Uruguaios? Este, em pouco tempo, não teria, na sua própria terra, nenhum amigo mais. Mas muito menos o prezariam os uruguaios que, ao contrário, o desprezariam.⁹²

Demonstrando ressentimento, Wolfram acreditava estar ocorrendo injustiça com os imigrantes alemães. O conflito, entretanto, foi inevitável, tanto que ambos romperam relações por muitos anos.

Para uma melhor compreensão do posicionamento de Wolfram em relação ao antinazismo de seu irmão, desencadeado principalmente por meio do jornal alemão *Deutsches Volksblatt*, torna-se crucial a transcrição de um trecho da carta:

O imigrante cuidando do seu trabalho, mantendo o seu sentimento coletivo, então teremos compaixão do seu destino cruel e lhe dedicaremos sentimentos de elevada consideração. Na minha opinião de todas as rodas, com que eu venha a entrar em contacto. O *Deutsches Volksblatt* é uma “Gazeta de Imigrantes”, outros o classificam de “Gazeta Judaica”, mas estes já são os das rodas malévolas. Algumas opiniões que me chegam aos ouvidos, sem jamais tê-las provocado. “Já não é mais o antigo e sólido *Volksblatt*” (Augusto Flach); “O velho Hugo Metzler

⁹¹ Idem, p. 3.

⁹² Idem, p. 2.

teria procedido de bem outra maneira” (Padre Kades); “Todas as vezes tenho pavor do novo artigo dominical, de seu irmão Franz, cada desses artigos nos prejudica em contos de reis; esse tom ofensivo e agressivo, devia cessar” (Dr. Hefius); “o que o Volksblatt escreve, nem tudo é verdade; o povo fica indignado de muita cousas” (Eugen Brodt); “O que Franz escreve, e o demais que o Volksblatt traz, já não se pode mais ler, por que eles já são fanáticos” (João Hennemann Filho). – Devo continuar? As pessoas citadas não são nazistas nem suspeitos. Tão pouco como eu, que também não sou nazista. Todos eles são velhos amigos e pugnadores de Volksblatt. Também já ouvi opiniões sumamente favoráveis. Mas somente de judeus, imigrantes, e não por ultimo, de Rubem Braga, que sem dúvida escreveu alguns dias depois, um artigo, no qual deu a entender ao governo, que este procedesse, em face dos alemães e brasileiros de descendência alemã, da mesma maneira como fazem na Alemanha com os judeus. – Quando pessoas, que são nossos iguais, e às quais nos sentimos atraídos, criticam o Volksblatt – elementos malévolos o elogiam – então penso, e tu também tens que reconhecer, que andas em caminho errado. Quando os nazistas em seu extremismo, proibiram a entrada do Volksblatt na Alemanha, o que foi uma injustiça, tiveste, não só todo o Rio Grande do Sul, mas sim, todo o Brasil ao teu lado. Tivesse o Volksblatt se mantido fiel a si próprio, então até hoje os nazistas estariam sem razão. Hoje mal os interessa o Volksblatt, por que é uma gazeta atiçadora de paixões, como tantas outras. – Qual, porém, deve ser o caminho? Que Hitler vá ao diabo, com a política interna, a sua extravagância anti-científica da raça. Seu combate à profissão religiosa devemos refutar com a máxima energia. Na política externa, deveríamos desejar-lhe porém, todo o sucesso, por que esses resultariam, afinal de contas, em beneficio do povo alemão. Desejar ao povo alemão uma derrota, pelo simples fato de se achar, casualmente, um Hitler na direção, a quem não desejávamos esses êxitos, é pensamento mesquinho e procedimento incorreto. Certamente objetarás: “mas como será, se o Brasil também entrar na guerra e isso contra a Alemanha? Então nos restaria, naturalmente, só um caminho, porque, somos brasileiros. Pode-se porém, seguir para um combate com o coração sangrando, e assim mesmo cumprir o seu dever. Nos Germanos, já sempre se sobrepôs a fidelidade de vassalos sobre a do sangue, até no ‘Nibelungenlied’ (da mitologia germânica), que todavia é o canto épico alemão, já era assim e assim ficou por todos estes séculos até o dia de hoje. Mas combater é uma cousa e atizar um combate é cousa diferente. O primeiro, muitas vezes é inevitável, e do ultimo sempre nos devíamos de abster. Agora conhecees a minha orientação. Pelo contrário, já a tinhas que conhecer, pr que sempre tentei influenciar-te, infelizmente, porém, sem resultado até hoje.”⁹³

Com base na carta, é possível perceber o grande conflito que se estabeleceu, de tal modo que o jornal não era mais considerado uma *Gazeta de Imigrantes* por Wolfram, e, sim, uma *Gazeta Judaica*. Aos judeus atribuía-se um certo favorecimento no encaminhamento do jornal, os quais apareciam como sendo os únicos a apoiarem o periódico.⁹⁴ Wolfram, portanto, justificava não ser nazista por assim pensar; com certo autoritarismo, deixava claro que não conseguira influenciar seu irmão com suas idéias, mesmo que fossem realmente *corretas*. Ameaçava deixar a tipografia caso o irmão não

⁹³ Idem (no processo para a perda da nacionalidade consta na carta que Wolfram envia para seu irmão Franz), p. 3-4.

⁹⁴ Idem, p. 3.

mudasse seu procedimento em relação ao jornal. Diante do conflito desencadeado por razões de orientação do jornal, questões financeiras, problemas quanto à imagem do Wolfram diante dos colonos, foi Franz quem se afastou do jornal.

Em nenhum documento que trata do fim do jornal alemão e da substituição pelo *A Nação*, a saída de Franz e de outros membros da tipografia é esclarecida; o que realmente paira é um silêncio, uma não-manifestação do grande grupo que fazia parte da empresa, especialmente dos familiares. Ao contrário, quando o conflito é abordado, a posição é de uma certa neutralidade, atribuindo-se a culpa da saída de Franz do jornal ao boicote das empresas alemãs radicadas no Brasil, que teriam causado um desequilíbrio financeiro à Tipografia do Centro: “Nosso irmão Franz teve que abandonar o campo da luta, procurando outros meios de subsistência no Rio de Janeiro, em Recife e, finalmente, em São Paulo, onde faleceu em 1957.”⁹⁵

Familiares justificam a saída de Franz do jornal por este combater “de corpo e alma” o nazismo e o hitlerismo: “Muitos irritados com o combate duro que meu irmão lhes dava, fizeram de tudo para prejudicar o jornal.” Alega-se também o péssimo estado de saúde de Franz, “não se sentindo mais a altura, entregou as rédeas ao irmão Wolfram, médico e político, que, com novas forças, tentou salvar o que fosse de salvar”.⁹⁶ Contudo, em nenhum momento transparece o grande conflito e nada se relata a respeito das atitudes de combate de Wolfram à campanha antinazista do irmão no jornal.

Numa entrevista, Maria Metzler, filha de Wolfram, descreve o conflito do pai com Franz:

Quando Hugo Metzler falecera, Franz é quem assume a Tipografia do Centro, e ele começa a se relacionar com os judeus. Então, um dia meu pai assumiu, pois quem mandava lá dentro eram só os judeus, a família não tinha nada a falar. Os dois discutiram e quando meu tio se afastou, meu pai assumiu. Só que meu pai meio afastado da Tipografia, então, a Igreja é que começou a tomar conta de tudo. Então meu pai brigou com Monsenhor Neis – numa discussão meu pai disse a ele: “Monsenhor Neis, o senhor não é senhor mais. – Meu pai era muito espirituoso.”⁹⁷

⁹⁵ METZLER, Rudolf. Hugo Metzler Filho. *Vida dedicada a um trabalho Nobre*. 1968. Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ BLAZOUDAKIS, Maria Ehrentudes Metzler. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Porto Alegre, 19 jun. 2002.

O conflito estendeu-se para o grupo da Tipografia do Centro, ou seja, aos indivíduos que compartilhavam o trabalho com Franz. Damaso Rocha, diretor do jornal *A Nação*, afastou-se do cargo de gerente da empresa, ocupado, então, por Nestor Pereira, integralista de grande renome na extinta AIB e um dos fundadores do primeiro núcleo integralista em Porto Alegre; ele fora preso duas vezes depois que esta foi extinta e, mais tarde, tornou-se membro do PRP. Desse conflito, ressentimentos emergiram também entre Wolfram e a Igreja. Segundo Maria Metzler, “os padres e os judeus estavam tomando conta de tudo na tipografia, e a família Metzler perdendo espaço”.⁹⁸ Indaga-se então: teria ocorrido uma disputa por espaços ideológicos entre Wolfram e a Cúria? Tudo leva a crer que sim e que Wolfram teria conseguido sobressair-se, mesmo que ambos compartilhassem muitos ideais. É possível perceber que, sob comando de Wolfram, muitos ex-integralistas e perrepistas trabalharam na Tipografia do Centro, integralistas, principalmente no jornal católico *A Nação*.

É preciso recordar que, nessa época, dom João Becker era o arcebispo de Porto Alegre e a Cúria estava sob seu comando. Ao ter início o Estado Novo em 1937, este declarou seu apoio ao governo Vargas, fazendo longos discursos em que se posicionava contra o fascismo, o nazismo e o integralismo. Parece curioso, então, que, no estado, a Cúria fosse acionista de membros integralistas/perrepistas e, ainda, que permitisse que num jornal católico houvesse grande número de ex-integralistas executando as atividades, agora agremiados no PRP. Pode-se citar entre esses desde seu diretor, Nestor Pereira, além de Luiz A. Compagnoni, Ivo Compagnoni, Juracy de Assis Machado e outros.

O jornal era conduzido, juntamente com a empresa Tipografia do Centro, por padres e ex-integralistas e perrepistas, numa junção de ideais a serem difundidos principalmente em meio ao público das regiões coloniais. A empresa possuía uma grande estrutura, pois, além dos jornais, imprimia livros, santinhos e vendia imagens de santos e inúmeros acessórios religiosos para todo estado, atendendo principalmente à demanda de muitas igrejas, já que a Cúria Metropolitana possuía ampla influência em todas as dioceses. Era um negócio certamente rentável.

⁹⁸ BLAZOUDAKIS, Maria E. M., op. cit.

Observamos, então, relações conflituosas nesse período, e não poderia ser diferente num contexto de nacionalização e de ditadura, mas, sobretudo, por estarem perreperistas e Igreja compartilhando os mesmos espaços. Em vários pontos eles podiam convergir, porém esse *casamento*, num contexto tão complexo, estava visivelmente determinado a entrar em *crise*.

Torna-se pertinente também identificar os motivos que levaram Wolfram a ser preso em 1942. No final da década de 1930 e início da década de 1940, o Estado Novo intensificou seu programa nacionalista colocando em prática um combate aos *inimigos da nação*.⁹⁹ Em 1942, Wolfram trabalhou como médico em sua clínica em Novo Hamburgo, quando se desentendeu com um colega de trabalho, também médico, Giacomo Ingletto. Sobre isso, Maria Metzler diz que o pai descobriu que Giacomo estava se apossando de dinheiro da clínica e pediu-lhe que se retirasse da clínica, do contrário iria denunciá-lo. Contudo, antes de fazê-lo, Giacomo roubou documentos de uma gaveta contendo registro de uma arma e denunciou Wolfram dizendo que guardava armas em casa e que tinha registrado as filhas no consulado alemão. “Então, o pai foi preso como quinta-coluna.”¹⁰⁰

Wolfram foi preso em agosto de 1942 e conduzido à Colônia Penal Agrícola Daltro Filho. Seu empregado, Otto Franz, que trabalhava na chácara de Campo Bom, também foi preso e ficou na Casa de Correção em Porto Alegre, acusado de não indicar onde estariam as armas de Wolfram. Preso por um mês foi, após, posto em liberdade, mas faleceu logo depois, com apenas 34 anos, em razão das torturas sofridas.¹⁰¹ Segundo relatos: “Dizia-se que as armas estavam na chácara então o capataz apanhava todos os dias, queriam as armas, quando saiu ficou muito doente não conseguindo mais se recuperar – numa das torturas, até urinaram em cima dele.”¹⁰²

No processo que sofreu em 1944 para ter cassada a nacionalidade brasileira, Wolfram foi acusado de ter se envolvido com nazistas e de ser simpatizante desses, conforme se lê textualmente no processo:

⁹⁹ Não se pretende abarcar aqui o combate do governo Vargas aos partidos políticos, mas apenas salientar a perseguição aos ex-partidários da AIB, no caso específico Wolfram Metzler.

¹⁰⁰ BLAZOUDAKIS, Maria E. M., op. cit.

¹⁰¹ Neste período o chefe de polícia era Aurélio Py. BLAZOUDAKIS, Maria E. M., op. cit.

¹⁰² BLAZOUDAKIS, Maria E. M., op. cit.

Sua atividade política tem sido a de um extremista totalitário, e chefiou o núcleo integralista de Novo Hamburgo, dirigiu o jornal integralista, editado em língua alemã – “Der Angriff”, fez amizades com elementos nazistas destacados, chegando a assistir reuniões num restaurante alemão, é um defensor do racismo ariano e, em seu poder foi encontrada pela polícia gaúcha uma pistola automática mauser, com 4 pentes contendo 10 balas cada um.¹⁰³

No processo, Wolfram argumentou que não era nazista e, no que se referia à arma apreendida, de uso privativo do Exército, disse que a recebera como garantia de um empréstimo feito a um empregado da Tipografia Behrend, de Novo Hamburgo. Não entregara a arma às autoridades por mero desconhecimento dessa obrigação e, por leviandade, dera-a para que um empregado a guardasse.¹⁰⁴

Wolfram foi acusado também de propagar idéias integralistas mesmo após a proibição de partidos políticos: “Pelos informações da seção de Ordem Social desta Delegacia, verifica-se que Wolfram Metzler, depois da extinção legal dos partidos políticos em sessões integralistas no município de Novo Hamburgo, tendo sido, por sua ordem, distribuídos boletins de propaganda do credo verde.”¹⁰⁵

Constantes foram as acusações no processo de que Wolfram teria tendências nazistas, as quais tinham como base o fato de ter registrado duas filhas no consulado alemão, de simpatizar com as idéias integralistas e de ter militado no integralismo, além de posicionar-se em alguns momentos favoravelmente a Hitler e de ter atritos com seu irmão, Franz, e outros opositores do nazismo. Além disso, era dono de uma arma proibida.

Na obra *Integralismo no pós-guerra – A formação do PRP 1945-1950*, Gilberto Calil afirma que o integralismo foi identificado muitas vezes com o nazi-fascismo e que acusações mais violentas partiram principalmente da Força Expedicionária Brasileira, onde se afirmava ser o *integralismo um nazismo brasileiro*. As críticas não se justificavam apenas por ser o movimento identificado com o nazi-fascismo, mas por seu caráter autoritário.¹⁰⁶

Para defender-se da acusação, Metzler argumentou ser conhecedor da Alemanha e considerar justas as aspirações do povo alemão no que se referia à obtenção de colônias. Justificava que pensar assim não significava posicionar-se favoravelmente ao nazismo, pois, se as atitudes de Hitler resultassem em benefício do povo alemão, era preciso entendê-las como algo positivo porque o povo alemão não podia viver oprimido dentro de seu pequeno território. Como no curso da guerra o rumo mudou, Wolfram acreditava não poder

¹⁰³ Processo de perda da nacionalidade brasileira, 1944 Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra . A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

mais concordar com as afirmações anteriores, mas ressaltava que, se ao povo alemão fosse dado maior território, o mundo seria pacificado.¹⁰⁷

Quanto à nacionalidade, Wolfram não a perdeu. Os argumentos utilizados para isso se embasavam na lei, salientavam que, mesmo invocando a nacionalidade alemã, ele não a adquirira por naturalização voluntária porque a possuía desde o seu nascimento, por força da lei alemã, como filho de alemão. Num discurso na Assembléia em 1949, Wolfram defendeu-se de acusações feitas por Brito Velho de que era racista, esclarecendo que jamais teria preconizado tal idéia, até porque fora militante da AIB, a qual não admitia essa concepção por considerá-la prejudicial à unidade nacional. Disse que muitas vezes, por ser integralista, fora tachado de “nazista”. Muitas foram as críticas dirigidas a Wolfram nesses sentidos, pois, em alguns aspectos, como no autoritarismo, o integralismo foi identificado com o nazi-fascismo. Portanto, parece ter ocorrido uma identificação do Wolfram integralista, perrepista, com o nazismo, tanto que, no dia de sua posse na Assembléia como deputado estadual, ao ser anunciado seu nome, a platéia rompeu numa estrondosa vaia.¹⁰⁸

Parecem, pois, confirmar-se realmente relações de amor e ódio: de um lado, os exaltados defensores do Metzler humanitário, católico, médico; de outro, seus inimigos ferrenhos, que o acusavam de autoritário, de simpatizante do extremismo político. Falar de Metzler torna-se, portanto, paradoxal visto que há uma certa radicalização tanto nos adeptos que o defendem como dos que o condenam.

Quanto ao período de sua prisão em 1942, torna-se primordial compreender como Metzler se relacionou com os presos e a polícia e também como ocorria o seu contato com a família. Por ter um grande destaque como médico e como político e ser um tanto popular, principalmente nas regiões de imigração, Wolfram conseguiu sobressair-se e obter certos privilégios em relação aos demais presos no que se refere ao tratamento recebido, mesmo sob a acusação de ser simpatizante do nazismo. Assim o relata Maria Metzler: “Meu pai foi forçado a trabalhos na colônia penal, mas por ter osteomielite na perna ele não precisou trabalhar duro, até teve uma vidinha boa, tinha um ladrão de galinha (carioca) que até fazia a cama dele. Tinha também amizade com um médico lá dentro.”¹⁰⁹

¹⁰⁷ Processo de perda nacionalidade brasileira, 1944.

¹⁰⁸ FEIJO, Alceu. De preso político, a deputado federal – morreu quase senador. *NH*, 20 set. 1990. p. 8. Arquivo particular da filha de Metzler.

¹⁰⁹ BLAZOUDAKIS, Maria E. M. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Porto Alegre, 19 jun. 2002.

Nas cartas que Wolfram enviava à família, noticiava que realmente sua saúde estava fragilizada, mas que pouco trabalhava por ter na prisão um amigo médico, o qual lhe concedia algumas regalias. No entanto, enfatizava a dor de estar longe da família.

Wolfram demonstrava interesse em apresentar-se, provavelmente, como voluntário no caso de mobilização para guerra: “Sempre queria apresentar-me voluntariamente caso houvesse mobilização. Pedi mesmo ao Sr. administrador licença para apresentar-me. Refletindo entretanto remeti por enquanto de meu intento com receio que pudessem interpretar mal meu gesto.”¹¹⁰

Na prisão, através de cartas, Metzler solicitava à esposa, Emilia, que procurasse ajuda junto a amigos seus, como Nestor Pereira, o coronel Nestor Santos e outros, para que intercedessem junto ao chefe de polícia, Aurélio Py, pela sua liberdade. Reforçava que sua esposa deveria conversar com seus amigos coronéis: “Sabes que devo estar cauteloso porque cada passo que dou pode ser interpretado de maneira muito diversa das intenções que me guiaram. Achas que estou ficando um covarde? Talvez! Entretanto acho que todo homem que sofre o que eu sofri moralmente com a separação de vocês e o desmoronamento de muitas das minhas aspirações e ideais tem que tornar-se um tanto covarde.”¹¹¹

Emilia apelou a homens importantes para que intercedessem por Wolfram, entre os quais o médico Farias, de Porto Alegre, e o próprio Aurélio Py, chefe de polícia, e o interventor do Rio Grande do Sul, Cordeiro de Farias. Nos pedidos solicitava que entrassem em contato com a Tipografia do Centro, deixando claro que Wolfram fora preso por ser integralista, mas que nada fizera de errado por ser homem defensor da pátria brasileira.

Numa das cartas de Emilia ao marido, ela pedia que Wolfram cuidasse da sua saúde não só pela sua família, mas pela pátria, que necessitava das suas *faculdades*, e da população, que esperava pelo melhor médico, já que o general da 3ª Região iria chamá-lo para servir como médico militar. Emilia acabava a carta solicitando que lhe desse um presente: ir à missa, confessar-se e comungar.¹¹²

É preciso salientar que todas as cartas eram censuradas e passavam pelo rígido controle do Dops, o que, certamente, levou a que muitas coisas não pudessem ser ditas. Por isso, entendemos que, diante do sofrimento incontestável que é a perda da liberdade, ideais não sejam mais ressaltados, idéias, palavras não sejam ditas ou expressas; unicamente o que

¹¹⁰ Carta de Wolfram Metzler à Emilia. Colônia Penal Daltro Filho, Porto Alegre 7 out. 1942. Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

¹¹¹ Carta de Wolfram à Emilia. Colônia Penal Daltro Filho, Porto Alegre 15 out. 1942. Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

¹¹² Carta de Emília para Wolfram. Porto Alegre, 20 set. 1942. Arquivo particular da filha de Metzler.

existe é a dor da separação dos familiares, o desejo de retornar ao lar e às atividades de trabalho, como Metzler declarava: “Meus queridos filhos! Deveis estar muito comportados e ter muita fé com vosso pai que nada de mal fez. Sempre eu tive intenções boas e tudo que fiz foi para tornar-vos flores e... bons cathólicos. Não deveis importar se falam mal de vosso pae por que podereis estar certos que em breve eu poderei desfazer todas as duvidas que hoje me atormentam.”¹¹³

Wolfram mostrava-se preocupado com sua imagem junto aos filhos, já que sabia das pressões que eles deveriam estar sofrendo diante das acusações de que seria nazista. Nas várias cartas enviadas à família, deixava transparecer grande preocupação com eles, com as suas condições de sobrevivência, além de expressar o desejo de retornar para casa. Como já referimos, assuntos relacionados a questões políticas praticamente não aparecem na correspondência localizada, o que se explica porque o controle era intenso. O que transparece é que nosso personagem não sofreu maus-tratos como alguns na mesma situação, mas o que realmente o fazia sofrer era a separação da família e as dores causadas pela sua doença.

Conflitos partidários e disputas por espaços políticos

É preciso ressaltar que o PRP teve forte atuação no Rio Grande do Sul, como informa Gilberto G. Calil:

Que o estado além de ser a base eleitoral do PRP, apresentava em seu processo político uma peculiaridade que sobrevalorizou a intervenção do partido: a forte bipolarização entre trabalhistas e antitrabalhistas. Em vista dela a posição tomada pelo PRP muitas vezes era decisiva no resultado das eleições para o governo do Estado e Senado Federal.¹¹⁴

Em vários momentos, portanto, o PRP atuou de forma decisiva junto a alguns partidos, mostrando-se com voz ativa e com respaldo nas decisões políticas. Entretanto, num comício em 1947, houve um desentendimento entre o PRP e o PSD, evidenciando os primeiros sinais de desgaste entre os dois partidos. A pretensão de unir-se para conquistar espaço político e atuar no contexto estadual não dera certo. Então, Metzler ressaltou nesse

¹¹³ Carta de Wolfram para Emília. Colônia penal Daltro Filho, Porto Alegre, 9 set. 1942. Arquivo particular da filha de Metzler.

¹¹⁴ CALIL, op. cit., p. 20.

comício que “o PSD não cumpriu os compromissos de honra que assumiu conosco antes da eleição do Dr. Walter Jobim. Hoje estamos em todo o estado contra o PSD, porque alguns reacionários tomaram conta dele”.¹¹⁵

Esse posicionamento de Metzler, entretanto, mesmo que sua figura tivesse grande respaldo dentro de seu partido e em todo o estado, não foi levada ao “pé da letra” por todos os militantes perrepistas. Podemos citar como exemplo a grande afinidade do PRP e do PSD no município de Guaporé, onde ambos estiveram sempre ligados, até mesmo quando do acordo no estado entre PRP e PTB.

Em âmbito estadual, esse conflito parece ter tomado grandes proporções, levando os deputados Wolfram Metzler e o Oscar Fontoura a um acalorado debate. Tal desentendimento estava relacionado ao acordo que PSD e PRP tinham firmado em 1946, em que o segundo apoiaria a eleição de Walter Jobim a governador do estado, mediante a garantia de obtenção de cargos, já que este não lançara candidato próprio. Metzler, por estar ligado a questões da agricultura, certamente desejava a Secretaria da Agricultura, mas constatamos que o entendimento entre ambos não aconteceu, declarando-se, então, a ruptura entre os dois partidos. A figura é ilustrativa o momento em que Metzler, do PRP, e Fontoura, do PSD, entraram em confronto na Assembléia Legislativa, rompendo o acordo de apoio à eleição de Jobim.



Fonte: Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

No Rio Grande do Sul percebe-se que três partidos se uniram – PRP, UDN e PSD – para, juntos, obterem alguns resultados positivos para o Senado: “O PRP, UDN e PSD

¹¹⁵ Palavras de Wolfram Metzler, líder da bancada do PRP em 8/11/47, no comício em Lajeado. Panfleto pró-candidatura “Está na hora de mudar”. Eleições de 1954, proclamação do PRP-RS. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

unem seus esforços para dar à Pátria Brasileira oportunidade de ter, no senado Federal, a defende-la ideais cristãos da nacionalidade.¹¹⁶

Diante disso, evidencia-se a conjuntura de aliança e apoio entre três partidos para conseguirem espaço para a conquista de seus ideais, defesa de suas idéias e progresso em nível nacional. No entanto, esse compartilhar de idéias sofreu desgastes, levando em alguns momentos o PRP a caminhar sozinho. Essa ruptura evidencia-se se analisarmos a atitude do PRP, que, pela primeira vez, em 1954 lançou candidato próprio ao governo do estado, Wolfram Metzler, o qual declarou na ocasião:

Seria muito mais fácil para nós não ter que suportar os sacrifícios que acarretam o lançamento de uma candidatura própria. Se formos levados a esta decisão, é porque não conseguimos ver nos outros candidatos, dignos e cultos, nada que significasse o advento de dias melhores para o povo do RS, em virtude de suas ligações políticas com um passado político que conduziu nosso Estado à triste situação em que se encontra.¹¹⁷

O lançamento da candidatura de Wolfram Metzler, quando era evidente a dificuldade para o PRP, sozinho, promover uma grande campanha, parece deixar explícito que os conflitos com outros partidos eram evidentes, principalmente com o PSD. A campanha tomou dimensões de grande apelo aos gaúchos de que “está na hora de mudar”, recaindo as esperanças na candidatura de Wolfram Metzler. Apelava-se para que os gaúchos marchassem com Wolfram e o PRP pelo bem do estado; ele seria o candidato ideal para que o Rio Grande do Sul verdadeiramente alcançasse renovação social, pois sua plataforma estava alicerçada na doutrina cristã e nacionalista. Diante desse contexto, torna-se interessante conferir a popularidade do candidato, sobretudo junto ao clero.

Mesmo que tivesse ocorrido uma certa ruptura interna na Tipografia do Centro, Metzler conseguiu agremiar à sua volta um grande número de padres e destacar-se fortemente entre os padres jesuítas. Em jornais católicos, suas idéias eram defendidas por padres, que exaltavam as propostas de educação, reforma agrária, defesa dos imigrantes,

¹¹⁶ Panfleto “Notável estudo de Álvaro de Castilhos Panafiel sobre Plínio Salgado”. 10 set. 1950. Arquivo CD-AIB, Porto Alegre.

¹¹⁷ Panfleto eleitoral eleições estaduais 1954. Candidatura de Wolfram Metzler. Arquivo CD-AIB, Porto Alegre.

como nos artigos: “Metzler e os nacionalistas; Wolfram Metzler, Apóstolo da Opinião Pública”; “Metzler e os Tubarões”.¹¹⁷

Os conflitos na Tipografia do Centro não haviam atingido sua imagem, de modo que permanecia, mesmo depois da sua morte, um conceito de admiração por Wolfram junto a bom número de padres. Em alguns aspectos, parece um tanto contraditória a postura de alguns membros do clero, pois sabe-se que, em relação à reforma agrária, por exemplo, a Igreja, historicamente, teve um posicionamento nada favorável. No entanto, pode-se considerar que casos isolados de padres contrariavam esse posicionamento.

É interessante notar que alguns padres viam Metzler como ‘o homem que gostava de dar nos “tubarões”, nos exploradores profissionais do povo”.¹¹⁸ No artigo em que se faz essa referência, trata-se da atuação de Metzler contra as companhias de colonização e imigração, principalmente do Paraná, que vendiam as terras de forma ilegítima. Ressaltava-se o programa colonizador de Metzler, as quais seguia as idéias básicas de Leão XIII e Pio XI, significando que seus ideais condiziam perfeitamente com a proposta das encíclicas sociais da Igreja para a solução de questões sociais. Senão vejamos:

Nós, os amigos não políticos de Metzler, sentimos que sua nomeação estava fundida, no começo, com um jogo político. Mas o falecido presidente do INIC assegurou-nos, imediatamente, que a política não o interessava nesta questão. Quis auxiliar os colonos de todo o Brasil: esta foi a sua preocupação essencial e vital. Seguiu apenas em 2º lugar, o desejo de acabar com alguns tubarões, e, somente no ultimo lugar, talvez, um pouco de política.¹¹⁹

Surpreende a defesa que os padres faziam em relação à questão partidária de Wolfram. Em vários documentos percebe-se que existe uma constante preocupação em justificar que todos os ideais pretendidos por ele não tinham relação com a política. Mas como não relacioná-las com política se suas principais metas, objetivos, propostas encaixavam-se perfeitamente nas do integralismo? Para que justificativas? Há fatos que não precisam ser justificados, mas a Igreja o fazia para livrar-se de julgamentos como “padres apóiam indivíduos do PRP, ou a Igreja está envolvida em política”. Daí a necessidade de

¹¹⁷ *Jornal do Dia*, 30 out. 1957, 22 out. 1957, 26 out. 1957, Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

¹¹⁸ SCHMIEDER, Godofredo, padre Metzler e os tubarões. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 30 out. 1957. Arquivo particular da filha de Metzler, Porto Alegre.

¹¹⁹ *Idem*.

justificar o apoio a Metzler, um ex-integralista, preso por suspeita de vínculos com nazistas e partidário do PRP.

Como se observa na citação transcrita, ao se referir ao jogo político, procura-se defender Wolfram das acusações que sofria quando seu partido – o PRP – fizera acordo com Brizola, candidato ao governo do estado pelo PTB, insinuando-se troca de cargos políticos mediante apoio ao PTB. Por isso, Wolfram, em entrevista ao jornal *Folha da Tarde*, defendeu-se das acusações de que fora indicado para o cargo do Instituto de Imigração e Colonização em razão de conchavos políticos, ressaltando que isso teria ocorrido tão-somente por merecimento: “Caem, pois, pela base todos os boatos lançados, de que estaria se tratando, com a minha nomeação de apenas uma compensação por uma eventual troca de apoio eleitoral. É verdade que foi o Sr. Vice-presidente da República que tomou a iniciativa de indicar o meu nome para o importante órgão federal, fato que muito me sensibiliza, e que outros não fariam.”¹²⁰

Ressalta-se que o vice-presidente da República era o gaúcho João Goulart, parente de Brizola, principal articulador e interessado em obter o apoio do PRP no estado. Vários documentos provam o crucial papel do PRP na vitória de Brizola para governador. Além disso, como resultado da aliança entre os dois partidos, Modin, do PRP, conquistara um lugar no Senado.

Ao assumir o Inic, Wolfram pouco permaneceu no cargo em razão de sua morte prematura. Chama a atenção nesse ponto que outro ex-integralista e membro do PRP foi cogitado para assumir o cargo, o também gaúcho Luiz Compagnoni.

Mesmo após a morte de Metzler, a pretensão de muitos padres era dar seguimento aos seus objetivos para que “o programa sadio não caia no esquecimento, e se encontre um sucessor – de qualquer partido digno e apto para continuar a obra metzleriana”.¹²¹ Em constantes elogios ao trabalho desse personagem junto aos agricultores e católicos, ele era considerado “o conselheiro de toda hora, o animador ardente do grande apóstolo social do campo, que é o Pe. João Schnens, S.J.”.¹²² Exaltava-se também sua figura por ter nascido

¹²⁰ Wolfram Metzler, nomeado para a presidência do Inic. *A Nação*, Porto Alegre, ano 87, n. 16 084, 9 out. 1957. Arquivo de Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

¹²¹ SCHMIEDER, Godofredo, padre Metzler e os tubarões. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 30 out. 1957. Arquivo particular da filha de Metzler.

¹²² WEIZMANN, Raimundo, padre doutor Metzler. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 22 out. 1957. Arquivo particular da filha de Metzler, Porto Alegre.

numa família católica e ter tido uma formação exemplar, seguindo os princípios cristãos. Mas Metzler era realmente um símbolo do catolicismo? Cabe ressaltar que ele próprio, numa das cartas enviadas à esposa Emília, quando preso em 1942, escreveu: “Talvez tu estranhes eu escrever assim. Tu bem sabes que eu, embora sempre fiel à minha religião, nunca fui muito devoto.”¹²³

Pode-se salientar que Wolfram vivera em meio a uma família católica, convivera na Tipografia do Centro com muitos padres e criara vínculos com agricultores católicos. Todavia, isso não significa que tinha incorporado de corpo e alma o catolicismo, até porque já foi possível verificar que muitos atritos ocorreram entre ele e membros da Cúria, o que pode tê-lo afastado um pouco das práticas católicas. Torna-se crucial salientar também que, para a época, dizer-se católico, especialmente as pessoas públicas, no caso de Wolfram, médico e político, garantia uma maior aceitação; a imagem fortalecia-se ainda mais se tivesse apoio de padres. Assim, Wolfram conseguia angariar a simpatia principalmente de parte dos agricultores.

Wolfram Metzler **presidente do Instituto de Imigração e Colonização (Inic)**

Pela análise da trajetória da política de Wolfram Metzler, é possível perceber a intensa atuação e o programa dos ex-integralistas e dos perrepistas no estado. Ideais e pretensões em comum com a Igreja Católica são perceptíveis: ambos defendiam a educação particular; mobilizavam-se em prol da imprensa; atuavam junto aos imigrantes; desenvolviam programas relacionados à imigração; buscavam agremiar a juventude e clamavam por valores hierárquicos. Analisamos aqui, primeiramente, alguns aspectos no que se refere à política de Wolfram Metzler no Inic e à atuação da Igreja diante de tal política.

Na defesa das idéias de Wolfram em relação à educação, o padre Godofredo Schmieder, argumentava que o médico era o grande defensor da Igreja e do povo – “um

¹²³ Carta de Wolfram Metzler à Emília. Colônia penal agrícola Daltro Filho, 25 out. 1942. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

gênio universal”.¹²⁴ Concordava com seus métodos pela integração orgânica e não mecânica, com o bilingüismo e o progresso profissional dos colonos. Acentuava os ideais de Wolfram por defender a necessidade de os descendentes de imigrantes aprenderem a língua, a cultura e a história nacional, mas considerava como fundamental aprender duas línguas desde cedo, visto que “são mundialmente conhecidas como particularmente inteligentes e capazes de trabalhar”.¹²⁵ A argumentação contra a escola pública justificava-se pela não-compreensão dos governos em introduzir a educação bilíngüe nas escolas públicas; por isso, propunha com grande ênfase que os particulares tivessem o direito de ensinar a ler e escrever a língua dos antepassados. Tal defesa se apresentava como um direito natural, portanto não se admitia a proibição de tal proposta.

Buscamos entender o papel de ex-membros da AIB no cenário rio-grandense agora vinculados ao partido que preconizava os mesmos ideais – o PRP, sobretudo no que se refere à atuação política de Wolfram Metzler no Instituto de Imigração e Colonização.¹²⁶

Metzler foi indicado à presidência do Inic em 1957. Na ocasião disse sentir-se preparado porque durante um longo tempo da sua vida adquirira conhecimento sobre a questão dos imigrantes e da terra; justificava suas pretensões no novo cargo dizendo considerar fundamental a preocupação com o excesso populacional no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, com a falta de técnicas e de novas práticas no meio rural.¹²⁷

Para compreender a atuação de Wolfram na presidência do Inic, torna-se pertinente conhecer suas propostas, reveladas em entrevista dada ao jornal *A Tarde*, de Porto Alegre,¹²⁸ quando expôs alguns tópicos cruciais do seu programa:

- a) excesso populacional no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para o que propunha resoluções investindo em novas práticas e ensino técnico;
- b) terra: não à desapropriação de terras da fronteira e sim à migração para estados limítrofes;

¹²⁴ Metzler e os nacionalistas. *Jornal do Dia*, Porto Alegre, 30 out. 1957. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Ao nos referirmos a integralistas, estamos fazendo referência aos indivíduos que fazem parte da AIB e também, mais tarde, aos que ingressaram no PRP, já que ideologicamente compartilhavam os mesmos ideais.

¹²⁷ W. Metzler, nomeado para presidente do Inic. *A Nação*, Porto Alegre, ano 87, n. 16 084, 9 out. 1957. p. 8. Arquivo de Hipólito José da Costa, Porto Alegre.

¹²⁸ Idem, p. 8.

- c) imigração: posicionamento contrário à migração de agricultores do sul para o norte – *os gaúchos não se adaptariam a climas tropicais*;
- d) mão-de-obra: era preciso critérios na seleção de imigrantes – qualidade e não quantidade;
- e) política de combate aos “vendedores de gravatas, de vendedores de bilhetes e de mascates”.¹²⁹

Para Metzler, o ensino técnico necessitava de incentivo, pois era fundamental a implementação de práticas mais modernas em pequenas áreas. Mesmo acreditando haver no Rio Grande do Sul lugar suficiente para o povo rio-grandense, salientava que “os agricultores precisam de novas terras, das quais o Estado já não pode dispor, a não ser que passe a desapropriar fazendas na região da fronteira”.¹³⁰

Quanto à possibilidade de desapropriação dos latifúndios, logo ponderava e sugeria outros meios, afirmando não ser preciso desapropriar terras fronteiriças já que existiam “imensas terras devolutas em Estados limítrofes ao nosso, com clima favorável ao nosso homem”.¹³¹

Havia, portanto, claramente um incentivo para que os rio-grandenses se estabelecessem em outros estados e ali dessem início a uma reforma rural. Wolfram mostrava-se preocupado com a questão migratória, que nesse período se acentuava. Incentivava os agricultores a se estabelecerem em estados vizinhos, porém discordava totalmente, e até combatia a migração do povo do sul para o norte do país, deixando transparecer um certo preconceito – superioridade dos imigrantes alemães e italianos –, o que justificava com a não-adaptação dos rio-grandenses ao clima tropical:

Estas áreas, localizadas no cinturão tropical, quer me parecer que seria mais lógico fossem reservadas para os excedentes populacionais do Polígono das Secas, já que estas populações estão mais adaptadas ao clima tropical e facilmente poderão aí prosperar, pois conhecem as culturas tropicais, praticamente ignoradas pelo homem de zona temperada. Assim para os homens do RS e Santa Catarina, deveriam ser reservadas áreas abaixo do trópico de capricórnio ou acima de 600 metros de altitude.¹³²

¹²⁹ Idem, p. 8.

¹³⁰ Idem, p. 8.

¹³¹ idem, p. 8.

¹³² Idem, p. 8.

No seu discurso, argumentava que o homem do sul não se adaptaria norte do Brasil em razão do fator climático. Wolfram exaltava os imigrantes alemães e italianos a que permanecessem concentrados numa mesma região. Questionamos: qual seria a pretensão de Metzler com tal incentivo? Não estaria propondo uma separação de etnias e a superioridade dos imigrantes europeus colonizadores do sul?

Torna-se interessante entender a posição de Wolfram quanto à questão de colonização, pois, quando se referia à entrada de imigrantes no país, argumentava que o Brasil não podia mais praticar uma política de imigração nos moldes da do século XIX. Faziam-se, agora, necessários agricultores especializados, que, além disso, deveriam ser distribuídos em vários pontos do território nacional. Segundo Metzler, para assim “servir de exemplo para nossos patrícios, no aprendizado de técnicas mais apuradas de produção. Nesse sentido, aliás, já existem alguns números bem expressivos, um deles em nosso Estado. Todos, se não me falha a memória, são fruto da iniciativa privada”.¹³³

Essa argumentação realmente nos remete a refletir sobre como teriam se desencadeado na prática tais propostas se Wolfram não tivesse falecido logo que assumiu o Inic. Entendemos que suas pretensões revestiam-se dos ideais integralistas, muitas vezes de forma contraditória, ou seja: dizia-se estar imbuído de nacionalismo, pregar rigidez e autoritarismo, mas, ao mesmo tempo, exaltava a superioridade dos alemães e italianos que haviam chegado ao Rio Grande do Sul no final do século XIX e início do século XX. O integralismo, teoricamente, não propunha a exaltação do povo brasileiro? Wolfram, entretanto, apresentava o seu povo, os alemães, como o exemplo a ser seguido.

Quanto ao trabalho e à atuação anterior do Inic, Metzler lançava duras críticas por esse instituto não ter controlado de forma realmente criteriosa a entrada de imigrantes no país. Escrevia que “a seleção não tem sido bem sucedida, já que é comum depararmos nas ruas da cidade com vendedores de bilhetes, de gravatas ou mesmo no interior do Estado encontrar mascates, que aqui aportaram sob o título de ‘técnicos’ ou de ‘agricultores’”.¹³⁴

Como observamos, Metzler fazia severas críticas à não-seleção dos imigrantes ao chegarem ao país, o que ocorreria pela falta de seriedade e competência dos membros do Inic. A proposta por ele enfatizada era de que não entrassem no Brasil grandes contingentes

¹³³ Idem, p. 8.

¹³⁴ Idem, p. 8.

de trabalhadores porque se fazia necessário, primeiramente, um cuidado especial e organização das migrações internas.

Percebem-se, portanto, não só nos discursos de Wolfram, mas também em vários artigos do jornal *A Nação*, a arraigada defesa e admiração aos imigrantes alemães do Sul. Nestor Pereira, gerente desse jornal e ex-integralista, foi escolhido pela Assembléia Legislativa para fazer um discurso no dia 24 de julho de 1957, quando das comemorações do Dia do Colono, ocasião em que fez grande exaltação aos alemães.

A presença de ex-integralistas, partidários do PRP, em atividades relacionadas aos imigrantes era intensa. Muitos desses compartilhavam dos ideais de Metzler, principalmente na defesa aos agricultores. Nos discursos, tal defesa fica visível, mas, na prática, torna-se difícil afirmar se teria ocorrido com a mesma intensidade.

Chama atenção um dos artigos do jornal *Diário de Notícias* – “Crime: companhias colonizadoras estão levando emigrantes gaúchos para a bacia amazônica [...]”¹³⁵ –, no qual se enfatizava a emigração sulina para algumas regiões como se fosse um crime, visto que as companhias colonizadoras o faziam buscando incentivar os gaúchos a cobnizar a região Amazônica apenas por interesses meramente financeiros. Já Wolfram defendia a permanência do homem no meio em que melhor se adaptasse, mas reconhecia que os gaúchos não se adaptavam à região Amazônica. Por isso, prometia buscar solução para a migração interna quando assumisse o cargo, tudo por *amor ao colono*.

A nomeação de Wolfram Metzler para assumir a presidência do Inic trouxe grande satisfação aos seus companheiros pela certeza que tiveram de crescimento do PRP. Luiz Compagnoni, euforicamente, expressou-se dizendo: “Wolfram Metzler apóstolo a proclamar o evangelho da salvação das terras gaúchas.”¹³⁶ Plínio Salgado, por sua vez escreveu:

O nosso Partido aceitando colaborar com o governo Federal, nesse importante setor da administração pública, tão intimamente relacionado com as estruturas econômicas e demográficas da Nacionalidade Brasileira, indicou ao chefe de Estado o nome de Wolfram Metzler, pelos conhecimentos que revelou sobre a matéria na sua atuação na câmara

¹³⁵ Metzler e a direção do Inic. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, ano XXXIII, 20 out. 1957. p. 18. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

¹³⁶ Na câmara e no senado, homenagem do plenário, em seguida, de acordo com o requerimento aprovado na véspera e formulado pelo deputado Ponciano Santos à memória do Sr. Wolfram Metzler. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 23 out. 1957. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

Federal e, sobretudo, pela austeridade do seu caráter e ardente patriotismo [...]. A nomeação e posse do ilustre companheiro causou a mais viva satisfação aos filiados do PRP, em todas as unidades da Federação, pela certeza, que todos alimentavam de que o nosso Partido iria ser engrandecido pela obra que Metzler iria realizar.¹³⁷

Observamos até aqui que os perrepistas conseguiram, através de Metzler, um “lugar ao sol”, ou seja, inserir-se significativamente na política. Então, pela sua atuação no instituto, poderiam dar um grande “salto no amanhã”. Metzler era o alicerce para a grande construção pretendida pelo PRP, pois possuía características fundamentais para alcançarem a sonhada tomada do poder, como ser líder de prestígio, principalmente no interior do estado, junto aos agricultores e de um grande número de padres; ser médico e manter vínculos com grande número de pessoas. Com a morte de Metzler, no entanto, os perrepistas passaram a temer uma certa desestruturação e não há dúvidas de que esse temor recaía na possibilidade de, agora, os planos do partido tomarem outro rumo, prejudicando, assim, o alcance do tão sonhado poder.

Numa das reportagens sobre a morte de Metzler, enfatizava-se que o PRP perdera um dos seus grandes valores justamente no momento em que o partido conseguia obter um espaço.¹³⁸ É importante ressaltar que, em alguns momentos, são levantadas hipóteses sobre a morte de Metzler. Salientava-se que vinha sofrendo nos últimos tempos muitas pressões visto que o PTB exigia participação na direção do Inic. Diante disso, reforçava-se o argumento de que Metzler e o PRP haviam tentado resistir a tais pressões, o que lhe teria ocasionado problemas de saúde.¹³⁹

No que se refere ao acordo do PRP com o PTB, encontramos numa correspondência de Juracy da Assis Machado, presidente do Diretório Regional do PRP, ao companheiro guaporense João Manuel Pereira a justificativa e a importância para o partido em eleger Leonel Brizola a governador do estado. Explicitamente, o emissor argumentava que, com tal aliança, o partido ganharia em vários aspectos: “Em troca sufragamos o nome do companheiro Guido Modin para o Senado, participaremos da administração de governo,

¹³⁷ O Rio Grande despediu-se de W. M: mensagem de condolências do Sr. Plínio Salgado. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 out. 1957. Arquivo particular da filha de Metzler.

¹³⁸ Plínio Salgado e a morte de Metzler. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 22 out. 1957. Arquivo particular da filha de Metzler.

¹³⁹ Idem.

pelo treinamento de futuros candidatos nossos, a serem lançados em futuras peijas, e finalmente armamos uma equação de âmbito nacional para a eleição de uma grande bancada nacional, federal e estadual.”¹⁴⁰

Realmente, quando Brizola foi eleito, destacados membros perrepistas passaram a fazer parte do governo: em âmbito estadual, pode-se citar Mário Maestri, como secretário de Saneamento, e Alberto Hoffmann, na Secretaria da Agricultura; em âmbito nacional, Guido F. Modin, como senador, e Wolfram Metzler, como presidente do Inic.

Em algumas declarações transparece um certo ressentimento dos perrepistas em aceitar ideais que haviam tanto combatido, como o liberalismo, por exemplo. Mas o desejo de retomar a antiga posição de luta fazia com que esquecessem as propostas de glorificação pretendidas; buscava-se, agora, uma manobra tática e estratégica para voltar aos *tempos dourados*. Ao fazer um comovente discurso justificando as pretensões do partido diante do novo contexto de aliança, o Diretório Regional de Porto Alegre apelava e convidava para que o guaporense e companheiro João M. Pereira integrasse a chapa estadual ou federal para a bancada Plínio Salgado. Não sendo possível, solicitava ampla colaboração e auxílio na região para que assim se elegeisse um maior número possível de companheiros.¹⁴¹

Diante do exposto, a aliança entre PTB e PRP e a suposta troca de cargos políticos enfatizada por alguns jornais tornaram-se evidentes, especialmente quando elementos do PRP se articularam para apontar o sucessor de Metzler para o cargo do Inic. Nesse momento, foram sugeridos nomes como o do deputado gaúcho Arno Arnt ou de Luiz Compagnoni. Pretendia-se contemplar nesse cargo um representante gaúcho, mas quais seriam realmente os motivos dessa indicação? “O Sr. Plínio Salgado tem interesse em que o cargo fique com o RS, por onde deverá se candidatar novamente a senador.”¹⁴²

Os motivos em contemplar um gaúcho para ocupar o cargo de presidente do Inic não estavam apenas no acordo do PTB com PRP, mas havia um novo ingrediente: a motivação pessoal de Plínio Salgado com seus interesses políticos. Ao se candidatar a

¹⁴⁰ Correspondência do presidente do Diretório Regional para Ilmo. Sr. Dr. João M. Pereira de Guaporé. 13 mar. 1958. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

senador pelo Rio Grande do Sul, estrategicamente, ele conseguiu um grande número de votos para eleger-se, pois o estado destacava-se pelo grande número de filiados do PRP.

Torna-se interessante ressaltar que Wolfram Metzler elegeu-se deputado estadual em 1947 e integrou o grupo que tinha a importante tarefa de elaborar a nova Constituição gaúcha depois de vários anos de ditadura.

Fatos marcantes ocorreram nesse período de estruturação da Constituição gaúcha, entre eles a cassação do PC e a aprovação do parlamentarismo, embora este tenha sido derrubado poucos dias depois pelo STF. Para a sua aprovação, aliaram-se, de um lado, o PTB, PL e o PCB, com o objetivo de reduzir o poder do governador, contra o presidencialismo apoiado pelo PSD, UDN, PRP. O parlamentarismo venceu com trinta votos (PTB, PL e PCB) contra vinte e quatro (PSD, UDN, PRP), mas teve vida curta porque a Constituição Federal, um ano antes, aprovara o presidencialismo como forma de governo para o país. A aprovação do parlamentarismo desencadeou grandes conflitos visto que o PSD entendia tal aprovação como sendo um golpe.¹⁴³

Realmente, a atuação política dos homens reveste-se de interesses e de muitas contradições. Referimo-nos aqui às alianças ao partilhar de ideais entre o PRP e o PSD. Conchavos estabeleceram-se naquele momento na defesa de suas idéias, porém pouco tempo depois os partidos romperam e logo o PRP aliou-se ao seu inimigo de antes, o PTB. Diante de tantos jogos de interesses, poder-se-ia indagar: mas, afinal, é possível visualizar um divisor claro entre as propostas da esquerda e da direita? Seriam essas ideologias distintas?

Observamos que essas tramas, cooptações e conchavos políticos nos mostram que a necessidade do momento falava mais alto, tanto que se atropelava a ideologia para garantir um espaço na *partilha do poder*.

¹⁴³ Reportagem Especial. *Zero Hora*. Constituinte de 47 marcou a história gaúcha. Porto Alegre. 4 mar. 1997. p. 4.

3 METZLER

A ATUAÇÃO DO PRP NOS MUNICÍPIOS DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ E ITALIANA DO RS

Quando Metzler retornou à política pós-1945, percebiam-se, em alguns companheiros de trabalho na tipografia e na Igreja, visíveis sinais de rompimento e de desgaste. Ressentimentos e mágoas pareciam existir especialmente entre Wolfram e alguns membros do clero no período de eleições.

Os filhos de Metzler, ao relatarem a trajetória política do pai, argumentaram que Wolfram ficou muito decepcionado com a Igreja numa de suas candidaturas, porque esta não o indicara para ser votado pelos católicos.²⁴⁹ Emílio Otto Kamiski, ex-integralista, evangélico e candidato a deputado estadual em 1946 pelo mesmo partido de Wolfram – PRP, fora indicado pela LEC para ser votado, mesmo não sendo católico. Em depoimento, Kamiski disse surpreender-se com tal indicação porque sempre deixara claro seu posicionamento religioso. Diante da indicação na lista da LEC, relatou que alguns amigos seus haviam ficado intrigados, imaginando que trocara de religião; no entanto, garantia que isso não ocorrera, mas reconhecia ser estranho tal indicação, o que demonstrava que os católicos simpatizavam com seu programa e ideais.²⁵⁰

Perante tais fatos, como entender o procedimento da Igreja se Wolfram fora sócio da Cúria na Tipografia do Centro e tinha uma trajetória familiar de forte convicção católica, tendo atuado junto a muitos padres, especialmente em meio aos imigrantes? Como entender, então, que a LEC não indicara seu nome, e, sim, de um companheiro seu do PRP não católico?

²⁴⁹ BLAZOUDAKIS, Maria E. M. Em entrevista concedida à Veridiana M. Tonini, não lembrou para que cargo seu pai estava concorrendo, provavelmente a deputado estadual em 1946. Luiz Metzler diz que seu pai fora realmente ignorado pela Igreja na eleição de 1954 quando candidato a governador. É preciso salientar que existia a Liga Eleitoral Católica, que indicava candidatos a serem votados pelos católicos.

²⁵⁰ Depoimento Emílio Otto Kamiski. Programa de História Oral. CD-AIB/PRP, nov. 1996, Porto Alegre.

Cabe aqui entender o contexto pós-guerra, quando muitos procedimentos do clero foram repensados e sua conduta e discursos foram diferenciados, pois não mais era possível ignorar atrocidades de um período que ainda marcava a população, especialmente aqueles que haviam sentido diretamente tal sofrimento – referimo-nos aos imigrantes ou descendentes de alemães e italianos.

Provavelmente, a LEC não apoiou nem indicou Wolfram nas eleições de 1946 e de 1954 porque o contexto pós-guerra e pós-Estado Novo proporcionava um repensar, e a Igreja, como uma instituição de grande peso no cenário rio-grandense, não ousaria, ao menos de forma explícita, apoiar candidatos que tinham militado no integralismo ou que haviam sido identificados como fascistas ou nazistas. Gilberto Calil destaca que, no pós-guerra, é possível “dimensionar o prejuízo que a identificação com o nazi-fascismo trazia ao integralismo. Ainda que os integralistas se preocupassem em negá-la, ela se repetia em constantes denúncias, consolidando um sentimento antiintegralista na opinião pública”.²⁵¹

As atrocidades da guerra estavam vivas e muito presentes no mundo e, no caso do Rio Grande do Sul, repercutiam entre os imigrantes. Como poderia, então, no pós-guerra e pós-Estado Novo, essa instituição comprometer-se claramente indicando alguém que fora, além de militante e chefe do movimento integralista, preso e tachado de simpatizante do nazismo? A Igreja parece ter se mostrado cautelosa então diante de um contexto frágil como aquele. Nesse sentido, indicar um ex-integralista, membro agora do PRP, mesmo não sendo católico, parecia ser menos comprometedor, passando quase que despercebida a questão religiosa. Mesmo assim, cabe salientar que a Igreja não rompeu com seu conservadorismo, nem se desvinculou dos ideais autoritários e hierárquicos, pois indicou para ser votado como deputado estadual um perrepista.

Até o presente momento, não há dúvidas sobre o destaque de Metzler como político pelo estado do Rio Grande do Sul. Com o intuito de explorar um pouco mais a sua atuação em diversas regiões e o espaço que ocupou dentro de seu partido, apresentamos um demonstrativo eleitoral de quando foi candidato a deputado estadual em 1947 e a deputado federal em 1950. Com isso, buscamos confirmar que a figura de Wolfram realmente representou uma esperança de crescimento para os perrepistas não só em nível regional, mas também no nacional. Além disso, compreender as peculiaridades municipais em

²⁵¹ CALIL, op. cit., p. 89.

relação à atuação do PRP faz suscitar amplas e novas reflexões sobre a política rio-grandense.

Metzler e o contexto das eleições

Observando as tabelas 1 e 2, vemos que Wolfram Metzler conseguiu uma expressiva votação na maioria das cidades de colonização alemã, mas poderíamos indagar por que isso não aconteceu em todas as cidades alemãs já que nelas atuara com significativa liderança? Como explicar o grande número de votos em cidades como Palmeira das Missões, São Luiz Gonzaga, Soledade, Taquari? Como explicar que cidades como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, por exemplo, não tivessem votado em Metzler, se a região de colonização italiana foi reduto de grande expressão do integralismo e do PRP?

Portanto, a votação de Metzler demonstra claramente como as especificidades estão presentes em nível regional e que não podemos tomar uma região, a etnia, a religião como um todo homogêneo. Prova disso está na inexpressiva votação de Metzler em algumas cidades alemãs e italianas se comparadas a outras de não-colonização alemã e italiana.

Tabela 1 - Votação de Metzler – deputado estadual 1947

Municípios de imigração – expressiva votação de Metzler	Municípios de imigração – inexpressiva votação de Metzler
Arroio do Meio618	Antônio Prado.....01
Caí.....549	Bento Gonçalves.....05
Carazinho.....87	Canela.....06
Erechim.....42	Canoas.....43
Estrela.....621	Caxias do Sul.....53
Guaporé.....25	Garibaldi.....17
Ijuí.....105	Guaíba.....10
Lajeado.....535	Veranópolis.....11
Montenegro.....229	
Novo Hamburgo.....1594	
Palmeira das Missões.....241	
Porto Alegre.....197	
Santa Cruz do Sul.....117	
Santa Rosa.....983	
Santo Ângelo.....191	
Santo Antônio.....122	
São Francisco de Paula.....65	
São Leopoldo.....1594	

Soledade.....	48	
Taquari.....	73	
Venâncio Aires.....	490	

Fonte: Tribunal Eleitoral do RS – Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

Tabela 2 - Votação de Wolfram Metzler para deputado federal em 1950

Municípios de expressiva votação	Municípios de inexpressiva votação
Arroio do Meio481	Bento Gonçalves.....0
Café.....820	Canela.....35
Cachoeira do Sul.....293	Caxias.....19
Carazinho.....1191	Flores da Cunha.....08
Cruz Alta.....380	Garibaldi.....08
Erechim.....663	Guaíba.....34
Estrela.....468	Gravataí.....12
Guaporé.....44	Torres.....39
Ijuí.....593	Viamão.....4
Lajeado.....537	
Montenegro.....917	
Novo Hamburgo.....1120	
Passo Fundo.....137	
Porto Alegre.....682	
Rio Pardo.....298	
Santa Cruz do Sul.....1622	
Santa Rosa.....1622	
Santo Ângelo.....282	
Santo Antônio.....161	
São Leopoldo.....2320	
São Lorenço do Sul.....261	
São Luiz Gonzaga.....1.776	
Sarandi.....310	
Sobradinho.....224	
Soledade.....73	
Taquari.....267	
Três Passos.....1012	

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do RS – Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

Ao verificar a votação de Wolfram nas eleições de 1947 para deputado estadual e, em 1950, para deputado federal, é curioso observar que, em alguns municípios aparentemente inexpressivos, ele tenha conseguido votos; já em outros, onde os diretórios municipais eram fortes, Wolfram pouco se destacou.

Em Bento Gonçalves, por exemplo, município onde o integralismo atuara na década de 1930, Wolfram obteve apenas cinco votos para deputado estadual e nenhum para deputado federal. Já no pequeno município de Guaporé recebeu 25 votos na primeira eleição e 44 na segunda, percentual maior que o obtido em Caxias do Sul. Passo Fundo,

cidade onde o integralismo atuara significativamente antes do Estado Novo, Wolfram também não obteve grandes resultados para deputado estadual – 16 votos; para deputado federal, conseguiu um resultado mais ou menos satisfatório – 137 votos. Por outro lado, obteve elevada votação em municípios como Palmeira das Missões, Santa Rosa, São Leopoldo, Taquara.

Era grande a atuação de Metzler no meio colonial alemão, onde recebeu um significativo número de votos, como é possível verificar nas tabelas, porém propomo-nos a levantar algumas hipóteses sobre a não-homogeneidade na posição dos alemães nas eleições diante de sua figura. Primeiramente, partimos do pressuposto de que não se seguiu a regra de que “alemão vota em alemão”, ou seja, a questão étnica, por si, não explica a votação de Metzler, mas, sim, outros fatores, como sua liderança em meio aos agricultores, com destaque para a defesa da terra; sua profissão como médico; sua atuação junto ao clero e como sócio de importantes jornais no estado, além de seu envolvimento na defesa das escolas particulares.

Para Gertz, o meio colonial alemão caracterizava-se pela complexidade nas relações sociais, políticas, culturais, religiosas, razão pela qual é preciso entendê-lo na perspectiva globalizante.²⁵² Assim, o fator étnico não é o único responsável para justificar a simpatia ao candidato aqui em questão. O autor, ao tratar de germanismo, escreve:

O grau de adesão ao germanismo, a perda da germanidade ou sua permanência sem um cultivo consciente podem ser explicados ou localizados ao longo da estrutura social. No meio rural minifundiário, sem grande dinamismo econômico, os traços culturais alemães se mantêm, sobretudo quando as colônias são homogêneas do ponto étnico e às vezes também religioso. Esta conservação, porém, deriva basicamente do pressuposto sociológico universal de que o homem, por natureza, tende a viver da forma como sempre viveu. As camadas médias, em especial as que se urbanizam nas nascentes cidades do interior, vão perdendo gradativamente sua germanidade²⁵³, quando não a renegam ostensivamente.²⁵⁴

²⁵² GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 1991. p. 12.

²⁵³ Gertz escreve que a palavra “germanismo” é usada as vezes para designar o conjunto da população de alemães e descendentes, mas, de um modo geral, entende-se como uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã.

²⁵⁴ GERTZ, op. cit., p. 43.

Para Gertz, o cultivo do germanismo teria se dado especialmente entre as elites econômicas urbanas e seus aliados intelectuais, idéia com que concordamos com referência a Metzler, pois, como médico e político, foi atuante em meio à imprensa não só na região alemã, mas em todas as regiões do estado, difundindo sempre o germanismo.

Não podemos esquecer que Metzler, como defensor do homem do campo, direcionou sua política à questão da agricultura e, assim, conseguiu inserir-se no meio rural; através da medicina, possivelmente, também obteve espaço considerável de atuação, conseguindo garantia em eleições. No entanto, ao mesmo tempo em que sua atuação teria angariado simpatias na zona alemã, despertou ressentimentos e instigou ódios. É necessário frisar que ele foi identificado por muitos como simpatizante do nazismo e demonstrou ser um defensor do germanismo. Foi um homem que defendeu em seus discursos a permanência da língua alemã nas escolas a fim de que o descendente não perdesse seus vínculos com a pátria-mãe, além de achar fundamental ter domínio de mais de uma língua para o homem inserir-se no mundo dos negócios. Assim, em vários momentos, constatamos em seus discursos a idéia de superioridade da raça alemã.

Diante da atuação de Wolfram, não podemos afirmar que havia, como aborda Gertz, um confronto declarado do integralismo com o germanismo,²⁵⁵ pois Wolfram defendia em seus discursos a defesa pela preservação da língua alemã. Gertz ressalta que não há relação entre o integralismo e o germanismo, não havendo identidade de interesses entre ambos: “O integralismo não podia dispensar a língua alemã como instrumento para conquistar adeptos no interior do Estado.”²⁵⁶ O autor relata que, num discurso, Metzler argumentou que falaria em alemão porque alguns não o entenderiam se falasse em língua vernácula.

Pelo que foi possível compreender até o momento da atuação de Metzler como integralista e perrepista, não temos dúvida de que ele buscava comunicar-se na língua alemã não apenas com o propósito de angariar votos e simpatizantes. Suas relações com os imigrantes e descendentes de alemães transcendem tal posicionamento, possível de ser notado quando de sua defesa declarada em discursos, cartas, programas políticos. Diante disso, torna-se difícil dizer que dentro do integralismo e, mais tarde, do PRP, o germanismo não tinha encontrado espaço. Através da figura de Metzler, podemos afirmar que há, sim,

²⁵⁵ GERTZ, op. cit., p. 56.

²⁵⁶ Idem, p. 58.

especificidades ao tratarmos de germanismo e integralismo e que podem ser feitas amplas reflexões já que a homogeneidade não existe.

Na região de Santa Rosa, explica-se a elevada votação de Metzler porque ali ele atuara como médico e tivera suas primeiras experiências logo depois de formado, com certeza tendo criado vínculos. Se nos remetemos à figura de um médico, sobretudo num período em que tal profissão impunha um certo *status* e pressupunha respeito, possivelmente a sua imagem simbolizasse o *defensor da vida*. Em Venâncio Aires, ele criou fortes vínculos com padres e ajudou a fundar uma escola agrícola, que hoje leva seu nome. Assim, aos poucos, conseguimos perceber como a sua liderança conseguiu se inserir significativamente em pontos tão diferentes do estado.

Outra hipótese que podemos levantar para explicar o expressivo número de votos em várias cidades do Rio Grande do Sul é a presença de homens com grande liderança, como Metzler, na região alemã, e João M. Pereira, na região italiana. Ter um líder ativo nas regiões, com certeza, proporcionaria avanços para o PRP, o que poderemos verificar quando for abordada a atuação do médico e líder do PRP no município de Guaporé.

Aspecto relevante também a lembrar é que Metzler conseguiu no meio católico grande prestígio e apoio de vários padres. Por essa razão, provavelmente, em muitas cidades esses padres simpatizantes de sua causa teriam levado os eleitores a votar nele.

E o que dizer da região italiana? Wolfram não se destacou amplamente nas urnas de importantes cidades de colonização italiana, como Caxias, Bento Gonçalves, Garibaldi, mas é pertinente ressaltar que obteve votação em muitos municípios gaúchos. Podemos levantar algumas hipóteses quanto à sua inexpressiva votação na região italiana. Uma é que havia candidatos do mesmo partido na disputa representando suas respectivas regiões – em Caxias do Sul, por exemplo, concorreram Luiz Compagnoni, companheiro de Wolfram pelo PRP, e seu irmão Ivo Compagnoni, também de grande respaldo entre a comunidade italiana. Outra hipótese que não podemos descartar é que, mesmo que pequeno, o combate comunista pode ter criado empecilhos à atuação perrepista.²⁵⁷ Lembramos que, no pós-1945 e Estado Novo, os partidos se rearticularam e os comunistas também se fortaleceram, angariando adeptos no Rio Grande do Sul.

²⁵⁷ Ver mais em BERTONHA. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: Edipurcs, 2001.

A atuação do integralismo e, mais tarde, do PRP em alguns municípios do estado ainda merece um estudo para se compreender aspectos relacionados à construção política dessas localidades que perduram até hoje; também para entender que o integralismo e o PRP não ficaram restritos apenas a alguns municípios, que aparecem hoje como os que mais agremiaram simpatizantes e militantes.

Guaporé **espaço político de acirrados conflitos**

Levantamos alguns questionamentos no que se refere à atuação do integralismo e do PRP no município de Guaporé, localizado na encosta superior do nordeste, região do Alto Taquari, com predominância de descendentes de italianos.

As peculiaridades quanto ao procedimento de políticos, padres e imigrantes nesse município levam a que empreendamos um estudo das relações estabelecidas em Guaporé não apenas no contexto local, mas em nível estadual. Através dessa teia de relações, é possível compreender que o peculiar aponta para algo maior e que merece muitos questionamentos, até porque ficaríamos limitados se acreditássemos que as relações políticas ocorreram de forma semelhante em todas as regiões. Mesmo buscando um melhor entendimento da atuação política do PRP nesse município, entendemos que não há como desvincular a atuação dos demais partidos, pois Guaporé foi palco de um confronto político, tanto que, nas falas de depoentes, diz-se que “ficou conhecida no estado pelo acirramento e grandes divergências, desencadeando retrocessos quanto ao desenvolvimento deste município”.²⁵⁸

Primeiramente, o que instigou a busca de uma compreensão da atuação integralismo/PRP em Guaporé foi a votação significativa que Wolfram fez nessa cidade se comparada à de Caxias do Sul – uma das principais cidade de colonização italiana – e a percepção de que, nesse município, uma importante liderança, semelhante à de Metzler, marcou presença. Essas constatações despertaram nosso interesse em entender as articulações políticas dessa localidade, relacionadas também em nível estadual.

²⁵⁸ Emilio Zanon, vice-prefeito na gestão de 1977-1982 pela Arena; Antônio Spiler, prefeito no período de 1977-1982. Entrevistas concedidas à Veridiana M. Tonini. Guaporé, 11-14 out. 2002.

Para compreender a atuação política nesse município, levantamos os nomes dos prefeitos de Guaporé e seus respectivos partidos no período de 1929 a 1996.

Período	Nome	Partido
1929 – 37	Agilberto Maia	Partido Republicano
1937 – 45	Manuel F. Guerreiro	Partido Republicano
1947 – 52	Sílvio Sansón	PTB
1952 – 55	Jethro Jairo de Macedo Brum	PTB
1956 – 59	Elias Scalco	PTB
1960 – 62	Álvaro Petraco da Cunha	PTB
1962 – 63	Orestes L. Camini	PTB
1964 – 69	Eloy J. de Oliveira Brito	PSD
1969 – 73	Otolip Dal Bosco	MDB
1973 – 77	Nelson L. Barro	Partido Arena
1977 – 1982	Antônio C. Spiller	Partido Arena
1982 – 88	Nelson L. Barro	PDS
1989 – 92	Alexandre Postal	PMDB
1993 – 96	Mário A. Marroco	PDT

Fonte: Prefeitura municipal de Guaporé.²⁵⁹

Diante do exposto no quadro, verifica-se um crescimento do PTB no decorrer dos anos, de modo que cinco prefeitos subiram ao poder consecutivamente desde 1947. Sabemos que o contexto nacional no final de 1963 e início de 1964 era conflituoso, pois ocorreu a tomada pelos militares, com a deposição de João Goulart da presidência. Com a fragilização em âmbito nacional do PTB, ocorreu uma perda de espaço também em nível local e regional. Assim, ganhou espaço em Guaporé o partido da Arena, só “destronado” em 1989 pelo PMDB.

²⁵⁹ Prefeitura municipal de Guaporé. A relação de nomes dos prefeitos, com seus respectivos anos de administração, encontra-se exposta numa sala nesta prefeitura.

Chama atenção a grande disputa em Guaporé entre PTB e PSD, *numa violenta política* que prejudicou o desenvolvimento do município por vários anos: “O município parou, o município parou por dez, quinze anos, a guerra política aqui era violenta.”²⁶⁰

Os maiores distritos de Guaporé até o final da década de 1950 eram Casca, Muçum e Serafina Corrêa. Alguns distritos, como Evangelista, hoje pertencente ao município de Casca, e São Valentim concentravam o maior número de adeptos do PTB. Na sede Guaporé e na atual Serafina Corrêa e Dois Lajeados, prevalecia o PSD. Segundo depoimento de Dall Bello, Guaporé (sede) concentrava a maioria de adeptos do PTB, em torno de 70% da população.

É pertinente salientar que um diretório do PRP localizava-se em Vila Casca, em meio, então, a forte atuação do PTB. Assim, quando do acordo dos dois partidos em âmbito estadual em 1958 para eleger Leonel Brizola governador, provavelmente nessa localidade o PTB conseguiu votos para eleger seu candidato.

Ao fazer uma análise do PRP, Emílio Zanon, vice-prefeito no período de 1977-1982 pelo partido da Arena, relata que havia diretórios em vários locais e que fora convidado por João M. Pereira, médico na cidade e militante do partido, para ingressar no PRP, só não o fazendo porque acreditava que um homem “não pode trocar nunca de partido, de mulher, de religião e de time de futebol”. No que se refere aos ideais desse partido, acreditava serem bons e dizia: “A idéia, o princípio deste partido combinava com o meu, mas eu tinha muitos amigos, convivência com o outro partido, então não mudei, é preciso ser honesto, correto.”²⁶¹

Percebe-se, em nível local, que os conflitos emergiam e tomavam vulto entre o PTB e PSD em razão de seus ideais; quanto ao PRP, de certa forma, não alcançou muita expressão se comparado a outros partidos, mas foi cooptado quando necessário por esses. Os ideais do PSD convergiam com os do PRP e, em nível local, pelos depoimentos coletados, ficou explícito que esses não entraram em conflito, pois dividiam o mesmo ideal de disciplina, ordem, hierarquia e autoritarismo. Nas falas, ressalta-se a amizade entre os membros do PRP, especialmente os aglutinados à figura do líder João M. Pereira, porém acreditamos que esse processo sofreu uma certa ruptura quando do acordo do PTB e do

²⁶⁰ Idem.

²⁶¹ ZANON, Emílio. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Guaporé, 11 out. 2002.

PRP no estado. Em nível local, constatamos, através de correspondências do Diretório Regional (Porto Alegre), que as instruções para os perrepistas eram no sentido de se solidarizarem com os petebistas, com o que acreditavam poder ampliar a atuação do PRP não só em âmbito local, mas também nacional. Dificuldades, conflitos e resistências certamente eram comuns já que os ideais do PRP estavam mais afinados com os do PSD.

Segundo Emílio Zanon, os militantes do PRP eram muitos, em torno de cem pessoas: “Eram meus amigos, iam às missas de camisas verdes, iam nos bailes com a camisa, era quase um fanatismo, quase como os PT hoje, só que era da extrema direita, e o PT é da esquerda.”²⁶²

Nesse município praticamente nunca se cogitou sobre a existência de um diretório voltado aos ideais integralistas, mas ele existia e localizava-se na Vila Casca, tendo Affonso Davi como secretário regional. Destaca-se também o médico João Manuel Pereira como um dos importantes membros do PRP e líder no município.

Numa correspondência localizada no arquivo sobre a Ação Integralista Brasileira em Porto Alegre, encontramos que Arno Arnt solicitava ao companheiro guaporense Affonso Davi que fizesse levantamento dos votos da eleição de 1954 e remetesse o resultado para o diretório em Porto Alegre. Ressalta-se que, nessa eleição, Wolfram foi candidato a governador, contudo não foi possível averiguar a sua votação pela indisponibilidade de documentos.

Em 1955, o Diretório Regional enviou correspondência ao Diretório Municipal do PRP em Guaporé solicitando candidatura própria para prefeito: “Lembramos não haver inconveniente em entrarmos em contato com outros partidos, visando um apoio à nossa candidatura. Em virtude do tirocínio político, da disciplina e dos espíritos de luta sobejamente demonstrados pelos companheiros que integram esse Diretório Municipal julgamos desnecessário entrarmos em detalhes sobre os motivos que nos levaram a adotar tal medida.”²⁶³

Ao abordar a atuação do PRP no município de Guaporé, especificamente a liderança de João M. Pereira, podemos compará-la com a de Wolfram Metzler nas regiões alemãs. Na defesa de um ideal, várias são as formas pelas quais o poder se manifesta. João

²⁶² Idem.

²⁶³ Correspondência n. 150 de Arno Arnt para o secretário-geral de Guaporé. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

M. Pereira foi uma grande liderança do PRP em Guaporé, com características muito semelhantes às do também médico Wolfram Metzler, ou seja, ambos atuavam intensamente entre os imigrantes, conseguindo prestígio e grande respaldo político. É preciso lembrar que, nessa época, a medicina revestia esses homens de um alto grau de credibilidade, pois eles eram o recurso e a esperança quando a saúde estava comprometida.

Mesmo não alcançando patamares elevados, não agremiando grande número de militantes, o PRP atuava significativamente no meio da sociedade guaporense e conseguia muitos simpatizantes e também vereadores.²⁶⁴ Poder-se-ia indagar: como o PRP conseguiu construir o seu espaço diante do acirrado partidarismo do PTB e PSD? Qual era o seu posicionamento diante disso?

Com a pretensão de “destronar” o PTB, que vinha governando há dezesseis anos o município, em 1964 fez-se uma coligação entre UDN, PL, PDC, PRP e PSD, que apoiou a candidatura de Eloy de Oliveira Brito. Tanto o PRP como o PL não lançaram candidatos próprios, mas percebe-se que tinham lideranças, como J. M. Pereira, pelo PRP, e Ido Pasquali, pelo PL.

Na disputa entre PTB e PSD, percebemos um notório confronto, com este buscando interromper a série de mandatos consecutivos daquele. Nesse contexto, nota-se que o trabalho, mesmo logo após uma eleição, já era planejar a próxima: “A política aqui era fortíssima, havia uma divisão fantástica. A gente vivia quatro anos, elegia o candidato e já começava de novo uma campanha ferrenha e rígida.”²⁶⁵ Dessa animosidade resultaram ressentimentos e também muito se deixou de fazer pelo progresso da cidade. Ido Pasquali, vice-prefeito na gestão de Eloy J. Oliveira Brito e partidário do PL, declarou a respeito: “Por exemplo, o PSD tinha uma idéia boa, que seria bom para Guaporé. Chegava na Câmara, os líderes do PTB diziam: é tudo muito bom, mas é 6 a 5.”²⁶⁶

Perpassa, pois, a idéia de que os confrontos partidários limitaram o progresso da cidade. Por haver um partidarismo extremado, criaram-se barreiras ao desenvolvimento, e os políticos muitas vezes não fizeram uma boa administração simplesmente para se opor à Câmara de Vereadores, que muitas vezes tinha a maioria de partido contrário ao do

²⁶⁴ Ata da Câmara Municipal n. 2-3, 1952, Arquivo Público de Guaporé.

²⁶⁵ SPILER, Antônio. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Guaporé, 14 out. 2002.

²⁶⁶ PASQUALI, Ido. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Guaporé, 20 out. 2002.

Executivo. Os resquícios políticos estavam impregnados em tudo, tanto que algumas pessoas chegavam a dizer: “Venham ver Guaporé antes que ela desapareça.”²⁶⁷

Anteriormente a essa fase, Edemor Polita, simpatizante do PRP, recorda que esse partido até tinha certa afinidade com o PTB, mas, em razão de um desentendimento com o prefeito na época (Sílvio Sanson, do PTB), eles romperam e, na eleição para prefeito em 1955, o PRP fez uma coligação com o PSD, tendo João M. Pereira como vice.²⁶⁸ Contudo, mesmo coligados com PSD e o PRP, estes perderam para o candidato Elias Scalco, do PTB.

As candidaturas de Eloy J. O. Brito e Ildo Pasquali parecem simbolizar um marco para a história política do município porque romperam com a hegemonia de 16 anos de PTB no poder. A coligação PSD, PDC, PRP, UDN, PL deve ser analisada nesse período para melhor compreendermos como foi possível dar fim à hegemonia petebista. O nascimento do PDC (Partido Democrata Cristão) iria, significativamente, conquistar alguns jovens líderes guaporenses, conjuntamente com o apoio da Igreja Católica. Com essa coligação, Brito e seu vice, Ildo Pasquali, venceram as eleições no mandato de 1964-1969, assim relatado por Spiler:

Nós vínhamos com uma campanha mais ideológica. Não discutíamos muito esquerda, direita, discutíamos uma posição de centro. Nosso lema: nem comunismo que esmaga a liberdade, nem o capitalismo que nega a justiça, mas a democracia cristã que realiza a justiça sem destruir a liberdade. Tínhamos uma posição de centro. Diziam que estávamos em cima do muro, mas não, nós estávamos bem sentados. Tínhamos o apoio dos padres, mas não era um partido de Igreja.²⁶⁹

Parece que com a juventude, principalmente um grande grupo de estudantes e participantes da JEC, formou-se um grupo político forte que, através do PDC, ganhou força, unindo-se a vários partidos para tirar o PTB do poder. Mas isso parece contraditório se indagarmos sobre o acordo do PRP com o PTB no estado em 1958. Como teria repercutido esse acordo no contexto local? Para Spiler, prefeito na gestão de 1977-1982, em nível local, o acordo do PRP e PTB não vigorou em nenhum momento: “Eu não me lembro em Guaporé o Dr. João M. ter acenado com a possibilidade de apoiar o PTB.

²⁶⁷ Idem.

²⁶⁸ POLITA Edemor. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Guaporé, 14 out. 2002.

²⁶⁹ SPILER, op. c it.

Sempre foco o Dr. João porque era ele a liderança. Eu tenho certeza que ele jamais apoiou o PTB.”²⁷⁰

Conforme correspondência de Porto Alegre que chegava ao diretório do PRP na Vila Casca, constata-se que a ordem era de que os perrepistas se posicionassem a favor do PTB e procurassem amplo apoio. Contudo, não é possível pensar que eles assim tenham agido em todos os distritos, pois muitos conflitos existiam em Guaporé com o PTB por causa do seu longo período no poder. Certamente, não ocorreu uma homogeneidade no que se refere ao apoio do PRP ao PTB.

Já, para Ildo Pasquali, o acordo de 1958 teve reflexos no município, levando a que João M. Pereira apoiasse o PTB, mas “muitos do PRP eram amigos do PSD, então tem momentos que um líder chega numa situação onde é preciso muito jogo de cintura”.²⁷¹ Portanto, tudo leva a crer que realmente não houve um real acordo em nível local. Prova disso é o enfraquecimento do PTB nas eleições de 1963 para prefeito, quando o PRP iria apoiar a coligação PSD, PL, PDC para derrubar o PTB.

Chama a atenção que o PTB, por dezesseis anos consecutivos, ficara no poder, nomeara cinco prefeitos, os quais, em sua maioria, não eram da cidade, ou seja, apenas apareciam em período de eleição, normalmente através de articulações feitas por políticos guaporenses, que desejavam colocar candidatos fortes para permanecer no poder. Spiler salienta que muitos foram os candidatos que apenas passavam a ser conhecidos quando da ocorrência das eleições: “O Jairo Brum, por exemplo, era um ilustre desconhecido, foram buscar ele, era um advogado. Aqui na cidade ninguém conhecia, ele não tinha vínculo nenhum. Alguns meses antes das eleições foram buscá-lo, deram uma banca de advogado. Álvaro da Cunha também era de fora. O PTB ditava a eleição aqui, tanto que o Álvaro chegou aqui como médico e logo ganhou a eleição.”²⁷²

O PRP procurou, através de líderes como o João M. Pereira, cooptar simpatizantes e militantes. A cidade projetava-se em nível estadual, tanto que, segundo depoimentos, Plínio Salgado esteve no município quando de sua campanha para presidência da República em 1955. Esse fato leva-nos a deduzir que o PRP tentava inserir-se com êxito em Guaporé, ainda que através de coligações.

Torna-se relevante salientar que, em nível local, e no caso específico do município de Guaporé, segundo depoimento de Emílio Zanon, a questão de disputa política entre PTB

²⁷⁰ SPILER, op. cit.

²⁷¹ PASQUALI, op. cit.

²⁷² SPILER, op. cit.

e PSD era acirrada; logo, o PRP ficava limitado, ora apoiando o PTB, ora o PSD, mas nunca se lançando sozinho na disputa política. Mas o PRP manteve-se envolvido diretamente na comunidade em vários projetos, como na construção de um aeroporto e do monumento do Cristo Redentor, principalmente através do líder perrepista João M. Pereira. Zanon ressalta a figura desse militante do PRP dizendo: “João M. Pereira era líder do PRP, nunca foi prefeito, mas era um homem muito bom, trabalhava na cidade, era um dos líderes, o Cristo Redentor da cidade foi feito por ele. Veio de Minas Gerais e trouxe um homem para fazer o Cristo. Muito bom cidadão.”²⁷³

João M. Pereira é lembrado como um médico humanitário, um homem que possuía grande liderança, grande prestígio e respeito na sociedade guaporense. Contudo, sua liderança não ficou restrita ao partido a que pertencia, o PRP, sendo evidente em alguns movimentos em favor do desenvolvimento guaporense.²⁷⁴ Foram dele as iniciativas para construir o monumento do Cristo Redentor na cidade e um aeroporto, obras que foram realizadas com a colaboração da comunidade; por isso, diz-se que, mesmo não tendo ocupado um cargo no Executivo ou Legislativo, atuou intensamente na política. Spiler e Gelhen relatam que realmente foi intensa a propagação dos ideais perrepistas no meio guaporense através de João M. Pereira: “Através dele eu li os primeiros livros do Plínio Salgado, ele me repassava. Pessoalmente desenvolveu e liderou um movimento para construção do Cristo [...]. Em todos os movimentos aqui em Guaporé, o Dr. João M. estava envolvido.”²⁷⁵

Gelhen diz também ter lido os livros de Plínio Salgado através das mãos de João M. Pereira, mas, por se caracterizarem por uma linguagem de difícil compreensão, só entendeu seu conteúdo anos depois.

Pasquali, ao falar de João M. Pereira, relata:

²⁷³ ZANON, op. cit.

²⁷⁴ PASQUALI; POLITA; SPILER; GEHLEN; BALL BELLO; ZANON. Todos os entrevistados ressaltaram positivamente a figura de João M. Perreira.

²⁷⁵ SPILER, op. cit.

Acho que o Dr. João sempre atuou na política como apoiador, de um lado ou de outro, mas não diretamente. Eu lembro da construção do aeroporto, onde o Dr. J. M. estava liderando, cortando o mato. [...] Teve épocas em que nós tínhamos uma linha regular com o eletro-avião turbo hélice, ele descia em Guaporé, daqui a Porto Alegre. Acho que era da Varig, uma duas ou três vezes por semana. Isso era importante. Podíamos entrar num avião por sinal, muito bom, eu viajei muitas vezes.²⁷⁶

Diante do exposto, é possível perceber que os ideais integralistas e perrepistas ganharam simpatia de muitos guaporenses, especialmente porque nessa comunidade o médico destacou-se como uma liderança carismática e conseguiu mobilizar a comunidade para a realização de grandes feitos para a época. Assim, não teria sido difícil propagar os ideais perrepistas.

Por chegar num meio desconhecido e propor construções de grande envergadura para a época, possivelmente João M. Perreira destacou-se em meio aos imigrantes italianos e também entre os políticos. É possível, aqui, relacionar a construção do monumento do Cristo com os ideais cristãos do integralismo e do PRP visto que, em meio a uma população predominantemente católica, tal ato, possivelmente, despertava e reafirmava o lema *Deus, Pátria, Família*.

O PRP teve uma expressiva liderança em meio aos guaporenses e tudo leva a crer que a figura do João M. Pereira tenha sido fundamental para o crescimento do partido, pois ele conseguia aglutinar à sua volta muitos simpatizantes, como declara um dos entrevistados: “Nesta época o PRP existia forte. Conheci algumas famílias aqui do PRP. Existiam bastante famílias seguidoras do dr. J. M. Eu acredito que os votos que o PRP fez aqui foi em função do Dr. João.”²⁷⁷

Polita cita alguns nomes que militaram no Partido de Representação Popular em Guaporé, como Afonso Davi, Ermínio de Rossi, Hercules Berta, Rafael Bresolin, Jose Presoto, Luis Fredo, entre outros.²⁷⁸ O entrevistado diz ter sido apenas simpatizante do partido, mas lembra-se que, quando surgiu o integralismo, base para a formação do PRP, morava em Garibaldi, onde muitos foram os simpatizantes, os quais faziam reuniões e passeatas, caracterizando-se com suas camisas verdes.

Revela-se nas falas dos entrevistados Zanon, Spiler, Pasquali que os conflitos partidários levaram o município a uma certa estagnação a ponto de se chegar a construir

²⁷⁶ PASQUALI, op. cit.

²⁷⁷ SPILER, op. cit.

²⁷⁸ POLITA, op. cit.

mais de um cinema para que os membros de partidos rivais não frequentassem o mesmo local. Isso aconteceu não só em relação à cinema, mas com clubes, cafés, lojas e estádios de futebol. Esta fala ilustra nossa afirmação: “Fizemos um cinema, eu projetei um cinema, colocamos um aparelho novo que veio da Alemanha, daí o cinema do Camini fechou. O clube também era. No Clube União Guaporense sempre os presidentes eram do PSD. Não admitiam o PTB, nem pensar.”²⁷⁹

Segundo Orestes Dall Bello, quem não aceitava frequentar os mesmos lugares do PTB era o grupo do PSD, tanto que as iniciativas para construção de um novo cinema e de um novo estádio de futebol foram deles. No que se refere à construção do clube da cidade, o Clube União, foi iniciativa de toda a comunidade e não apenas do PSD; muitos agricultores ajudaram a construir esse clube e colaboraram muito financeiramente, porém no momento de usufruir o local não foram bem-vindos. Orestes recorda que, quando da inauguração do clube, que consumira muito dinheiro e trabalho, o evento ocorreu em duas etapas, sendo destinada aos *colonos* a segunda noite. Ainda segundo o entrevistado, o “PTB também ajudou a construir, mas tomou conta foi o PSD”.²⁸⁰

Segundo o depoimento de Spiler, a rivalidade política parece ter barrado o desenvolvimento de Guaporé: “Enquanto no Estado se sucedíamos governadores nós aqui tínhamos dois movimentos – um que pedia e o outro que barrava”.²⁸¹ Além da divisão de clubes, cinemas, lojas, verificamos que, em certo momento, teve início um projeto para construir uma estrada asfaltada ligando Porto Alegre–Guaporé–Passo Fundo, que era a ligação natural da capital para o norte do país. Na época, muitas mercadorias saíam de Porto Alegre para o norte, passando por Bento Gonçalves, Guaporé, Passo Fundo e chegando, então, ao centro do país.²⁸² Entretanto, por causa da rivalidade e da disputa política, a estrada foi construída passando por Veranópolis, deixando, de certa forma, Guaporé fora da rota e levando a que o município ficasse isolado. Mais tarde, teve início a estrada Guaporé–Passo Fundo, que também desencadeou muitos atritos entre os que

²⁷⁹ Emilio Zanon, em entrevista, relatou que Oreste L. Camini era partidário do PTB e ele, do PSD. Ressalta “ser até hoje da Arena” em razão se seus ideais e por acreditar que não é certo trocar de partido.

²⁸⁰ DALL BELLO, Orestes. Entrevista concedida à Veridiana M. Tonini. Guaporé, 5 nov. 2002.

²⁸¹ SPILER, op. cit.

²⁸² Idem.

desejavam que a rota fosse via distrito de Vila Oeste e os que a queriam via Serafina Corrêa.

A respeito Pasquali ressalta que um grupo foi a Porto Alegre falar com o governador Ildo Meneghetti sobre a construção da estrada, tendo recebido como resposta, “Tentem se acertar, depois eu vejo como fazer a estrada.”²⁸³ Como vemos, Guaporé destacou-se em nível estadual por suas divergências políticas – “éramos conhecidos no estado todo como o município que mais brigava por causa de política”.²⁸⁴ O município abrangia uma área significativamente grande, tendo como limites Vila Maria e Muçum. Argumenta-se que a rivalidade teria se originado sobretudo do longo período de permanência do PTB no poder, por este não ter proporcionado crescimento ao município, e, sim, apenas estagnação.

Chama a atenção que, em 1960, numa extensa reportagem da revista *O Globo*, a cidade de Guaporé foi destaque pelas paisagens naturais, pelos grandes empreendimentos e estradas bem cuidadas. Fotos destacam o centro da cidade, uma usina hidrelétrica, o frigorífico Planalto, a ponte sobre o rio Carreiro, escolas, indústrias, agricultura, calçadas limpas. Enfim, buscava-se difundir a idéia de que Guaporé crescia e se projetava no cenário rio-grandense em razão de seu espírito construtivo.²⁸⁵ Além disso, ganhava projeção nacional, ocupando o segundo lugar no país em produção de nozes. Dessa reportagem destaca-se um discurso de Luiz A. Puperi, partidário do PSD e um dos colaboradores na construção das novas instalações do clube, que declarou: “O Clube União guaporense surge como desejo de União dos participantes da sociedade, e agora com novas instalações, onde no evento 15 meninas debutam.”²⁸⁶

Como anteriormente referimos, esse clube era um espaço de domínio do PSD, de modo que, em nível municipal, tal cordialidade não acontecia, parecendo um tanto contraditório não somente os elogios feitos ao município – o temperamento construtivo dos habitantes, com ares de felicidade – como também o próprio nome do clube. Um dos motivos que teriam levado a revista a tratar sobre o município, segundo apuramos, teria sido a cobertura feita do baile de gala que ocorreria no clube, com a apresentação de quinze debutantes e em comemoração ao cinquentenário do União. No texto, destaca-se a grandiosidade do clube, colocando-o entre os primeiros no estado.

Na descrição do município, o articulista cita os seus sete distritos – Serafina Corrêa, Dois Lajeados, Oeste, São Valentim, Pulador, Montauri e a sede Guaporé –, informando que se encontrava entre os vinte primeiros do estado na questão industrial. Nele estariam instaladas 261 empresas, das quais se destacariam: o curtume de Carlos Termignoni, a fábrica de jóias irmãos Pasquali, a fábrica de peças e oficina mecânica de Bruno Ross e a fábrica de móveis Mapan. Quanto ao comércio, compreendia 244 lojas. O município estava em primeiro lugar no estado em produção de nozes e era um dos maiores produtores de suínos. Um dos seus destaques era a obra Estrada do Trigo, viaduto em construção pela viação férrea, que uniria Passo Fundo a Porto Alegre; a obra era comparada, por sua grandiosidade e técnica, às realizadas nos Alpes da Velha Europa.²⁸⁷

A população guaporense, em meados de 1910, era constituída de trinta mil habitantes. Nesse mesmo ano, Guaporé destacava-se como um dos municípios de maior produção de erva-mate e de madeira do estado; em 1911 e 1919, foi o maior produtor de trigo do Rio Grande do Sul.²⁸⁸ Tedesco relata que Guaporé se transformou em ponto de germinação econômica regional e que o porto de Muçum foi crucial para tal desenvolvimento. O autor ainda ressalta que, com a criação do Daer em 1937, constituíram-se projetos rodoviários para o Rio Grande do Sul, mas a região não foi atendida pelos órgãos públicos no que se refere aos transportes. Na verdade, é possível constatar a

²⁸³ PASQUALI, op. cit.

²⁸⁴ SPILER, op. cit.

²⁸⁵ A revista *O Globo* foi fundada em 1929 e publicada quinzenalmente em Porto Alegre, tendo agências em todo país, Porto Alegre, ano XXXI, n. 779, 15 a 28 out. 1960. p. 34-35.

²⁸⁶ Idem, p. 34-35.

²⁸⁷ Revista *O Globo*, p. 34-35.

²⁸⁸ TEDESCO, João Carlos. *Colonos, carreteiros e comerciantes*. Porto Alegre: Est, 2000. p. 33.

falta de políticas por parte tanto do poder público local como do estadual no que se refere a investimento de estradas.²⁸⁹

Diante de um certo desenvolvimento de Guaporé, torna-se pertinente uma indagação: como se explicariam o progresso, o crescimento econômico, se, internamente, muitos políticos diziam que o município havia estagnado em razão do “coronelismo” e da permanência de muitos anos do PTB no poder?

Diante do desenvolvimento da região relatado por Tedesco, cabem algumas reflexões acerca da estagnação pós-1960. Uma delas é que não podemos explicar a estagnação do município no período apenas pelo viés da rivalidade política local, que se estendeu por muitos anos, pois outras questões são pertinentes. É preciso entender o contexto global e perceber que a política não fica restrita ao território do município, mas transcende-o. Internamente, ocorreram avanços significativos do município quando governado pelo PTB; por isso, faz-se necessário levantar algumas hipóteses para entendermos tal procedimento.

Vimos, anteriormente, que poucos incentivos estaduais eram dados à região pelo governo em razão da rivalidade interna, o que contribuiu, por exemplo, para o atraso na conquista de estradas para o município. Outro fator que explica como a cidade hoje, mesmo com um século de história, parece ter “parado no tempo” em vários aspectos foram as emancipações de seus principais distritos – em 1959, Muçum e, em 1960, Serafina Corrêa. Muçum, por mais de cinquenta anos, serviu como centralizador da dinâmica mercantil e comercial da região do Alto Taquari;²⁹⁰ assim, perdendo esse importante centro aglutinador da economia e não tendo atenção do poder público local e estadual, com políticas de incentivo industrial e também agrário, Guaporé começou a apresentar sinais de retrocesso se comparado a municípios vizinhos que se emanciparam de seus respectivos municípios praticamente no mesmo período, e muitos até depois.

Além disso, o abandono da ferrovia, com certeza, atingiu economicamente o município, pois essa fora de grande peso no desenvolvimento da região. Orestes Dall Bello recorda que a população foi muito prejudicada com a desativação da ferrovia, pois a estrutura ferroviária era muito boa. Segundo suas colocações, esse foi um fator que pesou muito para a estagnação não só do município, mas da região.

Para Gelhen, a rivalidade política do município, por si só, não causou tal estagnação, mas, sim, a falta de visão de muitos guaporenses, a falta de incentivos, a má administração no setor empresarial, enfim, fatores conjunturais que tomaram vulto, impedindo, de certa forma, um crescimento maior.²⁹¹

É preciso enfatizar também que algumas famílias, em busca de melhores condições de trabalho, rumaram para outros municípios, o que foi uma constante nas décadas de 1940, 1950, 1960 no Rio Grande do Sul. Esse êxodo prejudicou muitas regiões e também, certamente, o município de Guaporé.

Poderio católico junto à imprensa guaporense

Em 1928, sob comando dos irmãos maristas, foi fundado o Colégio Imaculada Conceição, onde eram promovidas atividades extracurriculares, como a Cruzada Eucarística Infantil, o

²⁸⁹ Idem, p. 37.

²⁹⁰ TEDESCO, op. cit., p. 30.

²⁹¹ Precisamos salientar que, pós-1963, a política do PTB no município apresentava sinais de fragilidade, como ocorria no contexto nacional. Com a tomada de poder pelos militares em 1964, o presidente do PTB, João Goulart, foi deposto; assim, também em nível local, esse partido apresentava sinais de fragilidade. Nesse momento, em Guaporé ganharam espaço o PSD e o PDC, mas logo veio a Arena, que se consagrou vitoriosa. Da década de 1970 em diante, os ânimos estavam fragilizados, pois com apenas com dois partidos em cena parece que os guaporenses perderam o espírito de rivalidade quanto à política. Diante de um contexto ditatorial, esfriou a acirrada rivalidade e a tão sonhada busca pelo poder.

Apostolado da Oração, a Juventude Católica, a Congregação Mariana, o Centro de Instrução Pré-Militar, o Tiro de Guerra e o Batalhão Ginásial O Conceição; ainda, o Coral Conceição, o Grêmio Literário, o Grupo de Teatro e a Banda Marcial Conceição.

O Colégio Conceição, conceituado entre os guaporenses, tendo em sua fachada um monumento a Marcelino Champagnat, abrigou também, de 1945 até 1952, a Escola Normal Rural. Esse colégio destacou-se regionalmente e por ele passaram muitos políticos que mais tarde atuaram no estado. Referentemente a esse colégio, é importante destacar a questão jornalística, isto é, seu papel na grande participação da Igreja na imprensa. Esse envolvimento merece ser abordado por pretendermos entender as relações do clero com a política, seu posicionamento diante dos católicos. Como foi possível constatar no capítulo anterior, a Igreja conseguiu atuar intensamente através da imprensa, o que também se confirmou no município de Guaporé.

Guaporé possuía em 1946 um jornal, *O Mensageiro*, órgão da associação do Ginásio Municipal Imaculada Conceição. Verifica-se num dos exemplares do jornal que havia a cooperação de perrepistas como Luiz Compagnoni. O jornal apresentava-se como um importante órgão de apoio à campanha *Problema da Boa Imprensa*, visando divulgar e propagar jornais católicos. Compagnoni dizia estar comprometido com a divulgação de uma boa imprensa católica, principalmente na Semana de Ação Católica.²⁹²

No pequeno município, é visível a relação da Igreja Católica com membros da ideologia integralista/perrepista, nesse caso através de *O Mensageiro*, que aparece vinculado a militantes e simpatizantes do PRP, cooperando na expansão dos ideais desse partido. Portanto, não só nos grandes centros, como Porto Alegre, a Igreja mantinha vínculos com perrepistas através da imprensa.

O importante jornal Católico *A Nação*, da família Metzler e da Cúria de Porto Alegre, pelo que foi possível constatar, também chegava aos leitores de Guaporé. Compagnoni, referindo-se ao jornal *O Mensageiro*, dizia: “Sinto-me comovidamente grato pela nota desta redação, inserta no n. 22 de *O Mensageiro*, aludindo ao meu artigo *O Problema da Boa Imprensa*, publicado em *A Nação*.”²⁹³

Mesmo num período de grandes dificuldades para os municípios do interior terem acesso aos grandes centros, Guaporé mantinha vínculos próximos com a capital do estado, com membros do jornal católico *A Nação*, principalmente os perrepistas Juracy de Assis Machado e Luiz Compagnoni. Na correspondência mantida entre as redações dos dois jornais, observamos que sobre os jovens estudantes recaía a esperança de um avanço jornalístico católico – *uma boa imprensa!* Buscava-se difundir nas escolas a importância da

²⁹² Correspondência expedida de Porto Alegre para *O Mensageiro*, Guaporé, ano I, n. 22, set. 1946. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

²⁹³ Correspondência POA, 21 out. 1946 para *O Mensageiro*. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

imprensa católica e, ao expandir essas idéias, propagava-se uma ideologia política voltada aos partidos de direita, entre eles o PRP. Diante do exposto, percebe-se nessa correspondência do perrepista Compagnoni ao colégio Conceição a grande importância em continuar editando um jornal com princípios católicos:

Vosso começo é esplendido, revelador de ótimas vocações para que a Igreja e a Pátria possam contar no futuro com verdadeiros jornalistas católicos. A luta pela Imprensa Católica está muito bem lançada neste ginásio. É assim que se iniciam os bons jornalistas. Que deste recanto do Rio Grande, venha até nós uma pleiade brilhante de jornalistas católicos! Este é o pedido sincero que faço a Deus Nosso Senhor. Por Cristo e Pela Pátria.²⁹⁴

O Ginásio Imaculada Conceição, sob o comando de maristas, editava um jornal católico que apresentava conteúdo com tendência aos ideais perrepistas e mantinha vínculos com perrepistas da capital do estado. É interessante perceber que um jornal católico era editado e elaborado num colégio marista com vínculos partidários, especialmente com o PRP. Daí entendermos por que Wolfram conseguiu votação significativa num município que, à primeira vista, parecia pouco significativo em relação à atuação do PRP, diante de importantes cidades onde esse partido realmente conseguiu muitos adeptos. Em 1955, o jornal *O Mensageiro* foi substituído pelo *Ecos do Conceição* e, em 1958, surgiu o jornal *Nacê*, órgão da União Guaporense de Estudantes (UGE), também organizado no colégio por um marista, mas de abrangência maior, tendo como editor um aluno, Valmir Pereira, funcionário da rede ferroviária e partidário do PDC.²⁹⁵

Nas pesquisas feitas, foi possível verificar que há nesses jornais conteúdos voltados aos ideais integralistas/perrepistas visto que, mesmo não explicitando posicionamento político, os artigos trazem expressões de ênfase ao patriotismo e também de simbologia semelhante à integralista. Tão forte e enraizada aparece a defesa do nativo que o jornal dos estudantes de 1958 chamou-se *Nacê* e trazia na capa, de um lado, a figura do índio Nacê e, do outro, uma imagem da cidade, simbolizando o desenvolvimento e o progresso industrial.²⁹⁶ Esses ideais, o de valorizar o nativo e o crescimento industrial, eram ressaltados no movimento integralista na década de 1930. Grande destaque era dado também à história da cidade e ao seu nome, relatando-se que os municípios vizinhos haviam escolhido nomes como Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa, ao passo que Guaporé (“Vale sem gente”) exaltara o nativo.

Não há como negar, por essas evidências na imprensa guaporense da época, que está presente entre a juventude e em meio ao clero, através da imprensa, a defesa do idealismo integralista/perrepista. Ao analisar jornais, conseguimos perceber que os ideais de incentivo ao ensino particular, difundidas pelo perrepista Metzler, também aparecem na imprensa guaporense. A

²⁹⁴ Correspondência Luiz Compagnoni para a redação de *O Mensageiro*, 21 out. 1946. Arquivo CD-AIB/PRP, Porto Alegre.

²⁹⁵ GEHLEN, Bianor, op. cit.

²⁹⁶ *Nacê*, Guaporé, ano I, n. 3, jun. 1958. Arquivo particular Antônio Spiler, Guaporé.

idéia que prevalece é de que a escola particular era importante e precisava cada vez mais de incentivo.

Mesmo com acesso a poucos exemplares desses jornais, evidencia-se o incentivo à educação através da escola particular, à religião católica e a um certo culto ao homem nativo. Tanto no *Ecos do Conceição* como no *Nacê*, exalta-se um certo indianismo, com referências elogiosas ao surgimento da cidade e ao seu nome indígena. Numa das reportagens que localizamos, salienta-se que Nacê foi um símbolo para Guaporé, sendo um cacique da região, o qual, mesmo sob orientação dos padres para abandonar juntamente com outros índios a região e procurar terras mais produtivas, não o fez, preferindo continuar selvagem a deixar as terras de Guaporé.²⁹⁷

Relata-se ainda que, “mesmo tendo razão os padres, mesmo assim Nacê e seus conselheiros nos deixaram o legado de como devemos trabalhar a terra hospitaleira que nos viu nascer”. No artigo, são dirigidas críticas aos que abandonaram terras “tão boas, para embrenhar-se, não em lugares mais civilizados, mas pelos matos do Paraná”.²⁹⁸

Segundo Biano Gelhen, um de nossos entrevistados, a migração de guaporenses para o estado do Paraná era realmente um problema, tanto que a imprensa salientava muito a questão. Relata que eram muitas as famílias que partiam, incentivadas pelas promessas de companhias de colonização, em busca de terras mais produtivas, como as terras planas do Paraná. Essa argumentação leva-nos a lembrar a figura de Wolfram Metzler, que em muitos de seus trabalhos, relatados nos capítulos anteriores, expressou grande indignação pelo fato de os colonos abandonarem suas terras, incentivados e iludidos por companhias de colonização, para buscarem em outras regiões melhores condições de vida.

Clero e política

relações conturbadas e de disputas em meio aos guaporenses

E a Igreja Católica no município envolvia-se com questões políticas? Observamos que alguns padres mantiveram-se neutros, ao passo que outros se envolveram mais diretamente, como o padre Corso. Relata-nos Zanon: “Quando veio o padre Ângelo Corso para cá, aí o homem era um líder, tanto que tem um monumento (estátua) seu na praça. Era homem fantástico, fez a igreja, fez o seminário, ele era do PSD, não era do partido, mas as idéias. Sempre liderou dentro do município [...]. Um dia ele me disse: Emílio, o padre tem que ter uma bíblia numa mão e o jornal na outra. Ele mudou tudo, mas não entrou na política.”²⁹⁹

Qual foi o papel de membros do clero em meio ao conflito político?

²⁹⁷ Nacê, um símbolo para Guaporé. *Ecos do Conceição*, Guaporé, ano I, n. 3, 20 maio 1955. p. 2 Arquivo particular de Antônio Spiler.

²⁹⁸ *Idem*, p. 3.

²⁹⁹ ZANON, *op. cit.*

Observamos que o Partido Democrata Cristão teve grande receptividade em meio aos jovens guaporenses, sustentando em seu programa que tinha soluções para acabar com a rivalidade entre o PTB e PSD em Guaporé, pois considerava-se – “o algodão entre os cristais”.³⁰⁰ Por ser um partido novo, apresentava-se como uma alternativa para reduzir o conflito entre os partidos tradicionais, já que a população nada tinha a argumentar contra um partido que acabara de nascer, principalmente por ser formado por jovens advindos do meio católico.

A participação de membros do clero fazia-se presente significativamente na estruturação do partido que acabava de surgir. Spiler relata ter participado ativamente na divulgação das idéias do novo partido e que o clero teve a grande atuação em meio aos partidários e simpatizantes do PDC:

O grupo que formou o PDC tem origem na A.C., só não existia aquela política extensiva porque a A.C. era espiritual, não existia uma linha política. Agora, não se pode negar que havia uma forte tendência da Igreja na política. Sempre eles vinham com argumento: “Vocês são oriundos da A.C.” Então nos apoiavam na época das eleições municipais. O PDC conseguiu apoio dos padres por ser um partido cristão e porque quem movimentou essa candidatura foram os jovens que saíram da A.C.³⁰¹

A participação e o apoio de membros do clero em vários momentos na política guaporense são visíveis, principalmente na eleição de 1963, quando o PDC deu seu apoio ao PL, PSD, UDN, PRP para destituir do poder o PTB. Ao apoiar essa coligação, a Igreja demonstrou seu posicionamento em combater o PTB e reforçar os demais partidos, inclusive o do grande líder João M. Pereira, que iria propor a construção de um Cristo Redentor na cidade – um grande símbolo para fortificar o catolicismo entre a população. Spiler afirma que alguns padres tinham afinidade com os partidos de direita: “Eu me lembro dos padres, sempre foram de tendência de centro, direita, sempre. Teve um mais afoito – padre Ângelo Corso.”³⁰²

³⁰⁰ Expressão de Spiler.

³⁰¹ SPILER, op. cit.

³⁰² Idem.

Segundo depoimentos, o padre Corso demonstrava claramente sua visão quanto à política, com total tendência à direita: “Ele nos chamava na canônica e dizia: vocês precisam ir lá, nos indicava pessoas.”³⁰³

A atuação política do padre não acontecia apenas em seus sermões, mas em conversas e em sua atuação na comunidade. Nesse período, havia uma emissora de rádio da Igreja, cujos programas eram nitidamente direcionados pelo religioso: “A rádio tinha uma importância grande, ela era franqueada por nós.”³⁰⁴ O rádio, no período, era um veículo fundamental e de inquestionável poder; logo, a parcialidade parece existir, pois os políticos da direita tinham voz ativa e espaço importante na programação da emissora.

A atuação do padre Corso realmente chama a atenção, sendo lembrado como uma grande liderança da cidade. Foi amigo de vários políticos, inclusive de Ildo Pasquali – “este era de uma alma fantástica, inclusive ele foi para guerra, ele era de uma positividade tal que os políticos daqui o respeitavam. De vez em quando chamava a atenção, não mandava dizer as coisas... Que respeito a gente tinha por ele”.³⁰⁵ O posicionamento claro do padre certamente gerou conflito, mas sua liderança parece ter intimidado o *inimigo*. A respeito, conta-se que, certa vez, formou-se um movimento para enfrentar o padre, porém esse não obteve êxito.

Um dos momentos em que, inquestionavelmente, transparece o quanto o padre era atuante no meio político e tinha força nas questões relativas ao município é sua participação num grupo de políticos guaporenses que teve uma audiência no palácio Piratini em Porto Alegre com o governador Meneghetti.

³⁰³ Idem.

³⁰⁴ Idem.

³⁰⁵ PASQUALI, op. cit.



Figura 1 - Reunião no Palácio Piratini Porto Alegre, 1965. Ao centro, o governador Ildo Meneghetti e à sua direita o Padre Ângelo Corso; ao lado do padre, o prefeito de Guaporé, Eloy Britto e seu vice, Ildo Pasquali.

Sobre esse encontro, numa carta dirigida ao povo de Guaporé, Ildo Pasquali, vice-prefeito, comentou a sua satisfação em divulgar que uma comissão estivera em audiência com governador Ildo Meneghetti, do qual recebera integral apoio à administração nos setores de energia, estradas, agricultura e educação. Nessa ocasião, o padre Corso integrara a comissão, demonstrando sua ativa participação na política municipal.

Gelhen, um atuante político do PSD, recorda também que era intensa a participação do padre no meio político, constituindo-se na maior autoridade pessoal e moral que conheceu. Ressalta que a maioria dos padres era do PTB, porém João Corso era PSD e muito amigo do governador Meneghetti – “houve uma festa de aniversário do padre e o Meneghetti veio para a janta”.³⁰⁶ O entrevistado também relata que, num certo período, havia cinco missas pela manhã, e as pessoas dividiam-se para assistir a elas: os que eram

³⁰⁶ Gelhen, op . cit.

PTB participavam da missa realizada pelos padres que eram deste partido e os partidários da direita, à do padre Corso.³⁰⁷

Não é possível dizer se grande número de padres se posicionou claramente quanto a posições políticas, mas num período significativo o padre Corso marcou presença e, como muitos outros religiosos no Rio Grande do Sul, atuou como um militante político. Pelo grande prestígio que goza um padre, inferimos que ele exerceu certamente influência em meio aos guaporenses. Se nos remetermos a outras regiões, veremos que esse procedimento não é privilégio apenas de Guaporé – basta lembrar do apoio que Metzler recebeu em vários momentos de membros do clero. Mas quem era o padre Corso? Qual foi o seu período de atuação?

Em documento sobre o centenário da paróquia Santo Antônio de Guaporé, conta-se um pouco sobre a trajetória dos padres que por ela passaram e as marcas que deixaram. Sobre o padre Ângelo Corso, relata-se que marcou profundamente não apenas a sociedade guaporense, mas também o Rio Grande do Sul e a própria congregação. Chegado ao estado em 1938, permaneceu como pároco de Guaporé até 1946, quando foi chamado de volta à Itália. Em 1951, retornou ao Rio Grande do Sul e, em 1952, assumiu novamente a tarefa de pároco de Guaporé, permanecendo até 1958, quando foi eleito superior da Província de São Pedro, cargo que ocupou até 1964. Depois, foi coordenador de Nova Bassano (1964-1965); de 1965 até 1967, atuou em Dois Lajeados e, de 1967 a 1973, foi coordenador de Guaporé. Faleceu em 1978 no seminário São Carlos na cidade de Guaporé.

Como é possível perceber, o religioso atuou por muito tempo em Guaporé: “Desassombrado e vibrante, suas posições e suas palavras as vezes provocavam polêmica, às vezes eram tão fortes que pareciam esmagar, mas sempre tiveram uma direção: o Rumo de Deus e o bem dos homens.”³⁰⁸ Se sua conduta provocava polêmica, já que claramente tinha um posicionamento de simpatia pelos partidos de direita, como podia servir e atender ao povo de forma imparcial?

Em vários discursos, a Igreja diz não ser partidária. Como se explica, então, que muitos de seus membros canalizem interesses partidários via religião? O fato de ser

³⁰⁷ Idem.

³⁰⁸ BARP, Telvino José. *Centenário da paróquia Santo Antônio de Guaporé*. Passo Fundo: Editora Pe. Berthier, 1997. p. 31-32.

italiano, de ter vivido muitos anos num meio onde regimes autoritários afluíam e de ter participado da Primeira Guerra Mundial parece tê-lo levado a simpatizar com condutas mais exaltadas em relação à política. Barp salienta a figura do padre dizendo: “Ele liderava, como estudante na Itália, um movimento renovador dentro da congregação. Depois trabalhara em seminários antes de vir para cá. E quando veio, trouxe idéias, entusiasmo e sua personalidade fortíssima. Segundo os que o conheceram mais de perto, era um furacão solto.”³⁰⁹

Parece não haver dúvida da forte atuação desse membro da Igreja em meio os guaporenses, o qual conseguiu, através de seu poder, extrapolar os caminhos da fé, difundindo, juntamente com as pregações religiosas, outros ideais.

Dentre os párocos que passaram por Guaporé, chama atenção que foi Ângelo Corso o escolhido para ocupar um lugar de destaque, tanto que um busto desse personagem foi levantado recentemente na praça da cidade. Isso nos leva a concluir que os heróis não morrem jamais, nem caem de moda; pelo contrário, ressurgem com toda a força, razão pela qual se elevam estátuas, mesmo que grande parte da platéia não entenda o seu significado. Ao destacar figuras como Corso, percebemos que um certo conservadorismo está enraizado e perpetua-se no decorrer do tempo, precisando ser lembrado constantemente.

O padre é destacado como uma pessoa que nunca temeu circunstâncias adversas nem qualquer pessoa, não deixando de tomar posição. Barp exalta a figura do padre dizendo: “É capaz de forçar a barra para conseguir mais donativos para as obras... Combater em público o lupanar que querem abrir nas cercanias da cidade. E com isso compra briga feia com figuras de expressão e autoridades do município, que o denunciam ao Bispo e a polícia. Tem que ir a Porto Alegre para explicar-se... Mas acaba apoiado pelos superiores.”³¹⁰

Diante do exposto, constatamos que o procedimento do padre gerou conflitos e dividiu muitas vezes a população, ficando, de um lado, os que o veneravam e por ele tinham muito respeito e, de outro, aqueles que não aceitavam sua maneira de conduzir a religião. Nesse confronto, o religioso buscou sempre fazer predominar seu posicionamento, até porque gozava de grande prestígio entre muitas autoridades do município. Todos os

³⁰⁹ Idem, p. 31-32.

³¹⁰ Idem, p. 31-32.

entrevistados ressaltaram o grande envolvimento do padre na política, na defesa de suas idéias, como Orestes Dall Bello, que ressaltou o fato de ele retornar da Itália para Guaporé.

Obviamente, o município em foco não é o único em que houve confrontos políticos de grande repercussão, mas, por meio de sua análise, visualiza-se que em Guaporé, mesmo longe de centros maiores, as articulações ocorriam e apresentaram peculiaridades regionais. No caso específico, o PRP buscou consolidar-se à sua maneira nas regiões, não atendendo expressamente às ordens do comando estadual. Mesmo não conseguindo destacar-se individualmente, o PRP fez prevalecer em muitos momentos seus ideais, que se consolidaram e perpassaram os do PSD e, mais tarde, da Arena, deixando marcas presentes, como *um certo conservadorismo*, ou seja, o ideal do tradicional, do temor da ruptura, permanece. As mudanças esbarram em velhos ideais de não-rompimento com o conservadorismo, como se nele estivessem as soluções para todos os problemas.

E hoje, em âmbito nacional, o que dizer do posicionamento da Igreja frente às questões de cunho político? Recentemente, o país esteve inserido num contexto de eleições, quando chamaram a atenção algumas declarações da instituição aos seus fiéis. Ao levantarmos indagações sobre a conduta da Igreja frente à política, acreditamos que ela permanece ainda centrada em muitos princípios da década de 1930, sobretudo no que se refere a propostas políticas de cunho esquerdista. Estamos nos referindo à Cartilha Eleitoral 2002, lançada com fins de *reflexão* pelo conselho da CNBB e divulgada no estado pelo arcebispo dom Dadeus Grings a todas as dioceses.

Destaca-se com ênfase nesse documento que todo católico precisa primar pelos dez mandamentos e, em tempos de eleição, lembrá-los como critério a ser seguido. A cartilha faz-nos rememorar o período em que a LEC atuava intensamente, indicando os candidatos recomendados pela Igreja. Parece persistir ainda hoje tal procedimento, visto que, na cartilha de divulgação do que a Igreja pensa a respeito das eleições, claramente se identifica em quem os católicos deverão votar, ou melhor, em quem não deverão votar. Salienta-se, no sétimo mandamento, que os católicos não poderão votar em

quem incentiva invasão de propriedade legitimamente adquiridas ou de utilidade pública, quer em prédios, quer em terras; ou legitima saques e arrombamentos como meios de organizar a sociedade; ou pauta sua conduta e suas posses usufruindo indevidamente de bens que deveria administrar, deixando-se levar

pela corrupção e desonestidade neste campo; não tem visão de justiça e de bem comum”.³¹¹

Segue o décimo mandamento dizendo não ser possível votar em quem “apresenta falsas promessas da repartição de bens, que não lhe pertencem, e leva as pessoas a se organizarem para obter, à força, o que não querem merecer pelo trabalho; cria insatisfações no povo para levá-lo a medidas radicais”.³¹² Tal posicionamento se refere aos mandamentos como algo supremo, que provém de Deus e não é invenção humana – “é preciso amar os bens que Deus nos colocou à disposição”.³¹³

Diante dessa exposição, observa-se como ainda está enraizado um ideário conservador e um temor em refletir de verdade sobre a questão da má distribuição de renda no Brasil. Parece estar presente ainda o grande e assolador *perigo vermelho*. Não seriam, então, pertinentes algumas reflexões sobre isso, já que a instituição, de valor significativo no meio brasileiro, sabe que muitos dos problemas sociais são decorrentes da concentração de bens nas mãos de poucos? Será que, diante de tamanha desigualdade, temos de aceitar tal situação como vontade divina?

O renascer dos ideais integralistas

Com a finalidade de demonstrar que os ideais integralistas perpassam e estão presentes na sociedade rio-grandense ainda hoje, faz-se necessário refletir sobre como os ideais integralistas ressurgem e de que forma isso ocorre. Mesmo que tenham, em alguns momentos, se apresentado com uma nova roupagem, esses permanecem com as características da década de 1930, especialmente quanto ao autoritarismo, à hierarquia e ao espiritualismo.

³¹¹ Cartilha Eleitoral 2002, Arcebispo de Porto Alegre dom Grings. Arquivo particular de Ildo Pasquali, Guaporé.

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

Diante da abertura política da década de 1980, algumas questões são pertinentes sobre o ressurgimento dos ideais integralistas e nos remetem à indagação sobre se ganham expressão principalmente no cenário rio-grandense.

Percebe-se que o prestígio de Wolfram transcendeu as décadas de 30, 40 e 50. Anos depois, muitos políticos ainda enfatizam suas idéias e entendem que se deveria propagar essa figura junto à sociedade pelos seus feitos. É possível, ilustrativamente, citar as várias homenagens feitas a esse personagem, como o nome dado a escolas: Escola Estadual de 1º Grau Wolfram Metzler, em Bela Vista, Venâncio Aires; Escola Estadual de 1º Grau Dr. Wolfram Metzler, em Novo Hamburgo; à rua Wolfram Metzler, logradouro público no conjunto residencial Rubem Berta – Cohab, em Porto Alegre, no ano de 1994; busto de Wolfram Metzler, em Novo Hamburgo, na escola que possui seu nome; busto em bronze em Santo Cristo, em 1976; praça em Santo Cristo.

O que faz com que políticos, como o vereador João Dib, apresentem um projeto de lei para homenagear Wolfram Metzler, um político das décadas de 30, 40 e 50? Seria um retorno aos ideais integralistas? Na década de 1980, houve uma acentuada motivação para o resgate dos ideais integralistas, conclamando-se todos os brasileiros para, juntos, traçarem um novo rumo para o país, pois

o ensinamento do chefe é, hoje, mais atual do que nunca, para salvar a nossa Pátria e o nosso continente, e para salvar a civilização cristã, dos graves males que nos ameaçam [...]. Essa mensagem é uma convocação. É a convocação de todos os integralistas a que se unam, se organizem, elejam seus dirigentes e conselheiros distritais, municipais, provinciais, regionais e nacionais, e se ofereçam para exercer as funções e cargos que possam a serviço de Deus e da Pátria.³¹⁴

Salta aos olhos nessa mobilização para reintegrar o partido integralista à mesma ideologia: a do combate ao inimigo de sempre, o comunismo. Mesmo em pleno período de enfraquecimento desse temor, os *novos integralistas* propagam ideais de salvação da sociedade cristã dos graves males que ameaçam os países da América Central e do Sul. Enfatiza-se que, se o Brasil tivesse trilhado os caminhos traçados pelo chefe Plínio Salgado,

³¹⁴ *Boletim do Sigma*. Mobilização dos integralistas. São Paulo, 27 jan. 1985. Anésio Lara Junior, diretor e coordenador da AIB. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

não haveria uma gigantesca dívida externa e o país seria uma potência internacional.³¹⁵ Entretanto, o retorno de um movimento com embasamentos e princípios autoritários não seria contraditório no contexto de abertura política da década de 1980? Como podem ressurgir concepções autoritárias num período de esgotamento da ditadura e num processo de busca da democracia?

Com intenso clamor e apelo, na década de 1980 buscava-se chamar os militantes integralistas e perrepeistas para novamente colocarem na ativa o movimento integralista; era um chamamento “sagrado”, tendo como chefe universal Cristo, pois o discurso era feito sob forte conotação cristã. Procurava-se demonstrar que, diante dos eminentes perigos, cabia à família, como célula principal da sociedade, ingressar nas fileiras da AIB: “É preciso reagir, através do movimento, através da ação”³¹⁶. Então, intensificaram-se os argumentos utilizados na década de 30, consagrando-se os integralistas como soldados de Deus e da Pátria, que voltavam à ativa com boa organização e pretendiam voar alto, “mais alto que as águias e os condores”.³¹⁷

As críticas recaíam de forma intensa sobre o comunismo ateu, de modo que combatê-lo passava a ser o objetivo primeiro. Os comunistas eram identificados com os propulsores da desordem brasileira, com os que haviam ateado fogo nos quartéis, saqueado lojas, depredado vitrines, destruído redes de transmissão elétrica, esvaziado os mananciais de água, destruído fábricas, invadido escritórios, violado lares, apoderado-se dos jovens, implantado a anarquia, a guerrilha, a guerra civil, confiscado terras, gado, plantações, veículos, indústrias..., estabelecendo, enfim, um tirânico capitalismo.³¹⁸

Cabe aqui uma indagação: como podem os integralistas atribuir o aniquilamento do país, os conflitos, problemas econômicos e sociais aos comunistas apenas se quem governou o país por 21 anos foram militares, com seu extremado autoritarismo? Dizer que comunistas são culpados não seria um modo de encobrir sua parcela de culpa, já que muitos políticos integralistas atuaram no regime militar?

³¹⁵ Idem.

³¹⁶ *Boletim do Sigma*. Mensagem aos companheiros da AIB e do Movimento Integralista Brasileiro. São Paulo, 19 fev. 1985. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis, Porto Alegre.

³¹⁷ Idem.

³¹⁸ *Boletim do Sigma*. Mobilização Nacional, São Paulo, 27 fev. 1985. Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis, Porto Alegre.

Movimentos de protesto, de repulsa, guerrilhas e conflitos ocorreram e, certamente, comunistas deles fizeram parte, mas é preciso ter presente que o fizeram em oposição a um regime e a um sistema que violentava a liberdade do homem. Muitos foram os lares invadidos, jovens perseguidos, direitos humanos violados, num verdadeiro caos tanto econômico como social, desencadeado sobretudo pelo governo. Na década de 1980, os velhos integralistas tentaram se rearticular, convidando rapazes e moças adolescentes e jovens, até anciãos, desde atletas e ginastas, até os portadores de defeitos físicos, ou enfermos, a retomarem os ideais do velho integralismo, agora com novas propostas e novo programa para mudar o Brasil.

A difusão e a propagação dos ideais integralistas na década de 1980 demonstram que o objetivo era retomar os princípios do movimento da década de 1930 e implantar no Brasil o Estado integral, com grande patriotismo e profundo sentido cristão. Reforçava-se a questão da autoridade, da hierarquia e da disciplina. Justificava-se que o Brasil necessitava de hierarquia, de confiança, de ordem, de paz, de respeito, mas isso só seria possível mediante a implantação do integralismo; só ele, com suas propostas voltadas à família, ao Estado cristão, ao nacionalismo, à defesa da propriedade privada, a uma legislação social protetora do trabalhador rural e da cidade, proporcionaria a *felicidade nacional*.³¹⁹

O ressurgimento do movimento, entretanto, encontrou empecilhos, pois não se formou um grupo homogêneo em volta dos velhos integralistas; ao contrário, ocorreu uma ruptura: de um lado, os que almejavam a volta do integralismo preconizado nas décadas de 1930, sem alteração alguma; de outro, os que propunham algumas alterações. Diante disso, conflitos ocorreram, enfraquecendo, pelo que é possível perceber, o retorno glamuroso pretendido por alguns membros do integralismo.

Em 1986, alguns membros da AIB e do ex-Partido da Representação Popular, como Guido Modin, Osvaldo Zanello e Abel Rafael, manifestaram-se criticando a postura assumida por alguns integralistas. As críticas eram feitas ao modo como os antigos companheiros estavam tentando reagrupar-se no país:

O grupo de Brasília se declara independente de qualquer agremiação de caráter político-partidário.

³¹⁹ Idem.

Reafirmam os postulados espiritualistas e a defesa da trilogia, Deus, Pátria e família, com o primado do espiritual sobre o moral, do moral sobre o social, do social sobre o nacional e do nacional sobre o particular.

É, pois, adversário incondicional de toda e qualquer forma de materialismo.

Funda neste momento o Centro de Estudos Políticos e Sociais – CEPS, entidade civil, apartidária, que se dedicará aos estudos da realidade nacional, da problemática política e econômica e das tradições cívico-culturais do Brasil – baseado nos critérios cristãos.

Dispõe-se, portanto, a influir, na vida política e social do Brasil, por meio dos seus integrantes e dos companheiros de ideal espalhados pela imensidão da Pátria, os quais devem ingressar nos partidos políticos que não tenham divergência doutrinária com os princípios acima expostos.

Espera, pois, adesão da mocidade descompromissada com os erros da sociedade atual e de aqueles que ainda crêem nos altos destinos do Brasil.³²⁰

Fica claro, portanto, o conflito instaurado quando o assunto era o ressurgimento do integralismo nos moldes organizacionais da década de 1930. Tal ruptura aparece explicitamente no *Boletim do Sigma*, onde eram feitas exaltadas defesas do porquê do retorno dos velhos tempos do integralismo:

Fundar um partido fora do nome da AIB é cair no descrédito do povo brasileiro, cansado e enganado de tantas siglas, cada uma delas escondendo o apetite voraz e fisiológico dos seus inescrupulosos manipuladores [...]. Todo este quadro de degradação política do povo brasileiro foi detectado, desde 1932, pelo integralismo com soluções próprias, brasileiras, para a legitimação da nossa autêntica representação política através da câmara orgânica [...].³²¹

Alguns integralistas manifestaram sua decepção com aqueles que no passado haviam lutado pela ideologia, mas que, agora, procuravam integrar-se em outros partidos. “Minha profunda decepção com os companheiros que se arvoram em herdeiros da doutrina de Plínio Salgado e relutam em coordenar os seus remanescentes através de um partido político aproveitando as facilidades, para isso, concedidas pela Nova República”.³²²

Muitos velhos integralistas não aceitaram que companheiros que haviam lutado pela ideologia integralista não combatessem o comunismo nem levantassem a bandeira verde e amarela. Argumentavam que o “integralismo só poderá ressurgir com o entusiasmo

³²⁰ MODIN, Guido; ZANELLO, Oswaldo; RAFAEL, Abel. Manifesto, Brasília 13 maio 1986. Assinado: Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis, Porto Alegre.

³²¹ *Boletim do Sigma*. Notícias do integralismo do conselheiro Arthur Véri, São Paulo, 7 ago. 1985. p. 3. Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

³²² *Boletim do Sigma*. Carta de Arthur Véri ao companheiro Anésio Lara F., 7 ago. 1985. Arquivo particular de Maria E. M. Blazoudakis.

daqueles que participaram do movimento nos idos de 1932 a 1937”.³²³ É preciso ressaltar que o temor referente ao comunismo tornou-se manifesto porque, no pós-85, os partidos foram legalizados, inclusive o PC. “E temos que nos identificar [...] pelo menos com a nossa identificação histórica que estão agindo às claras com suas bandeiras desfraldadas da foice e do martelo. A nossa bandeira é a verde e amarela como o sigma.”³²⁴

Os velhos integralistas salientavam que os ideais integralistas preconizados na década de 1930 estavam voltando estruturados como partido político porque acreditavam que o “integralismo não era saudosismo, mas sim, ação”.³²⁵

Mesmo que nesse confronto rupturas tenham ocorrido entre os que queriam o ressurgimento do integralismo e os que não o desejavam, que divergissem quanto à organização do movimento, entendemos que não houve abandono da ideologia integralista, pois muitos permaneceram fiéis ao seu conservadorismo e ao autoritarismo; apenas ingressaram em outros partidos, que compartilhavam os ideais do integralismo.

No Rio Grande do Sul, ex-integralistas e membros do antigo PRP procuraram não deixar apagar a *chama integralista*, que se propagara por todo o Brasil, tanto a década de 30 como a preconizada mais tarde através do PRP. Devotos do passado buscavam cultuar os velhos ideais integralistas, especialmente os da espiritualidade, hierarquia, ordem, disciplina, amor à pátria e combate ao comunismo. Através de encontros, reuniões e jantares aglutinaram-se e especialmente em torno de uma sede, Associação Cívico-Cultural Minuano, existente até hoje em Porto Alegre, velhos integralistas tentaram não deixar que o tempo apagasse um período que para eles fora áureo.³²⁶

³²³ Idem.

³²⁴ Idem.

³²⁵ Idem.

³²⁶ *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 jul. 1999. p. 10. Arquivo particular de Maria E. Metzler Blazoudakis.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)